



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS 1 – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE**

JÉSSICA DA SILVA NASCIMENTO

**IDENTIDADE E AUTORITARISMO EM *NINGUÉM NASCE HERÓI*, DE ERIC
NOVELLO**

CAMPINA GRANDE – PB
2022

JÉSSICA DA SILVA NASCIMENTO

IDENTIDADE E AUTORITARISMO EM *NINGUÉM NASCE HERÓI*, DE ERIC NOVELLO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em literatura e interculturalidade.

Área de concentração: Literatura e Estudos Interculturais

Orientador: Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva

**CAMPINA GRANDE – PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244i Nascimento, Jéssica da Silva.
Identidade e autoritarismo em Ninguém nasce herói, de Eric Novell [manuscrito] / Jéssica da Silva Nascimento. - 2022. 93 p.

Digitado.
Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.
"Orientação : Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Identidade. 2. Autoritarismo. 3. Distopia. 4. Análise literária. I. Título

21. ed. CDD 801.95

JÉSSICA DA SILVA NASCIMENTO

IDENTIDADE E AUTORITARISMO EM *NINGUÉM NASCE HERÓI*, DE ERIC
NOVELLO.

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Literatura e Interculturalidade da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de mestre em Literatura e
Interculturalidade.

Área de concentração: Literatura e
Estudos Interculturais.

Aprovada em: 27/04/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Isis Milreu
Universidade Federal da Paraíba (UFCG)



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, de onde tirei forças para concluir essa jornada.

À minha família – pais, irmã e irmão – por sempre me apoiarem e incentivarem a seguir em frente. Obrigada por compreenderem minhas ausências durante esse tempo.

A André, meu companheiro de todos os dias, que amparou meu choro quando tudo ficou difícil, me incentivou a continuar mesmo quando nem eu mesma acreditava e comemorou minhas vitórias como se fossem também suas.

Às minhas amigas Andreia, Monique, Estela, Samara, Fátima e Railma, por, mesmo à distância, enviarem palavras de incentivo.

Aos meus colegas de mestrado, com os quais pude compartilhar experiências e os quais enriqueceram muito minha caminhada.

Aos docentes do programa, que mesmo enfrentando uma fase difícil de aulas online, se mostraram dedicados e comprometidos com nosso crescimento. O que aqui aprendi levarei para sempre.

Ao professor Reginaldo, por me acolher como orientanda, ter paciência, dedicação e percepção minuciosa dos caminhos que eu precisava percorrer neste trabalho.

À CAPES, pela bolsa que possibilitou a conclusão desta pesquisa.

A todos que me apoiaram e incentivaram desde o início da pós-graduação.

RESUMO

Trata-se na presente dissertação da análise das relações entre identidade e autoritarismo em *Ninguém Nasce Herói* (2017), de Eric Novello. Desse modo, objetivamos compreender como as questões relacionadas à identidade se desenvolvem ao longo da narrativa e como se dá a aproximação da temática ao governo autoritário presente na obra. Além disso, discutimos, a partir das teorias de Moylan (2000), Hilário (2013) e Leopoldo e Silva (2016), como a escolha da distopia como modo narrativo influencia no tratamento do tema. Para tanto, iniciamos nosso trabalho traçando um panorama de como é colocado o problema da identidade nas obras do autor, com intuito de melhor compreendermos a forma como essas questões são tratadas na narrativa. Na sequência, a partir de autores como Hall (2011), Bauman (2005), Giddens (2002) e Castells (2018), fazemos um breve levantamento bibliográfico das teorias sobre identidade, principalmente da distinção entre a concepção essencialista e a não essencialista do tema. Em seguida, a partir do referencial teórico discutido, buscamos compreender o funcionamento do governo autoritário encontrado na obra e como ele se relaciona com a identidade, influenciando o *estilo de vida* (GIDDENS, 2002) e a construção da *auto-identidade* (GIDDENS, 2002) dos personagens. Para isso, lemos a obra a partir de conceitos de Rosa (2020) e Arendt (1989). Após essa compreensão, discorremos sobre as diferentes estratégias de resistência utilizadas pelos personagens e a forma como se ancoram na *identidade de resistência* (CASTELLS, 2018). Ao fim do trabalho, pudemos compreender que há uma estreita relação entre identidade e autoritarismo na obra e que ela ocorre de diferentes maneiras, a partir tanto da constituição dos poderes do governo quanto da resistência dos personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Autoritarismo. Distopia. Eric Novello.

ABSTRACT

The dissertation analyses the relations between identity and authoritarianism in *Ninguém Nasce Herói* (2017), by Eric Novello. Thereby, we aim to understand how the issues concerning identity are developed throughout the narrative and how this theme is approached by the authoritarian government of the work. Besides, based on the works of Moylan (2000), Hilário (2013) and Leopoldo e Silva (2016), we discuss how the choice of the dystopia as a narrative form influences the treatment of this theme. Therefore, we start by drawing a panorama of how the identity problem is placed in the works of the author, intending to better understand the way these issues are dealt in the narrative. In sequence, based on authors such as Hall (2011), Bauman (2005), Giddens (2002) e Castells (2018), we briefly discuss some theories of identity, focusing on the distinction between the essentialist and non-essentialist conceptions of identity. Then, based on the theory presented, we seek to comprehend how the authoritarian government presented in the story works and how it deals with the identity, it affecting the *lifestyle* (GIDDENS, 2002) and the construction of the *auto-identity* (GIDDENS, 2002) of the characters. Thereunto, we analyze the work based on the concepts by Rosa (2020) and Arendt (1989). Furthermore, we discuss the different strategies of resistance used by the characters and how they hold to the *resistance identity* (CASTELLS, 2018). At the end of the work, we found that there is a close relation between identity and authoritarianism in the work and that it occurs in different ways, from both the constitution of the government powers and the resistance of the characters.

KEYWORDS: Identity. Authoritarianism. Dystopia. Eric Novello.

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 7 |
| 2. <i>NINGUÉM NASCE HERÓI</i> E O PROBLEMA DA IDENTIDADE..... | 11 |
| 2.1. “Desconstrução é um processo constante”: construção dos personagens nas obras de Eric Novello..... | 11 |
| 2.2. O surgimento do conceito de identidade e o <i>descentramento do sujeito</i> | 20 |
| 2.3. A pluralização da identidade e as diversas formas de construí-la. | 28 |
| 3. “GENTE COMO NÓS, QUE MOSTRA A OUTRA FACE, APANHA”: GOVERNO AUTORITÁRIO E IDENTIDADES EM <i>NINGUÉM NASCE HERÓI</i> | 39 |
| 3.1. “Aviso de incêndio”: o autoritarismo distópico de <i>Ninguém Nasce Herói</i> | 39 |
| 3.1.1. O governo autoritário em <i>Ninguém Nasce Herói</i> | 46 |
| 3.2. Violência e medo: “como não pensar que tem gente sendo assassinada enquanto a gente brinda?”..... | 50 |
| 3.3. “Não é fácil ser um pacifista em tempos de repressão”: conflitos consigo e com os outros em relação a como viver e conviver com o autoritarismo..... | 61 |
| 4. “NINGUÉM NASCE HERÓI. MAS ISSO NÃO NOS IMPEDE DE SALVAR O MUNDO DE VEZ EM QUANDO”: <i>IDENTIDADE DE RESISTÊNCIA EM NINGUÉM NASCE HERÓI</i> . 65 | |
| 4.1. “Nosso espaço de liberdade”: comunicação e afeto como modos de resistência em locais de interação social. | 65 |
| 4.2. Subversão do gênero: “no nosso grupo todo mundo fica com todo mundo”..... | 71 |
| 4.3. “Um minuto de barulho”: quebra do silêncio e resistência em <i>Ninguém Nasce Herói</i> . 76 | |
| 4.4. <i>Identidade de resistência, política-vida</i> e o estabelecimento do <i>horizonte utópico</i> em <i>Ninguém Nasce Herói</i> | 82 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 86 |
| REFERÊNCIAS: | 90 |

1. INTRODUÇÃO

Unida ao Estado moderno surgiu, segundo Bauman (2005), a noção de identidade, a partir da necessidade de definir a identidade nacional. Por meio dessa ideia, estabeleceram-se formas de o sujeito ver a si mesmo e dos teóricos estudarem o tema a partir de um *descentramento do sujeito* (HALL, 2011). Junto a esse processo está uma concepção não essencialista de identidade, a partir da qual os sujeitos não a possuem como pré-estabelecida e sim a constroem ao longo da vida. Essa concepção dá maiores oportunidades de escolha para os indivíduos, mas também cria angústias provenientes do fato de que nem sempre as possibilidades de escolhas são abertas para todos ou de, nesse contexto, ser responsável por si mesmo, por vezes precisando dar prioridade a determinadas identidades em detrimento de outras. Além disso, apesar de as escolhas serem mais amplas, podem passar pela aprovação ou não da sociedade, que muitas vezes determina um certo padrão de identidades consideradas aceitáveis, geralmente relacionadas ao patriarcado e à heterossexualidade.

A literatura pode acompanhar esse processo, ao passo que, como afirma Candido (1974) há uma crescente complicação da psicologia dos personagens. Ao contrário dos heróis de epopeias, por exemplo, que geralmente viviam suas aventuras sem grandes conflitos existenciais, os personagens romanescos passam cada vez mais a ter um caráter contraditório e estarem em uma constante busca por si mesmos. Em face desta problemática comum às teorias e, supõe-se, à literatura, o que aqui indagamos é se as obras de Eric Novello poderiam ser lidas a partir dessa mudança progressiva, pois a primeira obra publicada pelo autor apresenta um protagonista corajoso e seguro de si, enquanto as obras seguintes vão acrescentando paulatinamente complicações a seus respectivos protagonistas. Entendendo que *Ninguém Nasce Herói* é resultado desse processo, pretendemos discutir como as questões relativas à identidade são colocadas na obra, relacionando-as com o governo autoritário a partir do qual ela é construída.

A narrativa de *Ninguém Nasce Herói* se desenvolve em um Brasil comandado por um governo autoritário baseado em preceitos cristãos, a partir dos quais ele se organiza e tenta controlar a população. Esse governo é construído por meio do gênero distopia, o qual se caracteriza por demonstrar uma totalização, ou seja, que as tendências ruins observadas no presente podem se intensificarem, assumindo uma quase irreversibilidade. Desse modo, *Ninguém Nasce Herói*, publicado em 2017, é fruto de uma crescente onda autoritária em âmbito mundial e nacional que, segundo Matangrano (2019), fez com que a publicação de distopias aumentasse.

A trama é desenvolvida em São Paulo, Brasil, e o país é governado por um líder denominado “O Escolhido”, o qual se baseia na Bíblia e nos preceitos evangélicos para governar. Assim, todos que não se encaixam no padrão branco, evangélico e heterossexual são oprimidos pelo governo e seus apoiadores, a partir tanto de decretos contra tais pessoas quanto através da força física de militares e de civis, os quais criavam grupos de extermínio. Chuvisco, o protagonista, é um jovem tradutor recém formado que se envolve durante a narrativa com Junior, um jovem trans, mas não busca se definir sexualmente, afirmando que para ele conexão emocional é mais importante que a sexual. Seu grupo de amigos contém desde ator a estudante de medicina, e a maioria deles possui sexualidades consideradas não normativas, a saber, homossexualidade, bissexualidade e transexualidade, sendo isso tratado de forma natural dentro do grupo, mas tornando-os alvos nesse contexto autoritário.

Dessa forma, se instaura um conflito entre o governo e os personagens principais da narrativa, provocado pelo fato de o Escolhido impor uma identidade normativa que vai de encontro à livre construção de identidades pessoais baseadas na não normatividade. Esse conflito faz com que Chuvisco e seus amigos precisem se organizar enquanto resistência contra o presidente, traçando ao longo da narrativa diversas estratégias para conseguir essa organização. Diante disso, nosso objetivo principal é analisar as relações entre identidade e governo autoritário em *Ninguém Nasce Herói*. Para tanto, pretendemos compreender como o tema da identidade perpassa a obra do autor, com intuito de identificar de que modo a temática chega à *Ninguém Nasce Herói* e como esse caminho influencia na forma como ela é trabalhada. Num segundo momento, buscamos identificar de que maneira o uso do gênero distópico conduz o tratamento do tema. Por fim, discutimos o modo como o governo autoritário na obra se constitui e como sua base no controle dos sujeitos relaciona-se com a identidade, bem como analisamos a construção da resistência pelos personagens e de que forma ela se ancora na *identidade de resistência* (CASTELLS, 2018).

Fazemos a leitura do romance a partir do conceito de identidade, compreendendo, de início, a distinção entre as concepções essencialista e não essencialista do termo, para analisar como elas entram em conflito na obra a partir do embate entre governo e demais personagens. Nesse primeiro momento, analisamos o governo do Escolhido de forma mais geral, compreendendo como os poderes nele são instituídos para, na sequência, analisar as formas com que ele interfere na vida dos personagens, afetando o *estilo de vida* (GIDDENS, 2002) e consequentemente a *auto-identidade* (GIDDENS, 2002). No segundo momento, trabalhamos com a relação entre identidade e resistência, analisando a importância das diferentes estratégias

utilizadas pelos personagens, como elas se relacionam e como se ancoram na *identidade de resistência* (CASTELLS, 2018) para se consolidarem.

Desta feita, nosso trabalho será dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “*Ninguém Nasce Herói* e o problema da identidade”, buscamos entender, a partir das obras do autor, como é colocado o problema da identidade. Com esse intuito, fazemos uma breve análise das narrativas publicadas por Novello, observando como elas se constituíram até *Ninguém Nasce Herói*, a fim de encontrar o tema da identidade, temática da qual nosso trabalho irá se ocupar. Esse panorama é importante para compreendermos o modo como as questões relativas à identidade são tratadas na narrativa e por isso o apresentamos para poder chegar a ela. No segundo momento do capítulo, fazemos um levantamento bibliográfico das teorias sobre identidade, mostrando como surge sua concepção não essencialista e como diferentes teóricos veem o seu processo de construção. Para isso, utilizamos como principais referenciais teóricos Hall (2011), Bauman (2005), Castells (2018) e Giddens (2002).

No segundo capítulo, “‘Gente como nós, que mostra a outra face, apanha’: governo autoritário e identidades em *Ninguém Nasce Herói*”, damos continuidade à análise do romance a partir da teoria anteriormente explicada. Para isso, utilizamos, no primeiro momento, principalmente as teorias de Moylan (2000), Matangrano (2019) e Hilário (2013) sobre distopia, para compreendermos o porquê da escolha desse gênero e quais as implicações do seu uso para o andamento da narrativa, principalmente por ele ser voltado para uma *textualidade híbrida* (MOYLAN, 2000) e essa ser pautada em um conflito entre a identidade hegemônica proposta pelo Escolhido e as identidades defendidas pelos personagens. Na sequência, analisamos a instituição dos poderes do governo autoritário apresentado na obra, observando que ele pode ser compreendido como um governo *autoritário pré-totalitário* (ROSA, 2000). Notamos que a instituição desses poderes faz com que surja um conflito entre governo e aqueles que não se enquadram na identidade proposta por ele, tendo em vista que o controle pretendido precisa ser construído a partir de uma unificação dos sujeitos, suprimindo as diferenças.

O terceiro capítulo, intitulado “‘Ninguém nasce herói, mas isso não nos impede de salvar o mundo de vez em quando’: *identidade de resistência* em *Ninguém Nasce Herói*”, é pautado na resistência dos personagens em relação ao governo. Buscamos compreender como é construída a resistência na obra e quais as estratégias utilizadas por eles para resistir. Observamos que a início os personagens resistem com intuito de não serem alterados e fazem isso de forma pacífica. No entanto, conforme a violência aumenta, precisam resistir de forma mais ativa para tirar o Escolhido do poder e alguns chegam a usar de violência para isso. Desse modo, analisamos que as estratégias utilizadas nesses dois momentos são pautadas nas

identidades dos personagens, por ser a partir delas que eles constroem a resistência, bem como que a *identidade de resistência* (CASTELLS, 2018) contribui para explicar esses momentos no texto. Além disso, percebemos que o conceito de *política-vida* (GIDDENS, 2002) ajuda a explicitar o que, no texto, lemos como resistência.

Pretendemos com nossa análise contribuir com a fortuna crítica sobre o autor, tendo em vista que são poucos os trabalhos sobre sua obra, bem como para os estudos sobre a relação entre identidade e autoritarismo na literatura contemporânea, mais especificamente em distopias brasileiras, ao passo que são áreas ainda pouco exploradas. A partir da análise do texto, podemos também contribuir para a discussão em torno da temática da identidade, sendo relevante em um nível sociológico e político.

Uma compreensão inicial da nossa análise permite defender que há, durante a narrativa, a construção de uma *identidade de resistência* (CASTELLS, 2018), baseada na organização de estratégias para resistir ao Escolhido. Seria a partir da *identidade de resistência* que se constrói o *horizonte utópico* (MOYLAN, 2000) em *Ninguém Nasce Herói*, instituindo uma *textualidade híbrida* (MOYLAN, 2000) baseada em questões identitárias, pois ao mesmo tempo que a opressão, a partir da qual a narrativa hegemônica é construída, ocorre contra identidades que não se enquadram no padrão proposto pelo Escolhido, é a partir também delas que se forma a resistência. Desse modo, buscaremos sustentar a hipótese de que há uma estreita relação entre identidade e autoritarismo na narrativa, que se demonstra a partir do conflito entre governo e personagens, bem como da constituição de uma *identidade de resistência*, que dá sustentação às estratégias utilizadas para resistir ao Escolhido.

2. NINGUÉM NASCE HERÓI E O PROBLEMA DA IDENTIDADE.

Neste capítulo apresentamos *Ninguém Nasce Herói* e seu contexto de produção em relação às demais obras de Eric Novello. Para isso fazemos uma breve retomada das temáticas tratadas nas narrativas anteriores do autor e das principais características dos personagens com intuito de compreendermos o caminho percorrido por Novello para poder tratar das temáticas abordadas na narrativa. Fazemos isso com intenção de demonstrar que a obra aqui em análise é fruto de um processo intencional de evolução do autor, no sentido de inserção de uma maior variedade de personagens e de construção desses. Ademais, observamos que o contexto social e literário de produção de *Ninguém Nasce Herói* propicia a composição de personagens descentrados e fora de padrão de herói a partir do qual os personagens eram construídos como bem resolvidos e com poucos ou nenhum conflito em relação à identidade. No segundo momento, fazemos um levantamento bibliográfico sobre como é tratada a identidade por diferentes teóricos, para que possamos analisar a obra de Novello segundo esse conceito. Segundo Hall (2011), a “crise de identidade” sobre a qual muito se fala atualmente ocorre porque há um deslocamento ou descentramento do sujeito (HALL, 2011, p.9), causado por transformações em diversos âmbitos da vida, as quais fazem com que os sujeitos modifiquem suas identidades e sintam abalada a ideia que têm de si mesmos. Para compreender como a concepção de identidade foi modificada ao longo do tempo, buscaremos o entendimento de que nem sempre ela foi pensada como algo construído e que a própria noção de identidade é criada com um determinado propósito. A partir dessa discussão, demonstraremos as diferentes visões sobre as formas através das quais os sujeitos se constroem para que assim possamos compreender as maneiras usadas pelos personagens para construir a identidade e como o autoritarismo interfere nesse processo.

2.1. “Desconstrução é um processo constante”: construção dos personagens nas obras de Eric Novello.

Segundo Cândido (1974) a quebra da construção de personagens heróis e perfeitos é algo recorrente a partir da literatura moderna, pois o modo de abordar os personagens passa a seguir a forma fragmentária com que conhecemos nossos semelhantes:

Essas considerações visam mostrar que o romance, ao abordar as personagens de modo fragmentário, nada mais faz do que retomar, no plano da técnica de

caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes. Todavia, há uma diferença básica entre uma posição e outra: na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro (CANDIDO, 1974, p.58.).

Candido (1974) afirma ainda que o romance moderno procurou quebrar a ideia de esquema fixo e delimitado dos personagens, aumentando o “sentimento de **dificuldade** do ser fictício” (CANDIDO, 1974, p.59. grifos do autor). Além disso, na modernidade, os autores foram “no rumo de uma complicação crescente da psicologia das personagens” (CANDIDO, 1974, 60.). Dessa forma, foi acentuada a diferença entre os dois modos principais de personagens: os seres facilmente delimitáveis e os seres complicados, que não se esgotam em determinadas características (CANDIDO, 1974, p.60.). Sendo assim, “a revolução sofrida pelo romance no século XVIII consistiu numa passagem do enredo complicado com personagens simples, para o enredo simples (coerente, uno) com personagem complicada” (CANDIDO, 1974, p.60).

Além dessas mudanças, devemos considerar também aquelas que trazem progressiva inserção de personagens não normativos na literatura, fruto das discussões de gênero em emergência. Compreendendo que a literatura possui estreita relação com as dinâmicas da sociedade, a partir do avanço dos estudos feministas e de gênero, em meados dos anos 60, houve uma lenta, mas crescente tentativa de inserção de diversidade na literatura. Para isso, antes foi fundamental compreender o déficit encontrado na representação de pessoas marginalizadas no universo literário. A exemplo da crítica literária feminista, foi necessário um modo de ler a literatura voltado:

1) para o desnudamento e para a desconstrução de discursos que circunscrevem a opressão e a discriminação da mulher, tomada como objeto de representação literária; 2) para o desnudamento dos mecanismos estético-temáticos de práticas literárias, prioritariamente, de autoria feminina, engajadas em representações femininas que não se reduzem a reduplicações ideológicas de papéis de gênero, sancionados pelo senso comum, mas que espelham a multiplicidade e a heterogeneidade que marcam o modo de estar da mulher na sociedade contemporânea (ZOLIN, 2012, p.100).

Assim, além de tomar conhecimento do modo discriminatório que mulheres, negros, homossexuais e demais considerados fora do padrão hegemônico eram construídos na literatura, foi preciso compreender as produções literárias que abordam essa multiplicidade e valorizá-las. Ainda que não tenhamos uma equiparação tanto em termos de diversidade de

personagens quanto de autores, nota-se do início dessas discussões para cá um avanço significativo, propiciado pelas crescentes discussões sobre gênero.

É neste horizonte que podemos situar, de início, uma análise de *Ninguém Nasce Herói*, de Eric Novello, a qual encontraria apoio em suas reflexões e nas obras até então por ele produzidas. A obra em questão é a sexta publicada por Eric Novello, tradutor, escritor e roteirista nascido em 1978 no Rio de Janeiro, e que hoje mora em São Paulo. Formado em Farmácia, com especialização em Bioquímica de Alimentos, começou com traduções técnicas, para depois migrar para a tradução literária, principalmente de obras insólitas e HQs. Sendo a início responsável principalmente por *The Walking Dead* e produções do estúdio *Hanna Barbera*, traduziu também a trilogia *Iskari* (2018, 2019, 2020) e *A rebelde do deserto* (2016), bem como *Fera* (2017). Suas obras como escritor são *Dante – Guardiã da Morte* (2004), *Histórias da Noite Carioca* (2004), *A Sombra No Sol* (2012), *Neon Azul* (2010), *Exorcismos, amores e uma dose de blues* (2014) e *Ninguém Nasce Herói* (2017). Também organizou algumas coletâneas de contos, como *Fantasia Urbanas* (2012) e *Depois do Fim* (2014). Novello também é formado em roteiro no *Instituto Brasileiro de Audiovisual* e compõe algumas músicas em parceria com a irmã Cassia Novello. Em relação à sua vida pessoal Novello não se expõe muito, o que sabemos é que ele é bissexual, por publicações feitas na rede social Twitter. Quando se trata de fortuna crítica podemos encontrar somente dois trabalhos acadêmicos sobre as obras do autor, um artigo intitulado “O mago anti-herói de Eric Novello”, escrito por Ana Carolina Lazzari Chiovatto em 2018, e uma dissertação, intitulada “O *New Weird*: a fundamentação de um subgênero da Fantasia em *Exorcismos, amores e uma dose de blues*, de Eric Novello”, escrita por André Karaszuk Taniguchi em 2020.

Em newsletter publicado em seu site, o autor brasileiro afirma ter sido sempre fã de histórias de crimes e com forte carga psicológica, mas que o incomodava não ver tantos protagonistas LGBTs e que é por isso que com o tempo começou a buscar causar essa inserção em suas obras.

Sendo um fã de histórias de crime mais densas e com grande carga psicológica - como “Mindhunters” ou mesmo a brisa de “Hannibal” - ao olhar para esses livros e séries sempre me pergunto “e se houvesse mais protagonismo LGBTIA?” Sem cota, sem conta-gotas, sem gaybait e uma morte inescapável. Me dê confronto de máfias, grandes assaltos, conflitos intergalácticos, perseguição a psicopatas e monstros sinistros, com LGBTIAs (ainda acho que a gente podia mudar a sigla para algo mais simples e com um emoji fofinho, tipo, sei lá “polvo”). Lendo os textos violentos e despudorados de Rubem Fonseca, os quadrinhos de “Locke & Key” do Joe Hill, histórias de terror de Ligotti a Stephen King, os quadrinhos policiais de Ed Brubaker,

vendo as piras do David Lynch, territórios ainda normativos, eu penso: qual desses territórios eu quero reivindicar agora? (NOVELLO, 2021, n.p.)¹

Ao fazermos uma breve análise das obras de Novello, vemos essa progressiva inserção, bem como uma mudança na forma de construção dos personagens, passando de um modelo enquadrado no padrão geralmente imposto pela sociedade, centrado e bem resolvido, para um outro com identidades fora dos padrões impostos pela sociedade, descentrados e cheios de questões internas. Sua primeira publicação foi *Dante - Guardião da Morte* (2004), considerada pelo autor “apócrifa”, por destoar do conjunto das demais. A narrativa se passa na Roma antiga e tem como protagonista o guerreiro Ítalo Tarnapo, homem de confiança de Julio Cesar. O protagonista, corajoso e destemido, está predestinado a ser Dante, o guardião da morte, e passa sua vida em batalha com homens e deuses, para conseguir findar sua jornada humana mostrando-se digno e fiel. É um livro que apresenta bem menos diversidade que os demais e possui um personagem que sim, passa por momentos de confusão, mas permanece tranquilamente fiel a seus princípios. Nota-se nessa obra que os personagens são construídos dentro do padrão de herói² clássico e que talvez o autor tenha feito dessa forma para se encaixar dentro do universo literário que ainda não estava totalmente aberto à diversidade.

No seu livro seguinte, apesar de ter sido publicado no mesmo ano, já pode-se notar certa mudança em relação à construção dos personagens, isso porque em *Histórias da Noite Carioca* (2004), Lucas Moginie precisa entregar o manuscrito de um livro novo para a editora, mas passa por uma crise de criatividade e não consegue escrever. Imerso em sua carreira, começa a misturar ficção e realidade e isso interfere em diversos âmbitos, relativos a relacionamentos, amizades etc. Para resolver a questão, o protagonista precisa rever diversos posicionamentos, passando por vários conflitos, como onde encontrar inspiração para escrever, como esquecer um amor do passado e de que forma demonstrar mais o valor que dá às amizades. Tais questões fazem com que Lucas precise abdicar de inúmeros aspectos importantes em sua vida, como por exemplo deixar a pessoa amada no passado e seguir em frente. Nessa obra já podemos ver a inserção de diversidade sexual, mesmo que em apenas uma cena, na qual o protagonista faz sexo com um casal de vizinhos.

¹ Disponível em newsletter publicada no site do autor: <https://www.getrevue.co/profile/ericnovello/issues/news-do-eric-escrever-e-reivindicar-espacos-694432> Último acesso em 30/07/2021 às 16:46.

² O que aqui chamamos de *herói clássico* ou *herói épico* seria aquele que tem a personalidade íntegra e estabelecida, que vive uma grande aventura sem medo e conflitos, em contraponto ao *herói romanesco*, de origem mais humana, tem seu caráter geralmente contraditório e está em busca de estabelecer a si mesmo. Para uma melhor compreensão, indicamos o texto de Rodrigues (2016), disponível em <http://portal.unemat.br/media/files/Demilson%20Moreira%20Rodrigues.pdf>

Em seu romance seguinte, *A Sombra No Sol* (2012), lemos o diário de um garoto de programa chamado Ícaro. Ele demonstra estar em constantes conflitos, principalmente por estar satisfeito com a vida de garoto de programa, mas sentir falta do afeto que ela não lhe proporciona. Assim, o personagem afirma querer criar laços, mas tem medo de se machucar, optando por um relacionamento mais distante com os clientes e com as demais pessoas, por medo de depois sofrer com a solidão de perdê-las. Isso faz com que ele tenha medo de arriscar, por não querer se machucar. No decorrer da narrativa, Ícaro se apaixona por um cliente, que não o corresponde, confirmando suas decepções e fazendo com que ele, cansado de seus conflitos internos e descontente com sua vida, cometa suicídio. Nesse contexto de progressiva abertura literária para personagens não normativos, Novello cria um protagonista garoto de programa, que se relaciona tanto com homens como com mulheres e que passa por diversos conflitos identitários³, o que é uma grande evolução se compararmos com Dante.

No entanto, é somente em *Exorcismos, Amores e Uma Dose de Blues* (2014), que Novello constrói um personagem bissexual em posição de destaque na sociedade, Tiago Boanerges, um detetive exorcista. Entretanto, o personagem se apaixona por uma *musa*, entidade que ele deveria exorcizar. Isso faz com que ele quase perca a vida e, depois disso, passe por inúmeros conflitos profissionais e amorosos, por saber que não cumpriu seu trabalho e ainda colocou a vida de muitas pessoas em risco. Assim, tenta durante a narrativa se redimir de tudo que fez, tendo que fazer várias escolhas, como se reaproximar ou não da ex namorada, se voltava a trabalhar na antiga empresa, se tentava capturar a musa ou seguia em frente. Esses conflitos se tornam identitários conforme os relacionamentos amorosos e profissionais de Tiago eram essenciais para o modo como ele via a si mesmo e se mostrava aos outros.

Em entrevista para Bruno Anselmi Matangrano, Eric Novello fala um pouco sobre esse processo de construção:

Meus personagens possuem uma melancolia intrínseca da qual a Jornada do Herói não dá conta, e a construção desses personagens é o cerne do meu processo criativo. Vou agregando elementos ao redor deles até que a história ganha corpo e direção, de alguma forma. Como leitor e autor, não tenho nada contra histórias felizes, apesar de ver na fantasia esses finais geralmente reservados aos heróis – protagonistas homens, heterossexuais, brancos, cisgênero – às custas da infelicidade dos personagens que os orbitam e fogem desse padrão tendencioso. Exemplo clássico, o homem que se torna um herói vingador quando sua mulher e filho são assassinados e variações do tema. No caso dos meus livros, mais do que finais felizes ou infelizes, dou aos meus personagens aprendizados e penso de que maneira eles lidariam com isso (NOVELLO, 2018, p.422).

³ Quando nos referirmos ao termo “identitário” não o utilizamos enquanto conceito propriamente dito e sim enquanto sinônimo de algo relativo à identidade, pois o contrário demandaria uma discussão a mais, necessária ao uso do conceito, que não cabe ao nosso trabalho.

Nesse sentido, Novello constrói seus personagens demonstrando as inconstâncias, instabilidades, dúvidas e progressivas mudanças deles ao longo dos acontecimentos. O autor, com suas devidas ressalvas acrescidas pelo teor insólito de suas obras, traz à tona questionamentos inerentes a muitas pessoas, quebrando a busca por personagens heróis e perfeitos e aproximando-os da realidade dos leitores.

Na entrevista supracitada, o autor de *Ninguém Nasce Herói* explica que inserir uma maior diversidade em suas obras foi uma questão pessoal, que passou pelo processo de sua própria aceitação. Ele defende que “desconstrução⁴ é um processo constante” (NOVELLO, 2018, p.426). Diz que em determinado momento olhou para suas obras, não se sentiu representado e percebeu que colocava aqueles que lhe oprimiam como protagonistas de suas histórias porque ainda não conseguia encarar o julgamento dos pais e porque vinha de um contexto no qual filmes, novelas e livros continham majoritariamente pessoas dentro de um padrão. Ao perceber isso, buscou reeducar seu modo de pensar, livrando-se dos padrões construídos pelos diversos atores na sociedade, e isso influenciou sua escrita.

Conforme fui ganhando resiliência para aguentar o tranco do mundo, a diversidade sexual foi aumentando. Essa libertação me levou a reeducar meu olhar, enxergar as pessoas no meu entorno, me livrar dos efeitos da lavagem cerebral, e pautou o restante do processo de aprendizado que me permitiu escrever *Exorcismos, Amores e Uma Dose de Blues* e *Ninguém Nasce Herói* (NOVELLO, 2018, p.427).

Dessa forma, a diversidade sexual e de gênero encontradas nas obras de Novello se modificam, pois se em *Dante – Guardiã da Morte* temos somente personagens heteronormativos, nas demais narrativas o autor vai inserindo aos poucos personagens que não se encaixam nas normas pré-estabelecidas. Essa inserção parece ter sido proveniente de uma evolução pessoal do autor e esta foi propiciada pela mudança na sociedade relativa às lutas relacionadas a gênero, que buscam inserir mulheres e LGBTs como personagens e como autores, buscando uma maior diversidade.

A fala de Novello, bem como a forma como ele progressivamente insere uma heterogeneidade e discussões sobre o tema em suas obras denota a dificuldade enfrentada pelo autor. Essa complexidade é inerente à nossa sociedade, a qual, pautada em determinados padrões hegemônicos, ainda tem uma grande dificuldade em lidar com a diversidade, fazendo com que mesmo autores fora desse padrão coloquem em destaque em suas obras pessoas enquadradas nele. Há dificuldades também relativas ao medo da não aceitação, por parte de editoras, leitores e críticos, o que faz com que por vezes autores iniciantes tenham mais

⁴ Quando Novello fala em desconstrução, é no sentido de quebrar os padrões hegemônicos pré-estabelecidos de homem branco, heterossexual e cisgênero, relativo a pessoas e personagens.

dificuldades de tratar dos temas citados, e conforme conquistam determinado público sentem-se mais confiantes para buscar a inserção deles. Essa é outra questão que Novello afirma que enfrentou, a saber, a aceitação das grandes editoras em relação a livros com temática LGBT. Em um dos newsletters que envia para seus assinantes, ele fala um pouco sobre o assunto.

O autor conta que quando escreveu *Exorcismos, Amores e uma Dose de Blues* e começou a enviar para as editoras, não era bem aceito, por abordar a bissexualidade. Ele afirma que “Um dos editores que analisou o material comentou com um amigo próximo: ‘É assim que ele acha que vai entrar nas grandes editoras?’ E aquilo me marcou.” (NOVELLO, 2021, n.p.). Nessa resposta, Novello percebeu que o problema não era nenhuma das outras temáticas tratadas na obra e sim o fato de o protagonista viver uma cena de sexo homossexual. Ele então se perguntou se valeria a pena cortá-la para ser aceito no mercado literário e “A resposta ligeira foi não. Como alguém que havia vivido mais de 20 anos de homofobia, eu não estava disposto a ‘voltar para o armário’. Minha literatura, eu sabia, sempre seria um território de liberdade, de combate à repressão (inclusive dentro da minha cabeça)” (NOVELLO, 2021, n.p.). Depois disso ele conseguiu que o livro fosse editado e lançado em uma editora de médio porte.

Mesmo que Novello já tivesse criado um personagem bissexual antes (Ícaro, de *A Sombra no Sol*), em *Exorcismos, Amores e uma Dose de Blues* a situação era um pouco diferente por estar buscando migrar para uma editora um pouco maior, além de se tratar de um detetive, enquanto na narrativa anterior era um garoto de programa. É perceptível que mesmo com os avanços que temos quando se trata da aceitação de personagens LGBTs na literatura, inseri-los nas narrativas ainda é algo delicado. Eric Novello afirma que precisou usar uma estratégia para que Tiago fosse bem aceito mesmo sendo bissexual, que foi apresentá-lo e fazer com que o leitor se afeiçoasse a ele para poder mostrar sua sexualidade: “Construíra tempo para o leitor se apegar ao protagonista Tiago Boanerges antes de escancarar sua sexualidade” (NOVELLO, 2021, n.p.). A falta de aceitação imediata do protagonista de *Exorcismo, amores e uma dose de blues* fez com que fosse ainda mais difícil escrever *Ninguém Nasce Herói*: “A todo momento eu me perguntava ‘tem certeza? ninguém vai querer editar isso’. A dúvida maldita plantada pelo comentário homofóbico continuava lá.” (NOVELLO, 2021, n.p.).

O trabalho com o personagem Tiago Boanerges em *Exorcismos, Amores e uma Dose de Blues*, propiciado pela reflexão provinda da análise dos próprios escritos anteriores, bem como de um trabalho de crescimento pessoal, proporcionado por um contexto mais favorável à diversidade, mesmo que ainda não totalmente, abriu caminho e preparou Novello para a construção de *Ninguém Nasce Herói*, obra analisada neste trabalho. Nesta, apesar de, por ser

voltada para jovens, não conter cenas de sexo como a publicação anterior do autor, fica claro desde o início a sexualidade dos personagens.

No "Ninguém Nasce Herói", porém, estava tudo às claras desde o início. E embora não houvesse uma cena de sexo no nível do "Exorcismos", já que o público e a proposta eram outros, os personagens falam abertamente de sexo e das suas sexualidades, de maneira naturalizada, como deveria ser. Ele era um livro para um público presente, mas de um Brasil futuro. Encurtando o drama, eu escrevi o "Ninguém Nasce Herói" como a história pedida e ele foi publicado pela editora Seguinte sem nenhuma interferência nesse sentido (NOVELLO, 2021, n.p.).

Dessa forma, *Ninguém Nasce Herói* é resultado de um processo de desconstrução e aceitação de si e do que pode representar sua literatura, isto é, de uma evolução da escrita e da visão política do autor. Ele afirma que atualmente a escrita para ele é um espaço de liberdade em uma vida de repressão. Sendo assim, o autor acredita que “Escrever, afinal, é reivindicar espaços. Somos construtores de infinitos imaginários” (NOVELLO, 2021, n.p.) e o papel da arte e da escrita é “**fincar bandeiras na Lua**. Não uma bandeira a tremular sozinha para se vangloriar de pioneirismo, mas uma que torne mais fácil a existência da próxima, mais simples a existência da seguinte e ridiculamente normal todas as fincadas em solo lunar a partir de então” (NOVELLO, 2021, n.p. grifos do autor) e por isso diz inserir pessoas LGBTQs em suas obras mais recentes. Nesse sentido, considerando as mudanças que são feitas por Novello com intuito de inserir diferentes identidades em sua obra, há relevância na análise de *Ninguém Nasce Herói* a partir do problema da identidade e de compreender os impactos causados pela escolha de ambientar o romance em um governo autoritário para a discussão sobre identidade pretendida na obra.

A narrativa de *Ninguém Nasce Herói* é ambientada na cidade de São Paulo, com o Brasil sendo comandado por um governo autoritário, liderado pelo “Escolhido”, e é pautada nos conflitos de um grupo de jovens em relação a esse governo. A história é narrada em primeira pessoa por Chuvisco, um jovem tradutor recém formado, que possui uma condição psicológica que o faz ter alucinações, chamadas por ele de *Catarses criativas*, que vão desde borboletas voando pelos ambientes até grandes mudanças como se imaginar com superpoderes. Chuvisco inicia a narrativa contando, enquanto vivencia os fatos, sobre a entrega de livros banidos pelo governo que estava fazendo com dois de seus amigos, Amanda e Cael, e aos poucos vamos conhecendo os personagens e começando a entender a situação do país. A empreitada não termina bem, pois os jovens são interceptados pela polícia, mas por sorte em seguida são liberados com ajuda de uma policial. Essa situação é a primeira de uma série de acontecimentos que colocam o grupo cada vez mais em conflito com o governo.

Os embates entre o autoritarismo do Escolhido e os personagens do núcleo principal ocorrem porque o primeiro quer impor uma identidade normativa pautada em ideais evangélicos, o que cerceia as possibilidades de subjetivação dos indivíduos. A tensão ocorre pois os jovens não aceitam as imposições feitas pelo governo e buscam alternativas a elas. Assim, ao longo da narrativa vamos tomando conhecimento paulatinamente sobre a vida de Chuvisco e seus amigos e entendemos o principal motivo de serem alvos diretos da perseguição do Escolhido: por serem LGBTs e o governo ter como base o entendimento de que os preceitos cristãos não permitiriam algumas identidades, como a homossexualidade.

A partir disso, conhecemos as estratégias utilizadas pelos personagens para tentar preservar suas identidades pessoais, mesmo que isso entrasse em confronto com a hegemonia instaurada na sociedade em que viviam. Essas táticas em sua maioria se baseiam em manterem a união do grupo, que era proporcionada por encontros em bares e festas escondidas, por exemplo. Tais estratégias ficam cada vez mais difíceis de serem colocadas em prática quando as violências praticadas pelo governo e seus apoiadores começam a se aproximar do grupo de amigos e elas precisam ser modificadas. Nesse processo, integrantes do grupo são agredidos, inclusive o protagonista, e mortos, ambientes que eles frequentavam são destruídos e o medo aumenta a cada dia. Enquanto isso, o governo tenta manter as aparências a partir do “Pacto de convivência”, documento publicado com intuito de manter a paz entre apoiadores e pessoas contrárias a ele, mas que na prática não era cumprido.

Diante de toda essa situação, os amigos precisam encontrar formas de reagir ao que vêm sofrendo, momento em que passam por diversos conflitos. Estes ocorrem uns com os outros e consigo mesmos. No primeiro caso porque alguns começam a participar de um grupo armado, enquanto outros tentam utilizar métodos pacíficos. No segundo caso, ocorrem episódios como o de Chuvisco, que começa a se perguntar se também não deveria pegar em armas, invés de praticar somente intervenções pacíficas. Após esses atritos, percebem que precisam se unir para enfrentar o “Escolhido”. Somente no último capítulo sabemos que conseguiram tirá-lo do governo após cinco anos de conflitos, os quais o narrador não dá detalhes de como foram, mas diz terem sido muito violentos e que perderam muitas pessoas nesse tempo.

Como dito anteriormente, em *Ninguém Nasce Herói* a inserção da diversidade é feita em um governo autoritário. Essa realidade, entretanto, foi construída a partir da observação das tendências autoritárias presentes no Brasil nos últimos anos. Em entrevista a Bruno Anselmi Matangrano, Novello conta que os planos não eram escrever uma distopia, mas que a situação que via o país se encaminhando o preocupava muito e não conseguia se concentrar em algo que

não fosse isso: "Não conseguir pensar em outra coisa me pareceu um indício de que deveria escrever sobre o assunto, nem que fosse por autoconhecimento." (NOVELLO, 2018, p.424).

Destarte, a obra foi inspirada na ascensão de governos autoritários em nível mundial e nacional, os quais se posicionavam contra as crescentes discussões sobre as diferentes identidades. O Brasil é marcado por uma história autoritária, principalmente se considerarmos as marcas deixadas pela ditadura militar pela qual o país passou entre os anos de 1964 e 1985. O golpe militar tinha como justificativa conter o que denominaram avanço comunista. Essa foi uma época de grande violência e violação dos direitos humanos, as quais deixam marcas na organização do país até hoje, como por exemplo, segundo Chauí (2013), o fato de as leis serem instrumentos de opressão e repressão e não de definição de direitos e deveres, bem como de um afastamento dos direitos sociais e populares dos cidadãos. Atualmente, após anos de governos que defendiam pautas “de esquerda”, baseadas nos direitos humanos e na diversidade, o Brasil passou por uma ascensão de políticos que defendiam pautas contrárias a isso, a qual culminou na popularização do presidente eleito em 2018.

Diante do que analisamos, entendemos que os textos de Eric Novello permitem a reflexão sobre questões que na atualidade giram em torno da identidade e que em *Ninguém Nasce Herói* isso se intensifica, pois é construído um conflito entre as identidades dos personagens e o governo autoritário. Dessa forma, é necessário compreender que os sujeitos são construídos e reconstruídos na relação com o outro, seja afirmando ou negando aquilo que é oposto. Os conflitos ocasionados por esse movimento podem ser observados nas obras de Novello, especialmente em *Ninguém Nasce Herói*. Dessa forma, a partir de agora faremos uma exposição das diferentes teorias sobre identidade, dentre as quais destacaremos a concepção não essencialista, que será basilar para nossa análise.

2.2. O surgimento do conceito de identidade e o descentramento do sujeito.

Segundo Bauman (2005), o conceito de identidade nasce junto com o Estado moderno. Ele afirma que tal conceito começou a ser pensado a partir da ideia de “identidade nacional” e esta foi criada intencionalmente:

A ideia de “identidade”, e particularmente de “identidade nacional”, não foi “naturalmente” gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um “fato da vida” auto-evidente. Essa ideia foi *forçada* a entrar na *Lebenswelt* de homens e mulheres modernos – e chegou como uma *ficção*. [...] A ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento (BAUMAN, 2005, p.26).

O sociólogo afirma que “A identidade só poderia ingressar na *Lebenswelt* como uma tarefa – *uma tarefa ainda não realizada, incompleta*, um estímulo, um dever e um ímpeto à ação” (BAUMAN, 2005, p.26) e o Estado buscou garantir que assim fosse. Assim, a identidade deixa de ser uma *atribuição*, algo pré-estabelecido por determinadas regras e dado às pessoas e passa a ser uma *realização*, um trabalho a ser feito, algo a ser adquirido pela própria pessoa. Bauman (2005) explica ainda que Estado e nação mantinham uma relação mútua:

O Estado buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e a garantia de sua continuidade. Por outro lado, a nação sem Estado estaria destinada a ser insegura sobre seu passado, incerta sobre o seu presente e duvidosa de seu futuro, e assim fadada a uma existência precária. Não fosse o poder do Estado de definir, classificar, segregar, separar e selecionar, o agregado de tradições, dialetos, leis consuetudinárias e modos de vida locais, dificilmente seria remodelado em algo como os requisitos de unidade e coesão da comunidade nacional (BAUMAN, 2005, p.27).

O Estado ajudou a definir as características da nação, construindo uma noção de pertencimento e assim cunhou características que podiam unificar os indivíduos pertencentes a determinada nação, de forma a aumentar o poder sobre eles. A intenção era instituir uma clara diferença entre o “nós” e o “eles” em relação à nacionalidade e assim fortificar o Estado. No entanto, “a ‘nação’ foi uma entidade imaginada que só poderia ingressar na *Lebenswelt* se fosse mediada pelo artifício de um conceito” (BAUMAN, 2005, p.29), o conceito de identidade nacional. Essa necessidade ocorreu porque a identidade nacional precisa ser constantemente reforçada pelos sujeitos, que devem seguir o modelo indicado pelo Estado. Se os sujeitos fogem a esse modelo, não há a unificação pretendida por quem está no poder e conseqüente controle da população.

É em busca dessa unificação e controle que o Estado desenvolve mecanismos de reconhecimento das pessoas pertencentes a determinada nação, como as carteiras de identidade. “Se você fosse ou pretendesse ser outra coisa qualquer, as ‘instituições adequadas’ do Estado é que teriam a palavra final. Uma identidade não certificada era uma fraude. Seu portador, um impostor – um vigarista” (BAUMAN, 2005, p.28). Aqueles que fossem identificados como pertencentes àquela nação, mas não se ajustassem a ela também podiam ser punidos socialmente, fazendo com que os sujeitos se sentissem coibidos a reforçar o ideal de nacionalidade. Dessa forma, o Estado buscava sempre a unificação quando se tratava da identidade nacional e essa uniformidade precisava ser constantemente reforçada pelos sujeitos que compõem a nação. Em relação às demais identidades, ele incentivava a diversidade, desde que não entrasse em conflito com as características cunhadas para a nação. Assim, foi a partir

da identidade nacional e do reforço necessário a ela que os sujeitos começaram a questionar a identidade em diversos outros âmbitos, nascendo a noção de que esta seria construída.

Se em Bauman o conceito de identidade se traduz apenas em termos da relação entre Estado, nação e sujeito, Stuart Hall faz uma análise mais detalhada, incluindo o aspecto da formação do sujeito. Em sua teoria, a compreensão da relação entre identidade e sujeito e da construção da identidade é mais elaborada. Em *A identidade cultural na pós modernidade*, Hall (2011), desenvolve três concepções de identidade. A primeira, do *sujeito do Iluminismo*, tem estreita relação com a função do Estado como guardião da identidade, discutido em Bauman, pois tinha o indivíduo como unificado, portador de uma identidade fixa e dotado de consciência e ação por conta da capacidade de razão. Aqui o sujeito, ao nascer, possuía um núcleo interior, o qual se desenvolvia com o passar dos anos, mas se mantinha essencialmente o mesmo. Assim, da mesma forma que vimos com Bauman sobre a relação sujeito-Estado, o sujeito do Iluminismo é agente no sentido de ter que sustentar determinada identidade, mas essa lhe é dada de forma a parecer que já nasceu com ela e por isso deveria permanecer.

A segunda concepção apresentada por Hall (2011), a do *sujeito sociológico*, o entendia não mais como autônomo e autossuficiente, e sim formado “na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’” (HALL, 2011, p.11) e com a cultura que o cercava. Nessa concepção, o sujeito ainda teria um núcleo interior, mas esse estaria em constante mudança ao se relacionar com o exterior. A partir disso, inicia-se um processo no qual “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2011, p.12). Esse processo fabrica a concepção de *sujeito pós-moderno*, que não teria uma identidade fixa ou permanente e sim “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2011, p.13). Segundo essa concepção, a identidade não pode ser plenamente unificada, pois ela é definida historicamente, acompanhando as mudanças externas, bem como porque possuímos diversas identificações que estão sempre sendo deslocadas. Dessa forma, a construção da identidade na pós-modernidade envolve uma série de fatores que não são inerentes ao indivíduo e que influenciam diretamente em sua vida e suas escolhas. Isso inclui o conflito com determinadas identidades que lhes são impostas e as quais ele incorpora ou se opõe. Um ou outro posicionamento é decisivo para a construção identitária, pois, como discutiremos mais à frente, o sujeito se constrói na relação com o outro.

Quando falamos em construção da identidade, nos referimos ao processo através do qual são atribuídas ao sujeito características mais ou menos fixas que serão atinentes a ele. Pensar a

identidade enquanto construção é uma perspectiva não essencialista da identidade, que a concebe enquanto algo em constante trabalho de mudanças e modificações⁵. Isso quer dizer que a construção da identidade não é um processo com início, meio e fim, pois está sempre se fazendo ao longo da vida. É importante compreendermos também de antemão que a identidade antes de ser subjetiva é objetiva, pois a partir da aceitação ou negação dos estímulos externos é que vou construindo e refazendo minha identidade pessoal. Nas próximas páginas discutiremos um pouco sobre as diferentes concepções sobre a construção da identidade e as questões relativas a ela.

Para entender melhor o processo através do qual chega-se a uma concepção de *sujeito pós-moderno*, Hall (2011) traça um esboço das principais mudanças no conceito de sujeito e identidade na modernidade. Ele afirma que “As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais” (HALL, 2011, p.25). O primeiro passo para essas transformações, segundo o autor, foi o nascimento do “indivíduo soberano”. Este nasceu de uma série de processos, como a Reforma e o Protestantismo, o Humanismo Renascentista, as revoluções científicas e o Iluminismo. As mudanças instituídas por eles libertaram o indivíduo das amarras de instituições religiosas, colocaram o Homem no centro do universo e deram valor à racionalidade humana, enxergando os seres humanos como capazes para “inquirir, investigar e decifrar os mistérios da Natureza” (HALL, 2011, p.26). É principalmente na época do nascimento do indivíduo soberano que temos a concepção de *sujeito do Iluminismo*, anteriormente citada, pois o indivíduo passa a ser visto como capaz de se auto reger, mas ainda tem uma identidade fixa e autocentrada. A partir disso, segundo Hall (2011), emergiu também a noção de individualidade, proveniente da separação do sujeito da ordem social e religiosa.

O sociólogo afirma que “Ainda era possível, no século XVIII, imaginar os grandes processos da vida moderna como estando centrados no indivíduo ‘sujeito da razão’. Mas à medida em que as sociedades modernas se tornavam mais complexas, elas adquiriam uma forma mais coletiva e social” (HALL, 2011, p.29). A partir daí, tem-se uma concepção mais

⁵ É necessário compreendermos que a identidade pessoal, a qual posso construir internalizando ou não características que me são atribuídas, é entendida por alguns teóricos como “subjetividade”. Entretanto, por entender que, como afirma Maheirie (2002) a subjetividade seria o ser para si mesmo, subjetivamente, enquanto a identidade seria a permanência e mudança, por se definir pela igualdade e pela diferença, preferimos adotar em nosso trabalho o conceito de identidade. Ademais, para Meheirie (2002), usando a citação de Sousa Santos (1995) identidade é considerada a “síntese de identificações em curso” (Sousa Santos, 1995 apud Meheirie, 2002), é individual, mas altamente relacionada ao coletivo, influenciando-se mutuamente. Essa relação será necessária em nossa análise.

social dos sujeitos, por meio da qual entende-se que eles são formados a partir das relações sociais e dos papéis que os indivíduos desempenham nelas, uma noção de *sujeito sociológico*, como visto anteriormente. No entanto, havia divergências em relação a essas transformações: ao mesmo tempo que o “indivíduo soberano” permaneceu o centro dos discursos da economia e da lei modernas, a sociologia apresentava uma crítica ao “individualismo racional” (HALL, 2011, p.30-31) do Iluminismo. Desse modo, a grande descoberta da sociologia, que caracteriza o *sujeito sociológico*, é a da relação, ou seja, que a identidade se faz em relação ao outro. É daí que vem o sentido sociológico dado à identidade.

Ao passo em que se estabeleciam as divergências entre a ideia de *indivíduo soberano* e do *sujeito sociológico*, emergia uma terceira visão do sujeito e da identidade, proveniente dos movimentos estéticos e intelectuais associados ao Modernismo: “Encontramos, aqui, a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano de fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal” (HALL, 2011, p.33). O autor defende que “estas imagens mostraram-se proféticas do que iria acontecer ao sujeito cartesiano e o sujeito sociológico na modernidade tardia” (HALL, 2011, p.34), isto é, o conflito entre o constituir-se e a relação com a sociedade, que impõe uma identidade do sujeito ao mesmo tempo que pede que ele seja fluido para adaptar-se às constantes mudanças da coletividade. Além disso, a sociedade não dá mais um lugar onde o sujeito se apoiar em relação à identidade. Tendo esse uma identidade móvel, podemos conceitualizá-lo como *sujeito pós-moderno*.

A partir da disseminação da concepção não essencialista de sujeito, segundo a qual este não possui uma identidade fixa e sim mutável e construída ao longo da vida, ocorre o processo denominado por Hall (2011) como *deslocamento* ou *descentramento do sujeito*. Esse movimento faz com que os indivíduos não tenham mais certeza sobre os aspectos que constituem a si mesmos e passem por constantes mudanças e revisões relativas às suas identidades. A visão não essencialista de sujeito foi decisiva para isso por desprender as amarras que nos prendiam, apresentando um mundo de possibilidades a ser descoberto. Ao mesmo tempo, como desenvolveremos mais à frente, pode trazer grandes angústias, ao não dar um campo onde se apoiar e muitos indivíduos ficarem em uma constante incerteza sobre o que fazer em relação a si mesmos.

Hall (2011) apresenta uma série de discursos que influenciaram nesse processo. O primeiro deles se refere aos escritos de Karl Marx, os quais introduzem a visão de que os mecanismos sociais influenciam na construção dos sujeitos. Segundo Hall (2011), o estruturalista marxista Louis Althusser afirma que

[...] ao colocar as relações sociais (modos de produção, exploração da força de trabalho, os circuitos do capital) e não uma noção abstrata de homem no centro de seu sistema teórico, Marx deslocou duas proposições-chave da filosofia moderna: que há uma essência universal de homem; que essa essência é o atributo de “cada indivíduo singular”, o qual é seu sujeito real (HALL, 2011, p.35).

O segundo grande descentramento foi a descoberta do inconsciente por Freud. A noção de que nossas identidades são estruturadas “com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente” (HALL, 2011, p.36) vai contra a ideia de sujeito racional dono de uma identidade fixa e imutável⁶. Além disso, a leitura que psicanalistas, a exemplo de Jacques Lacan, fazem de Freud institui que a noção de sujeito unificado é algo aprendido e que as crianças se desenvolvem em relação com os outros (HALL, 2011, p.37). É a partir dessa leitura que começa a se desenvolver a ideia de *sujeito sociológico*, comentada anteriormente, por meio do entendimento da relação com o outro como constitutiva do sujeito e, conseqüentemente, da identidade.

O autor cita Ferdinand de Saussure como o terceiro discurso responsável por esse processo. A partir da ótica de que “nós não somos, em nenhum sentido, os ‘autores’ das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua” (HALL, 2011, p.40), o linguista defende que cada um constrói sua identidade em relação ao outro que não pode ser. O quarto discurso se refere a Michel Foucault, que destaca um novo tipo de poder chamado *poder disciplinar*: “O poder disciplinar está preocupado, em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância é o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo” (HALL, 2011, p.42). Assim, a construção da identidade se dá a partir da relação entre o indivíduo e o exterior, o poder disciplinar e o inconsciente determinam essa relação.

Por fim, Hall (2011) apresenta o discurso cunhado pelo feminismo, “tanto como uma crítica teórica quanto como um movimento social” (HALL, 2011, p.44). Ele aponta uma extensa lista de características importantes desse movimento, como por exemplo a influência dele para a criação da *política de identidade*, ao pensar as identidades sociais daqueles(as) pertencentes a ele, o fato de questionar a distinção entre o “privado” e o “público”, bem como os lugares pressupostos para as mulheres e demais cidadãos (HALL, 2011, p.44-46). A partir desses discursos, o sujeito foi descentrado, “resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno” (HALL, 2011, p.46).

⁶ Freud (2010) afirma que “o Eu não é senhor em sua própria casa” (FREUD, 2010, p.186), ou seja, que nem todos os processos mentais são acessíveis. Nesse sentido, não há como possuímos uma identidade fixa e imutável, pois sempre poderá vir à tona processos psíquicos do inconsciente, os quais podem modificar nossas identidades.

Diante da situação aqui discutida, em relação à identidade, Bauman (2005) defende que a construção da identidade requer esforço, é como um objetivo a ser cumprido, pelo qual temos que lutar, mas que é algo nunca concluído, pois está sempre em mutação (BAUMAN, 2005, p.22). Sobre tal processo, o sociólogo afirma que existem dois pólos, em um estão aqueles que articulam suas identidades mais ou menos à própria vontade, no outro estão aqueles que tiveram negado o direito de escolha, vendo sua identidade ser imposta por outros.

A maioria de nós paira desconfortavelmente entre esses dois pólos, sem jamais ter certeza do tempo de duração de nossa liberdade de escolher o que desejamos e rejeitar o que nos desagrada, ou se seremos capazes de manter a posição de que atualmente desfrutamos pelo tempo que julgamos satisfatório e desejável (BAUMAN, 2005, p.44-45).

Segundo Bauman (2005), isso faz com que tenhamos medo diante da oportunidade de selecionar uma identidade, pois sabemos que se fracassarmos, outra nos será imposta. Assim, aquilo que poderia ser bom, o relativo poder de escolher o que somos, acaba trazendo angústias. O autor afirma ainda que existem “guerras” as quais os indivíduos enfrentam com objetivo de que seu modo de construir a identidade seja reconhecido e aceito. Tais guerras, segundo Bauman (2005, p.45) são travadas em duas frentes:

Numa das frentes, a identidade escolhida e preferida é contraposta, principalmente, às obstinadas sobras das identidades antigas, abandonadas e abominadas, escolhidas ou impostas no passado. Na outra frente, as pressões de outras identidades, maquinadas e impostas (estereótipos, estigmas, rótulos), promovidas por “forças inimigas”, são enfrentadas e – caso se vença a batalha – repelidas (BAUMAN, 2005, p.45).

Essas batalhas estão sempre acontecendo, pois os sujeitos estão constantemente se modificando ao longo da vida, sempre tendo que reafirmar-se diante das pressões externas. No entanto, segundo Bauman (2005) ainda há pessoas em pior situação, aquelas que não têm direito de reivindicar uma identidade diferente da imposta, pois não são ouvidas. Essas pessoas são denominadas de “subclasse”, se encontram além dos limites da sociedade e as identidades ambicionadas por elas lhes são negadas *a priori*: “O significado da ‘identidade da subclasse’ é a *ausência de identidade*, a abolição ou negação da individualidade, do ‘rostro’ – esse objeto do dever ético e da preocupação moral” (BAUMAN, 2005, p.46).

Seja em relação a pessoas com maior ou menor grau de possibilidade de escolhas em relação à identidade, ao pensarmos sobre determinada identidade, automaticamente consideramos tudo aquilo que está além dela e que a pessoa não é. Desse modo, a relação entre os sujeitos é um traço importante a se considerar na constituição da identidade. Afinal, como desenvolvemos anteriormente, a ideia sociológica de sujeito nasceu da percepção dessa relação. Desse modo, a início podemos pensar a relevância dada por Bauman (2005) para os

relacionamentos nesse processo. Ele afirma que na modernidade líquida os sujeitos estão se afastando cada vez mais do compromisso, sendo inclusive indicado por especialistas que as pessoas não criem laços fixos, pois ao escolher um relacionamento estariam abdicando de outras oportunidades ou poderiam se arrepender depois, então não se apegar demais seria a melhor opção. O sociólogo afirma que isso é um grande problema pois:

Afinal de contas, a essência da identidade – a resposta à pergunta ‘Quem sou eu?’ e, mais importante ainda, a permanente credibilidade da resposta que lhe possa ser dada, qualquer que seja – não pode ser constituída senão por referência aos vínculos que conectam o eu a outras pessoas e ao pressuposto de que tais vínculos são fidedignos e gozam de estabilidade com o passar do tempo. Precisamos de relacionamentos, e de relacionamentos em que possamos servir para alguma coisa, relacionamentos aos quais possamos referir-nos no intuito de definirmos a nós mesmos (BAUMAN, 2005, p.74-75).

Assim, segundo Bauman (2005), precisamos dos relacionamentos para manter a coesão e a lógica de nosso próprio ser. Esse seria, então, um dos motivos que dificultam a constituição da identidade do sujeito, pois nessa lógica, quanto mais instáveis os relacionamentos, menos estáveis as identidades.

Desta feita, o sociólogo demonstra a importância da paridade entre as pessoas a partir da necessidade de vínculos que conectam as pessoas e dão sustentação à identidade. Em contrapartida, podemos também compreender o processo de construção da identidade a partir da importância da diferença. Para essa compreensão, podemos considerar o texto de Silva (2000). O pesquisador afirma que geralmente tomamos a diferença como um produto da identidade, sendo esta o ponto original, a referência. Nessa perspectiva a identidade é tida como norma através da qual avaliamos o outro, ou seja, a partir do momento em que nos constituímos, passamos a nos diferenciar dos demais. Por exemplo, se uma pessoa que possui determinada identidade de gênero exclui as demais da sua personalidade, por serem diferentes da dele.

No entanto, para Silva (2000), identidade e diferença são mutuamente determinadas, podendo-se dizer, inclusive, que na verdade a diferença é que vem antes da identidade. “Para isso seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como o processo mesmo pelo qual tanto a identidade quanto a diferença (compreendida, aqui, como resultado) são produzidas” (SILVA, 2000, p.76). Na perspectiva de Silva (2000), só construímos nossa identidade a partir da diferença em relação às outras pessoas, ao mesmo tempo que também só entendemos o outro como diferente a partir da identidade que possuo, em uma relação mútua.

Para ele, identidade e diferença não podem ser compreendidas isoladamente, “Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem. Dizer isso não

significa entretanto, dizer que elas são determinadas, de uma vez por todas, pelos sistemas discursivos e simbólicos que lhes dão definição” (SILVA, 2000, p.78). Dessa forma, é importante entender que a afirmação da identidade passa por um processo de demarcação de fronteiras, separando o *nós* e o *eles*, “Os pronomes ‘nós’ e ‘eles’ não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder” (SILVA, 2000, P.82). Tais relações de poder se dão porque dividir *nós* e *eles* pressupõe uma classificação e esta está ligada à hierarquização. Assim, “deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados” (SILVA, 2000, p.82).

Neste âmbito, é importante considerar as formas como atribuímos sentido às identidades, através da representação. Na perspectiva pós-estruturalista, “[...] a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (SILVA, 2000, p.91). Dessa forma, a identidade e a diferença são dependentes da representação, pois é a partir dela que elas adquirem sentido e passam a existir: “representar significa, neste caso, dizer: ‘essa é a identidade’, ‘a identidade é isso’” (SILVA, 2000, p.91) Além disso, “é também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (SILVA, 2000, p.91).

Isto posto, vemos que há um jogo de poder e política na constituição da identidade, com intuito de estabelecer a ideia de nação, até as diferenças identitárias que temos em relação aos outros, que criam uma hierarquia intrínseca a representação necessária a essa diferenciação. Além disso, notamos que a concepção não essencialista de identidade criou um deslocamento do sujeito, o qual não se fixa mais em uma só identidade durante toda a vida. Desta feita, observaremos agora que na modernidade há uma fragmentação do indivíduo, provocada pelas diferentes identificações, e que isso traz implicações pessoais, sociais e políticas.

2.3. A pluralização da identidade e as diversas formas de construí-la.

Hall (2011) afirma que há na modernidade uma “fragmentação ou pluralização de identidades” (HALL, 2011, p.19). Esse processo consiste em não possuímos mais uma identidade única e sim várias identidades que se relacionam, mas por vezes também se contrapõem.

De forma crescente, as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocantes – advindas, especialmente, da erosão da “identidade mestra” da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos (HALL, 2011, p.21-22)

Dessa forma, os indivíduos possuem diferentes identidades, como por exemplo relacionada ao gênero, à raça, à nacionalidade, que nem sempre podem ser unificadas em uma “identidade mestra” que abarque todas essas. Assim, elas passam muitas vezes a disputar espaço na vida dos indivíduos⁷. É importante compreendermos que para Hall (2011) as identidades são formadas a partir de identificações. Para o sociólogo, esse termo pode ser entendido como as causas, ideologias, pensamentos, dentre outros, com os quais os sujeitos de alguma forma se identificam e se relacionam. É através delas que nascem as diferentes identidades, a partir do momento que as identificações se tornam de tão grande importância que o sujeito as incorpora e dá lugar de destaque, mesmo que junto a outras, na sua vida. Podemos exemplificar o que estamos discutindo se pensarmos no trabalho feito pelas feministas contemporâneas em busca de uma interseccionalidade, ou seja, entender que as mulheres diferem umas das outras por conta de suas diferentes identidades. Assim, as pautas políticas de uma mulher negra podem ter diferenças em relação às de uma mulher branca. Essas questões surgem a partir da identificação, ao passo que, por exemplo, uma mulher negra primeiro se identifica com as lutas negras e depois acaba, pela importância e espaço dado a elas na sua vida, transformando essa identificação em uma identidade. Esse processo não é consciente e está constantemente se renovando, transformando e relacionando com outros e é daí que vêm a pluralização da identidade, pelo grande número de identificações que podemos ter.

Hall (2011) afirma ainda que a identificação é politizada. Sendo assim, ela pode mudar de acordo com a situação, bem como pode ser ganhada ou perdida. O exemplo dado por Hall para isso é em relação à indicação pelo então presidente americano, Bush, de Clarence Thomas, para a Suprema Corte Americana. Tomas, a início, teve apoio dos eleitores de Bush por ser conservador e aqueles favoráveis à igualdade de direitos o apoiaram por ser negro. No entanto, durante o julgamento, o juiz foi acusado de assédio sexual, o que polarizou os americanos, uns o apoiavam ainda pela questão racial, outros não mais, baseados na questão sexual. Para as mulheres negras, a divisão foi ainda maior e dependia de qual identidade prevalecia, identidade enquanto negra ou enquanto mulher. Não se pretende com isso defender uma escolha ou outra, mas demonstrar como ocorre o processo de “fragmentação da identidade” discutido por Hall e

⁷ Um exemplo dessa disputa é o caso de Clarence Thomas, comentado no parágrafo seguinte.

como as diferentes identidades podem entrar em confronto politicamente. Consoante a essa discussão, Santos (2011) afirma que

A identificação com certo grupo e a diferenciação com relação a outros, a identificação com certos atributos e a diferenciação com outros, vão formando as fronteiras das identidades. O que pode gerar para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, identidades múltiplas (SANTOS, 2011, p. 149).

Além da relação entre identidade e identificações, é importante destacarmos a diferenciação feita por Castells (2018) entre a identidade e os papéis sociais. Para ele, ser pai, mãe, trabalhador, vizinho, jogador de basquete etc são papéis sociais. Isto porque os papéis sociais constituem-se por normas estabelecidas por instituições e organizações sociais, enquanto as identidades precisam ser significativas para os sujeitos.

Identidades, por sua vez, constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação. Embora, conforme argumentarei adiante, as identidades também possam ser formadas a partir de instituições dominantes, somente assumem tal condição quando e se os atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização (CASTELLS, 2018, p.55).

Assim, os papéis organizam funções e as identidades organizam significados. Castells (2018) afirma ainda que alguns papéis podem coincidir com as autodefinições, ou seja, as identidades podem ser pautadas em papéis sociais, quando “por exemplo, no momento em que ser pai é a mais importante autodefinição do ponto de vista do ator” (CASTELLS, 2018, p.55). Além disso, segundo sua proposta, o significado dado pelos atores para determinado aspecto de suas vidas é definido como *identificação simbólica* e organiza-se em torno de uma identidade primária, que estrutura as demais e é autossustentável ao longo do tempo e do espaço.

Existe na teoria de Castells (2018) um elemento muito importante, que é a relação entre uma identidade dada e a necessidade de que o indivíduo a tome para si para que se torne efetivamente sua. Assim, na concepção não essencialista do termo, pode ser imposto ao indivíduo inúmeras identidades, mas essas só serão incorporadas à escolha do sujeito e do modo que ele escolher. Isso quer dizer que antes de haver uma subjetivação que torne algo em identidade há uma objetividade que é internalizada ou não pelo sujeito. É por isso que há todo um trabalho em torno de incentivar a adesão às identidades propostas por certos modelos de sociedade, seja por meios gratificantes para aqueles as aderem, seja por meios punitivos para aqueles que delas fogem.

Se para Castells, a identidade se origina das autodefinições, Mendes (2002) complementa defendendo que as bases e origens das identidades não estão naqueles que estão próximos e sim nas diferenças, na fricção:

Essas identidades são activadas, estrategicamente, pelas contingências, pelas lutas, sendo permanentemente descobertas e reconstruídas na acção. As identidades são, assim, relacionais e múltiplas, baseadas no reconhecimento por outros actores sociais e na diferenciação, assumindo a interacção um papel crucial neste processo. Os processos de identificação são sempre situacionais e históricos havendo, a cada momento, expressões identitárias que são dominantes (MENDES, 2002, 505).

Novamente temos a ideia de múltiplas identidades, as quais, como discutido, surgem das identificações. Mendes (2002) ressalta ainda, da mesma forma que Castells, a necessidade de um sentimento individual de permanência identitária, demonstrando que a identificação é mais que papéis sociais. Além disso, o autor defende que em todo processo identitário estão atreladas questões de poder e desigualdade. É interessante pensarmos também que para Mendes (2002) a identidade é um trabalho contínuo, no qual o indivíduo está sempre se reelaborando, através de uma *identidade narrativa*, isto porque as identidades são sempre construídas a partir de práticas discursivas.

Mendes (2002) traz também em seu texto a distinção conceitual de *identidade social*, *identidade pessoal* e *identidade de ego*, proposta por Erving Goffman.

A identidade social, ou melhor, as identidades sociais, são constituídas pelas categorias sociais mais vastas a que um indivíduo pode pertencer. A identidade pessoal é a continuidade orgânica imputada a cada indivíduo, que é estabelecida através de marcas distintivas como o nome ou a aparência, e que são derivadas da sua biografia. A identidade de ego ou a identidade "sentida" é a sensação subjectiva da sua situação, da sua continuidade e do seu carácter, que advém ao indivíduo como resultado das suas experiências sociais (MENDES, 2002, p.309).

A *identidade social* relaciona atributos pessoais e estruturais, estando intensamente marcada pelos contextos sociais. Desse modo, o autor diferencia *identidade social virtual* e *identidade social real*. “A identidade social virtual é constituída pelas exigências e características que imputamos aos indivíduos. A identidade social real são os atributos que aqueles realmente possuem e as categorias reais a que pertencem” (MENDES, 2002, p.309). Assim, há um jogo social constante para ajustar a *identidade social virtual* e a *identidade social real*. Além disso, o equilíbrio individual provém do ajuste entre as duas identidades. Há também a diferenciação entre as *identidades sociais primárias* e *categoriais*. As primeiras partem das relações sociais diretas, como o sexo, construído socialmente, amigos, local de trabalho etc. As segundas se referem às relações sociais indiretas, aqui se encontram nação, classe social, clube esportivo etc (MENDES, 2002, p.512). Como visto, o pesquisador coloca as questões relacionadas ao sexo como incluídas na *identidade social*, sendo *uma identidade social primária*. Diante disso, a identidade de gênero pode ser compreendida como *identidade social virtual*, pois é algo construído de acordo com o social, a partir das características e exigências

colocadas aos indivíduos. Desta feita, um problema enfrentado constantemente é conseguir que a *identidade social virtual* não seja tão destoante da *identidade social real* em relação ao gênero e ao sexo.

A *identidade pessoal*, segundo Mendes (2002, p.510) se refere às características pessoais do indivíduo, as quais são transmitidas por ele próprio. É através dela que os indivíduos se diferenciam dos demais. No entanto, ela também está ligada à organização social, podendo ter um papel estruturado e padronizado: “Quanto à identidade pessoal ela pode aparecer mesmo antes do nascimento, por exemplo nos preparativos, roupa e escolha do nome por parte dos pais, e manter-se após a sua morte, isto é, pelas visitas que familiares e outros fazem ao cemitério, por celebração de missa, etc” (MENDES, 2002, p.510-511).

Já a *identidade de ego* é subjetiva e reflexiva. Mendes (2002, p.511) afirma que o indivíduo constrói essa identidade a partir dos mesmos materiais da *identidade social* e da *identidade pessoal*, “mas ele tem uma margem de liberdade importante no moldar da sua identidade de ego” (MENDES, 2002, p.511). Dessa forma, uma diferença entre os três tipos de identidade causa uma “ambivalência de identidade” (MENDES, 2002, p.511). O pesquisador destaca ainda que essa distinção é oportuna enquanto categoria analítica, no entanto, “a visão de Goffman do processo identitário como sobre-socializado deve ser atenuada utilizando-se para tal as próprias pistas que ele fornece. Se a subjectividade se constrói socialmente, a resistência ou até o abandono da luta é sempre possível” (MENDES, 2002, p.511).

Dessa forma, Mendes (2002) apresenta a identidade como múltipla, diversificada e narrativamente edificada. Ele afirma que as identidades são constantemente construídas e desconstruídas. No entanto, segundo Mendes (2002), há também uma forte tendência à essencialização, pois no cotidiano “as referências essencialistas e ontologizantes constituem recursos identitários fundamentais. As pessoas não têm dificuldade em essencializar, e procuram, quase sempre, ancorar as suas identificações em identidades fixas, essencialistas, naturais, genéticas e históricas” (MENDES, 2002, p.532). Isso tudo em busca muitas vezes da aceitação do outro. Assim, o indivíduo está sempre procurando se estabilizar, mesmo que provisoriamente. Destarte, as identidades “são um jogo sério, complexo e perigoso” (MENDES, 2002, p.532):

Como refere Craig Calhoun (1995: 220-221), a maior parte das políticas identitárias trabalham sobre categorias de indivíduos que, em princípio, partilham uma dada identidade. Isto permite uma certa abstracção das interações e relações sociais concretas em que as identidades são constantemente renegociadas, em que os indivíduos apresentam uma identidade como sendo mais saliente que outras e dentro das quais os indivíduos conseguem uma certa sensação de continuidade e de equilíbrio entre as suas várias identidades (MENDES, 2002, p.533).

Os indivíduos têm a identidade cada vez mais multifacetada e as políticas identitárias intensificam isso ainda mais. Portanto, há sempre uma negociação entre as diferentes identidades e uma constante tentativa de equilibrá-las. Como observaremos em nossa análise, as lutas políticas frequentemente adicionam novas características a essas identidades, até novas delas, aumentando a complexidade em combiná-las.

Pelo que viemos discutindo até o momento, podemos entender que a identidade é algo construído incessantemente, pode sofrer mudanças ao longo da vida e é influenciada por terceiros em relação àqueles com os quais nos identificamos e a partir deles mantemos uma coerência, bem como no que diz respeito à diferença, em uma relação de fronteira entre *nós* e *eles*. Além disso, notamos que na modernidade há uma fragmentação da identidade, sendo importante diferenciarmos os papéis sociais das identificações. É a partir das segundas que o sujeito se constrói, sendo necessário um sentimento individual para que uma característica ou papel social se torne uma identidade. Dessa forma, a identidade passa por diversas influências externas, mas necessita da adesão interna e particular para ser incorporada ao sujeito.

Como discutimos, Bauman (2005) afirma que o conceito de identidade nasce junto ao estado moderno, a partir da concepção de identidade nacional. Desse modo, a modernidade exerce forte influência sobre seu processo de construção, pois foi a partir das mudanças empreendidas na sociedade no período moderno que a identidade começou a não ser mais autocentrada. Giddens (2002) defende que há uma estreita relação entre modernidade e identidade. Isso porque

As instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordem social quanto a seu dinamismo, ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais, e a seu impacto global. No entanto, essas não são apenas transformações em extensão: a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. A modernidade deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e portanto com o eu (GIDDENS, 2002, p.9).

Diante disso, o sociólogo elenca diversas características da modernidade que influenciam na identidade e explica como isso ocorre.

Algumas das características supracitadas são a reorganização do espaço e do tempo, a dúvida radical e a cultura do risco. A primeira, segundo Giddens (2002) podemos entender como “a condição para a articulação das relações sociais ao longo de amplos intervalos de espaço-tempo, incluindo sistemas globais” (GIDDENS, 2002, p.26). Ele afirma que há na modernidade uma separação de tempo e espaço. O motivo é que a facilidade de conexão entre

diferentes espaços e tempos propicia relações diversas entre eles. Isso faz com que nossa ligação com essas categorias também possa se dar de formas variadas.

Enquanto isso, a *dúvida radical* é o princípio segundo o qual colocamos todo conhecimento como hipótese, sempre aberto à revisão. Qualquer conhecimento pode a qualquer momento ser abandonado, e há geralmente múltiplas fontes de autoridade sobre eles, o que causa diversas divergências e faz com que essas também possam ser em algum momento contestadas:

A dúvida radical se infiltra na maioria dos aspectos da vida diária, pelo menos como fenômeno de fundo. No que diz respeito aos atores leigos, sua consequência mais importante é a necessidade de equilibrar-se entre os reclamos conflitantes de tipos diferentes de sistemas abstratos. Mas isso provavelmente gera aflições mais difusas (GIDDENS, 2002, p.168).

A *dúvida radical* se relaciona com a *cultura do risco*. Isso porque o fato de começarmos a duvidar dos conhecimentos que tínhamos como irrefutáveis atrelado a deixarmos o modo tradicional de agirmos causa dúvidas em relação ao que fazer e traz diversos riscos relativos a nossas escolhas, o que cria uma *cultura do risco*, no sentido que o risco é fundamental tanto para leigos quanto para especialistas organizarem seu mundo social. O sociólogo afirma que “Viver no universo da alta modernidade é viver num ambiente de oportunidade e risco, concomitantes inevitáveis de um sistema orientado para a dominação da natureza e para a feitura reflexiva da história” (GIDDENS, 2002, p.104). Oportunidades porque posso fazer escolhas em relação à minha identidade, riscos porque tenho de arcar com as consequências delas. Dessa forma, ele afirma também que “Viver numa cultura secular de risco é inerentemente inquietante, e sensações de ansiedade podem tornar-se particularmente pronunciadas durante episódios que tenham um caráter decisivo” (GIDDENS, 2002, p.168).

Outro ponto defendido por Giddens (2002) que é importante para nós é o de que o *eu* não é uma entidade passiva, por mais que sofra influências externas, ele participa ativamente da construção de sua identidade. Faz isso através da constituição da *auto-identidade*:

Como o eu é um fenômeno um tanto amorfo, a auto-identidade não pode referir-se meramente à sua persistência no tempo, à maneira como os filósofos poderiam falar da "identidade" dos objetos ou coisas. A "identidade" do eu, ao contrário do eu como fenômeno genérico, pressupõe uma consciência relativa. É aquilo "de que" o indivíduo está consciente no termo "autoconsciência". A auto-identidade, em outras palavras, não é algo simplesmente apresentado, como resultado das continuidades do sistema de ação do indivíduo, mas algo que deve ser criado e sustentado rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo (GIDDENS, 2002, p.54).

Dessa forma, a *auto-identidade* não é somente as características de um indivíduo, mas sim a constante reflexão que ele faz sobre si mesmo, através da qual ele cria uma sensação de

continuidade biográfica e pode comunicá-la a outras pessoas. Essa reflexão é o que Giddens (2002) denomina “reflexividade do eu”. Ele afirma que na modernidade, com suas diferentes mediações da experiência, a *auto-identidade* se torna um empreendimento, pois mesmo diante das diversas escolhas que precisamos fazer temos que tentar manter nossas narrativas biográficas coerentes. Defende ainda que “Viver cada momento reflexivamente é uma questão de intensificar a consciência dos pensamentos, sentimentos e sensações corporais. A consciência cria a mudança potencial, e pode de fato induzir a mudança por si mesma” (GIDDENS, 2002, p.71).

A teoria de Giddens gira em torno das escolhas, porque para ele todos temos que fazê-las a todo momento, seja em menor ou maior grau. Assim, “A modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e ao mesmo tempo oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas” (GIDDENS, 2002, p.79). Essa situação cria, segundo o sociólogo, várias consequências. A primeira delas é em relação à primazia do *estilo de vida*. Este, porém, não seria pensado a partir de um mero consumismo superficial, pois “Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade” (GIDDENS, 2002, p.79). O *estilo de vida* seria, portanto, as escolhas que fazemos dentro das opções possíveis e que dão sustentação à nossa *auto-identidade*. É preciso enfatizar que “Falar de uma multiplicidade de escolhas não é o mesmo que supor que todas as escolhas estão abertas para todos, ou que as pessoas tomam todas as decisões sobre as opções com pleno conhecimento da gama de alternativas possíveis” (GIDDENS, 2002, p.80), mas que se não todas, há pelo menos algumas escolhas do dia-a-dia feitas reflexivamente e que culminam em um *estilo de vida*.

A segunda consequência apresentada por Giddens (2002) diz respeito a um termo discutido por Berger, a “pluralização de mundos de vida”:

Como ele observa, durante a maior parte da história humana, as pessoas viveram em ambientes sociais que eram muito ligados entre si. Fosse em situações de trabalho, no lazer ou em família, um indivíduo geralmente vivia dentro de um conjunto de ambientes comparáveis — fenômeno reforçado pelo domínio da comunidade local na maioria das culturas pré-modernas. Os ambientes da vida social moderna são muito mais diversos e segmentados (GIDDENS, 2002, p.81).

Segundo Giddens (2002) isso culmina na diferenciação dos domínios público e privado. Além disso, há uma estreita relação entre os estilos de vida e determinados ambientes. Assim, aprofundar-se em um ambiente é uma escolha de estilo de vida, ao mesmo tempo que ambientes os quais se diferenciem do curso de vida escolhido podem deixar o indivíduo desconfortável.

Ademais, podemos ter diferentes modos de ação a depender do contexto no ambiente em que me encontro. É o que o sociólogo denomina “setores do estilo de vida”.

Giddens (2002) afirma que “Um terceiro fator que condiciona a pluralidade da escolha é o impacto existencial da natureza contextual das crenças garantidas nas condições da modernidade” (GIDDENS, 2002, p.82). A reflexividade da modernidade institui uma dúvida constante. Não temos em quem confiar plenamente, nem receitas fixas de ação, estando submetidos às próprias escolhas. Por último ele apresenta como influência às escolhas a “experiência transmitida através da mídia” (GIDDENS, 2002, p.82). Essa é provavelmente a característica mais evidente, pois a mídia influencia o indivíduo de diversas formas e apresenta ambientes e escolhas em potencial que talvez os indivíduos nunca consigam ter contato.

O entendimento da atitude reflexiva será importante para compreendermos os conflitos identitários dos personagens na nossa análise. Isso porque Giddens (2002) reflete que evidentemente as escolhas de *estilo de vida* de alguns indivíduos são condicionadas pelas oportunidades de vida e que a emancipação de situações de opressão é necessária para que muitos possam alcançar determinadas opções de *estilo de vida*. No entanto,

As possibilidades negadas pela privação econômica são diferentes e vividas de maneira diferente — isto é, enquanto possibilidades — da exclusão originada pelo quadro da tradição. Além disso, em algumas situações de pobreza, a influência da tradição talvez se tenha desintegrado mais completamente. Em consequência, a criação construtiva do estilo de vida pode tornar-se um traço característico particular de tais situações. Os hábitos do estilo de vida são construídos pelas resistências da vida no gueto e também pela elaboração direta de estilos culturais e modos de atividades distintos (GIDDENS, 2002, p.84).

Dessa forma, pequenas atitudes tomadas no dia-a-dia, nesses casos, constituem a reflexividade do eu e podem inclusive estarem atreladas a uma resistência e busca por emancipação, ao passo que é a cada pequena escolha individual que se constrói mudanças.

Para Giddens (2002), a experiência privada tem força subversiva em relação ao coletivo. Para defender esse ponto de vista, o sociólogo fala de uma *política-vida*. Para entendermos o que Giddens denomina “política-vida”, temos que ter em mente o que é “política-emancipatória”.

Defino a política emancipatória como uma visão genérica interessada, acima de tudo, em libertar os indivíduos e grupos das limitações que afetam negativamente suas oportunidades de vida. Ela envolve dois elementos principais: o esforço por romper as algemas do passado, permitindo assim uma atitude transformadora em relação ao futuro; e o objetivo de superar a dominação ilegítima de alguns indivíduos e grupos por outros (GIDDENS, 2002, p.194).

O objetivo da *política emancipatória* é superar as relações sociais desiguais e opressivas. Sendo assim, é orientada mais a “afastar-se de” do que “ir em direção a”. Por isso Giddens defende que “a natureza real da emancipação tem pouco conteúdo, salvo a capacidade dos indivíduos ou grupos de desenvolverem suas potencialidades dentro dos quadros das limitações comunitárias” (GIDDENS, 2002, p.196). Dessa forma, essa política é pautada na autonomia, na capacidade de o indivíduo agir livremente. No entanto,

O indivíduo é libertado de limitações impostas a seu comportamento como resultado de condições exploradoras, desiguais ou opressivas; mas ele não é libertado em termos absolutos. A liberdade supõe agir responsabilmente em relação aos outros e reconhecer as obrigações coletivas (GIDDENS, 2002, p.196).

É em relação a essa responsabilidade que encontramos a *política-vida*.

A política-vida não diz respeito principalmente às condições que nos libertam para que possamos escolher — ela é uma política da escolha. Enquanto que a política emancipatória é uma política das oportunidades de vida, a política-vida é uma política do estilo de vida. A política-vida é a política de uma ordem reflexivamente mobilizada — o sistema da modernidade tardia — que, num nível individual e coletivo, alterou radicalmente os parâmetros existenciais da atividade social. É uma política de auto-realização num ambiente reflexivamente organizado, onde a reflexividade liga o eu e o corpo a sistemas de alcance global (GIDDENS, 2002, p.197).

Os interesses da *política-vida* pressagiam interesses de longo alcance. As decisões políticas são tomadas a partir da liberdade de escolha e da construção da *auto-identidade*. Giddens (2002) defende que não só as relações sociais têm impacto sobre a *auto-identidade*, mas também as decisões pessoais afetam as considerações globais (p.203). Um exemplo que ele dá é em relação a ecologia, pois as decisões que tomamos sobre preservar ou não a natureza causam impacto, em maior ou menor escala, no global. O sociólogo afirma ainda que:

A capacidade de adotar estilos de vida livremente escolhidos, benefício fundamental gerado por uma ordem pós-tradicional, está em tensão não só com os obstáculos à emancipação mas também como uma variedade de dilemas morais. Não se deve subestimar a dificuldade de lidar com esses problemas, ou mesmo a dificuldade de formulá-los de maneira a que possam levar ao consenso generalizado (GIDDENS, 2002, p.212).

Assim, o autor admite que esse não é um processo simples, mas que a verdadeira emancipação só ocorre se estiver em consonância também com as questões pessoais. Dessa forma, ela se constrói a partir das escolhas de vida dos indivíduos. Essa perspectiva traz uma responsabilidade muito maior aos sujeitos, pois pressupõe que nós construímos a coletividade e não só somos influenciados por ela. Como dito, é uma teoria das escolhas, pois entende que cada um possui a capacidade de escolher, seja diante de muitas ou poucas opções.

Diante das teorias acima discutidas, torna-se mais claro o caminho a tomar na análise a fim de compreender como se apresenta o problema da identidade no governo autoritário de *Ninguém Nasce Herói*. Para tanto, nossa análise a partir daqui segue em dois momentos, divididos em capítulos. No primeiro, analisamos como o governo autoritário, que impõe uma identidade baseada em um ideal evangélico entra em conflito com a construção de identidades dos personagens. No segundo momento, buscamos entender como os personagens reagem à situação, sobrevivendo e enfrentando-a. Nesse segundo momento, há um entrelaçamento entre a vida pessoal e as questões coletivas, constituindo o que consideramos uma *política-vida*.

3. “GENTE COMO NÓS, QUE MOSTRA A OUTRA FACE, APANHA”: GOVERNO AUTORITÁRIO E IDENTIDADES EM *NINGUÉM NASCE HERÓI*.

No primeiro capítulo do nosso trabalho compreendemos o contexto de produção da obra *Ninguém Nasce Herói*, relativo à inserção dentro do conjunto de obras do autor, bem como em meio a um contexto literário e social. A partir dessa análise, notamos que as obras de Eric Novello podem ser lidas à luz das questões contemporâneas sobre identidade, e a partir desse entendimento discutimos de que forma esse conceito vem evoluindo a partir das discussões sociológicas. Nesse sentido, entendemos que a concepção não essencialista de identidade a compreende enquanto algo construído e não pré-estabelecido. É essa percepção que pauta as discussões contemporâneas de identidade, que a concebe como não centralizada e plural. Este segundo capítulo é pautado na discussão sobre a tensão entre a imposição de uma identidade normativa pelo governo autoritário da obra *Ninguém Nasce Herói* (2017) e as possibilidades de construção de identidades pessoais dos personagens do núcleo principal, especialmente Chuvisco, o narrador-protagonista. Nesse sentido, trata-se de analisar o texto tendo como horizonte a exposição anterior do conceito.

3.1. “Aviso de incêndio”: o autoritarismo distópico de *Ninguém Nasce Herói*.

Ninguém Nasce Herói é ambientado em um governo autoritário construído em uma distopia. É a partir de uma narrativa distópica que Novello encontrou um modo de inserir as discussões sobre identidade em governo do tipo, ao passo que as distopias, como veremos, costumam apresentar um embate entre hegemonia e resistência, que na obra em análise se constrói a partir dos conflitos em relação à identidade.

As distopias, segundo Hilário (2013), são provenientes da desilusão em relação às promessas feitas pelo Iluminismo, de aperfeiçoamento moral, emancipação política e conhecimento. De acordo com esse autor, “o objetivo das distopias é analisar as sombras produzidas pelas luzes utópicas, as quais iluminam completamente o presente na mesma medida em que ofuscam o futuro” (HILÁRIO, 2013, p.205). Desse modo, autores como Huxley, Orwell e Zamiatin criaram em suas narrativas sociedades baseadas numa irreversibilidade relativa ao que viam no presente.

Descrever as distopias como um modo literário, no entanto, é limitá-las. É importante compreender a início que esse termo foi criado em contraponto a “utopia”, termo cunhado a

partir da obra “Utopia”, de Tomas Morus, na qual ele cria uma sociedade que representava o que para ele era o ideal de civilização. Desse modo, utopia se tornou sinônimo de um lugar ou situação perfeita, idealizado de modo a sanar os problemas existentes no momento atual, eram “narrativas de lugares e sociedades ideais” (PINTO, PORTELA, 2019, p.123). Distopia deriva dos termos gregos “dis” e “topos”, que significaria algo como “lugar ruim”. Segundo Pinto e Portela (2019), “A distopia pode servir para referenciar a realidade, assim como um modelo literário (sua forma mais popular)” (PORTELA, 2019, p.124), mas é mais comum referirmo-nos à forma literária, ao contrário da utopia, que tem seu significado enquanto ideologia amplamente disseminado.

Quando se trata de distopia literária, Moylan (2000, p.141) afirma, citando Fredric Jameson, que as distopias acompanham a trajetória de um sujeito, enquanto as utopias descrevem um mecanismo social. Assim, as primeiras apresentam o caminho de um personagem em meio a uma sociedade que poderíamos considerar ruim. Como geralmente as distopias possuem uma *textualidade híbrida*, esse personagem comumente não está contente com a situação atual.

Para compreender o que seria “textualidade híbrida” (MOYLAN, 2000, p.147) precisamos entender a distinção feita por Sargent e citada por Moylan (2000) entre utopia e distopia: “enquanto eu-topia (e u-topia) nomeia textos que traduzem o “lugar bom”, a distopia nomeia aqueles que exploram o “lugar ruim” e ainda assim permanecem dentro do alcance da expressão utópica” (MOYLAN, 2000, p.127)⁸. Diferente da “anti-utopia”, que nega qualquer visão utópica, a distopia, mesmo ambientada em um “lugar ruim”, mantém um “horizonte utópico” (MOYLAN, 2000, p.147). Desse modo, “Como distopias, não são textos que recusam temperamentalmente a possibilidade de transformação social radical; em vez disso, eles olham interrogativamente, com ceticismo, criticamente não apenas para a sociedade atual, mas também para os meios necessários para transformá-la.” (MOYLAN, 2000, p.133)⁹. É daí que vem a *textualidade híbrida*, pois ao mesmo tempo em que apresentam uma sociedade pior do que a atual, mantém uma esperança de melhora, acreditando que a reflexão, proporcionada inclusive pelo fato de imaginar o que pode ocorrer no futuro, pode fazer com que as pessoas modifiquem suas realidades.

⁸ “while eu-topia (and u-topia) names texts that render the "good place" dystopia names those which explore the ""bad place" and yet remain within the purview of utopian expression.” (MOYLAN, 1943, p.127)

⁹ “As dystopias, they are not texts that temperamentally refuse the possibility of radical social transformation; rather, they look quizzically, skeptically, critically not only at the present society but also at the means needed to transform it” (MOYLAN, 2000, p.133)

Destarte, as distopias apresentam uma narrativa “construída em torno da construção de uma narrativa [de ordem hegemônica] e uma contranarrativa [de resistência]” (Baccolini apud MOYLAN, 2000, p.148)¹⁰. Esta última geralmente é representada pelo personagem ou núcleo principal, que não se aceita a situação instaurada na sociedade. É por conta dessa constituição que as distopias se tornam reflexivamente didáticas, pois demonstram uma alternativa àquele terror instaurado.

Hilário (2013) afirma que

As distopias problematizam os danos prováveis caso determinadas tendências do presente vençam. É por isso que elas enfatizam os processos de indiferenciação subjetiva, massificação cultural, vigilância total dos indivíduos, controle da subjetividade a partir de dispositivos de saber etc. A narrativa distópica é antiautoritária, insubmissa e radicalmente crítica (HILÁRIO, 2013, p.206).

Ele defende que esse tipo de literatura pode ser compreendido como um “aviso de incêndio” (HILÁRIO, 2013, p.202), pois pretende chamar a atenção para acontecimentos do presente para que estes possam ser controlados. Assim, “A narrativa distópica não se configura, deste modo, apenas como visão futurista ou ficção, mas também como uma previsão a qual é preciso combater no presente” (HILÁRIO, 2013, p.206). Nesse sentido, as distopias são fortemente contextualizadas, pois são construídas a partir de uma visão crítica do presente.

Apesar de as distopias mais conhecidas serem estrangeiras, como *Brave New World*, de Aldous Huxley, *Animal Farm*, de George Orwell, *Nineteen Eighty-Four*, também de George Orwell, *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, e *Handmaid's Tale*, de Margareth Atwood, popularizada também pela série de mesmo nome que está sendo lançada pelo canal Hulu, o Brasil também é rico em distopias. Alguns exemplos são *Sombras de Reis Barbudos* (1972), de José J. Veiga, considerado o primeiro do gênero no Brasil, *Não Verás País Nenhum* (1981), de Ignácio de Loyola Brandão, *Admirável Brasil Novo* (2001), de Ruy Tapioca, *O Ditador Honesto* (2018), de Matheus Peleteiro e *Boas Meninas Não Fazem Perguntas*, de Lucas Mota. Matangrano (2019), ao traçar um histórico da literatura fantástica no Brasil, afirma que a produção de romances distópicos se intensificou ainda mais no século em que estamos:

No século XXI, por outro lado, o elemento mais característico da nova literatura fantástica é a criação de mundos em suas mais diversas potencialidades, não raro ocorrendo um hibridismo entre dois ou mais modos narrativos, com supremacia, no entanto, da fantasia (MATANGRANO, 2019, p.131).

¹⁰ "built around the construction of a narrative [of the hegemonic order] and a counter-narrative [of resistance]" (Baccolini apud MOYLAN, 2000, p.148).

Esses mundos são criados tanto pensando o passado, como no *steampunk*¹¹, quanto o futuro, como na distopia e no *space opera*¹². A criação desses mundos, segundo Matangrano (2019), está ligada à realidade política mundial:

O surgimento das distopias neste século também responde à conjuntura política, em particular às fortes ondas conservadoras pelas quais o mundo tem passado, vide a chegada de Donald Trump ao governo americano, a subida da direita ultraconservadora na França - que, felizmente, perdeu a eleição para o centrista Emmanuel Macron -, e o crescimento constante de cadeiras no senado e no congresso brasileiro pelas bancadas ruralista e evangélica - associadas a uma política econômica elitista e a ultrajantes declarações racistas, xenófobas e homofóbicas. Tudo isso cria um cenário de instabilidade econômica e social, além de despertar o medo de novos golpes militares e ditaduras, o que, na mão de escritores competentes, torna-se material literário para a criação de distopias ficcionais (MATANGRANO, 2019, p.181-182).

Como vimos, Novello afirma ter se baseado na tendência autoritária que vinha notando em nosso país. Nesse sentido, *Ninguém Nasce Herói* é uma distopia enquanto modelo ideológico, por ser um lugar ruim baseado numa piora da situação presente. Isso porque, segundo a visão do autor, o crescente autoritarismo pelo qual o país vinha passando poderia ser encarado numa perspectiva de piora, que nos encaminharia para um governo autoritário. Além disso, a narrativa pode ser entendida como distópica na perspectiva de um modelo literário, por acompanhar Chuisco e seus amigos no caminho para a constituição de uma resistência. Assim, mantém-se ainda uma esperança, preservando o caráter didático da distopia, a qual funciona como “aviso de incêndio”, alertando para que algo possa ser feito para melhorar a situação desde o presente.

Matangrano (2019) defende que *Ninguém Nasce Herói* “[...] é uma distopia um tanto diferente das demais por apresentar um mundo secreta e assustadoramente próximo de nossa sociedade atual, com apenas uma sutil diferença, especulativa, mas, ainda assim, extremamente possível” (MATANGRANO, 2019, p.185). A diferença especulativa a qual Matangrano se refere são as *catarses criativas*, que ele considera como o elemento mais insólito do livro. O autor afirma ainda que o que diferencia *Ninguém Nasce Herói* é que, ao contrário de outras distopias da atualidade, como *Jogos Vorazes*, ela não acompanha “jovens habilidosos na luta contra o sistema” (MATANGRANO, 2019, p.186).

Ao contrário, o mundo de Eric é bem mais “realista” - por falta de termo melhor -, na medida em que acompanhamos um grupo de jovens absolutamente normais, sem habilidades ou poderes extraordinários, vivendo seu dia-a-dia, como quaisquer outros

¹¹ Subgênero de ficção científica ambientado no passado, num universo fictício no qual as tecnologias modernas foram inventadas mais cedo.

¹² Subgênero de ficção científica baseado em aventuras intergalácticas, o maior exemplo atualmente é a saga Star Wars.

jovens idealistas, lutando em seu cotidiano para exercer cada pequeno direito cerceado pelo governo do Escolhido (MATANGRANO, 2019, p.186).

Matangrano não desenvolve a comparação, no entanto, entendemos que ela não tem a intenção de desqualificar Chuisco e seus amigos enquanto jovens habilidosos, mas compreendê-los a partir de habilidades diferentes. Quando falamos em jovens habilidosos nas demais distopias é no sentido de serem quase super-heróis, com capacidades estratégicas e de lutas inatas. Muitas vezes esses personagens são colocados em determinado contexto como salvadores, pessoas destinadas a resolver a situação que esteja causando os problemas na sociedade. Em *Ninguém Nasce Herói* as habilidades do protagonista e seus amigos são adquiridas ao longo da narrativa, conforme necessárias e com intuito de sobreviver, a saber, aprendem a conseguir informações privilegiadas, a como prestar mais atenção nos detalhes de acontecimentos e pessoas para estarem preparados caso algo aconteça, e alguns aprendem a atirar para poder se defender. Juntos vão se tornando habilidosos, mas são habilidades ainda distantes das dos personagens das demais distopias.

Outra perspectiva de habilidades para Chuisco e os demais jovens próximos a ele se dá a partir das *catarses criativas* do protagonista, através das quais dota a si e aos amigos de superpoderes. No entanto, tais poderes são reservados somente à imaginação de Chuisco e servem para deixá-lo mais confiante ao enfrentar os inimigos, pois pensava ter poderes e força suficiente para lutar contra eles. Assim, as *catarses criativas* funcionam também como um recurso narrativo que propicia inserir superpoderes nos personagens e ainda manter o enredo próximo à realidade, ao passo que qualquer um poderia ter a mesma condição psicológica de Chuisco e imaginar coisas parecidas.

A onda conservadora e autoritária que foi citada por Matangrano, a qual seria responsável pela ascensão das distopias no século XXI, é também discutida por Rosa (2020). Ela explica que se pensava que o autoritarismo era algo já superado, após as grandes discussões travadas com o término da segunda guerra e a análise do governo nazista, mas ultimamente isso vem se modificando.

Nos últimos tempos, no entanto, com a emergência de governos, grupos e líderes políticos, cujos discursos e práticas vieram carregados de posicionamentos autoritários, a temática do autoritarismo tem sido retomada com muita intensidade por parte das pessoas, provocando debates acalorados e trazendo muitas dúvidas acerca de seu significado (ROSA, 2020, p.5).

No Brasil, essa tendência acaba por se intensificar, pois vivemos em um país de bases fortemente autoritárias. Segundo Chauí (2013),

O Brasil é uma sociedade autoritária, na medida em que não consegue, até o limiar do século XXI, concretizar nem sequer os princípios (velhos, de quase quatro séculos) do liberalismo e do republicanismo. Indistinação entre o público e o privado, incapacidade para tolerar o princípio formal e abstrato da igualdade perante a lei, combate da classe dominante às ideias gerais contidas na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (de 1789) e na Declaração dos Direitos do Homem (de 1948), de repressão às formas de luta e de organização sociais e populares, discriminação étnica, sexual e de classe (CHAUÍ, 2013, p.257).

Assim, o autoritarismo brasileiro não seria uma novidade, “O que acontece hoje é que a personalidade autoritária encontrou suporte na estrutura política autoritária, assim como a estrutura política autoritária encontrou suporte nos indivíduos autoritários. Um legitimando a livre expressão do outro” (ROSA, 2020, p.31).

Para entender melhor sobre a ascensão do autoritarismo e sobre o governo encontrado em *Ninguém Nasce Herói*, precisamos compreender o que é autoritarismo. Rosa (2020) explica que o termo é formado por “auctoritas” + “-arius” e “Significa algo relativo à autoridade, que se impõe por força da autoridade” (ROSA, 2020, p.6). Em busca de uma melhor compreensão do termo, ela faz a diferenciação entre autoridade e poder, sendo a autoridade “o direito de comandar” (ROSA, 2020, p.7) e o poder “seria a força por meio da qual se pode obrigar alguém a obedecer” (ROSA, 2020, p.7). Além disso, a autora explica a surgimento do termo autoritarismo a partir dos tipos de dominações legítimas propostos por Max Weber: a dominação legal, a dominação tradicional e a dominação carismática (ROSA, 2020, p.8), a primeira seria exercida a partir das leis, a segunda a partir das tradições e a última se baseia na vida da pessoa que a exerce. Ela esclarece que para Weber a “[...] *dominação legítima* pressupõe uma disposição por parte do dominado em se deixar dominar. O dominador e o dominado respeitariam, portanto, um acordo tácito entre si” (ROSA, 2020, p.9). Quando esse pacto entre as duas partes é rompido, ou seja, quando não há legitimidade da autoridade pelos dois lados, surge o autoritarismo. “Em outras palavras, podemos dizer que o autoritarismo é uma degeneração do princípio de autoridade” (ROSA, 2020, p.11).

O autoritarismo se manifesta em três contextos: “no âmbito individual ou psicológico (pessoa autoritária); no âmbito das ideias (corrente de pensamento, ideologias, grupos, instituições com normas e princípios autoritários); e no âmbito governamental ou nas estruturas de poder (regime político autoritário)” (Rosa, 2020, p.11). Para nossa análise, consideraremos principalmente o autoritarismo em âmbito governamental, o qual se destaca na narrativa. No entanto, esse tipo de análise não exclui os demais âmbitos, pois um governo autoritário é geralmente formado por pessoas e ideias autoritárias.

Em qualquer um dos três contextos apontados acima, o autoritarismo é marcado pela centralização da figura da autoridade, que impõe obediência incondicional sobre seus

súditos, oprimindo sua liberdade, reduzindo ao mínimo sua participação no poder e usando, por vezes, de meios coercitivos para manter o controle e respeito à estrutura hierárquica imposta. Também se apresentam manifestações de agressividade à oposição, censura às opiniões, controle do pensamento e emprego de métodos agressivos de controle político e social (ROSA, 2020, p.13)

Dessa forma, o autoritarismo seria uma autoridade imposta e a violência seria uma característica marcante dele por ser a forma de submeter as pessoas à figura de autoridade.

O autoritarismo muitas vezes é confundido com o totalitarismo, pois os dois possuem muitas semelhanças. No entanto, há também diferenças que acabam afastando os conceitos. Stoppino (1998) explica que o conceito de Autoritarismo, assim como “ditadura” e “totalitarismo” foram criados em oposição ao de “democracia”. Assim, em sentido generalizado, o autoritarismo “compreende todos os sistemas não democráticos caracterizados por um baixo grau de mobilização e de penetração da sociedade” (STOPPINO, 1998, p.95). A partir desse entendimento, ditadura, totalitarismo e outros tipos de governo não democráticos seriam tipos de autoritarismo. No entanto, há outro sentido para o termo, popularizado principalmente quando os estudiosos do tema perceberam que havia muito mais tipos de governos não democráticos do que o imaginado, implicando uma diferenciação entre o governo autoritário e os demais. “Neste sentido, as ideologias autoritárias são ideologias da ordem e distinguem-se daquelas que tendem à transformação mais ou menos integral da sociedade, devendo entre elas ser incluídas as ideologias totalitárias” (STOPPINO, 1998, p.95).

Nessa perspectiva, o autoritarismo estaria mais pautado na ordem do que na transformação da sociedade, se localizando entre a democracia e o totalitarismo.

Se o totalitarismo, de um lado, com forte controle social e poder centralizado em uma única figura (líder) ou pequeno grupo altamente hierarquizado e a democracia, por outro lado, é marcada por um pluralismo alargado, com um sistema eleitoral desenvolvido e acesso amplo à informação, o autoritarismo se apresentaria como regime com pluralismo político limitado e completamente institucionalizado, que reduz o controle social e dando um alto grau de previsibilidade à ação do poder (ROSA, 2020, p.72).

No entanto, mesmo que o governo em *Ninguém Nasce Herói* seja autoritário, ele tem intenções de prover mudanças na sociedade, ao menos em algumas camadas. É a partir dessa pretensão, inclusive, que se coloca o problema da identidade, pois as modificações pretendidas são relacionadas àquelas identidades as quais não se enquadram no padrão pautado na religião evangélica a partir da qual o governo se ancora. Essa característica híbrida (coexistência de características do autoritarismo e do totalitarismo) se explica se pensarmos que haverá diferenças entre um governo e outro a depender do contexto em que ele se insere. Tal característica pode ser melhor notada ao entendermos a classificação de governos autoritários

proposta por J. Linz e comentada tanto por Rosa (2020) quanto por Stoppino (1988). Sobre J.Linz, Rosa (2020) afirma que

É dele uma das definições mais aceitas sobre os regimes autoritários, segundo a qual podemos designar regimes autoritários (de maneira muito geral) como sistemas que contam com um limitado pluralismo político, não possuem uma ideologia claramente formulada e não possuem grande capacidade de mobilização (ROSA, 2020, p.72).

Segundo Rosa (2020), esse autor organiza os regimes autoritários em 7 tipos básicos: *burocrático-militar*, dirigido geralmente por militares, não possui instituições complexas e nem carisma suficiente para mobilizar grande apoio da elite (p.73-74); *corporativismo autoritário*, onde o Estado é mediador de interesses, representa interesses sociais e exerce controle dos conflitos (p.74); *regime autoritário de mobilização em sociedades pós-democráticas*, que tem como marca principal a busca por estabelecer vínculo afetivo entre governantes e governados (p.74-75); *regime de mobilização pós-colonial*, formados pela crença de que só regimes autoritários seriam capazes de assegurar a formação de nações após os problemas desencadeados pelo período colonial (p.75); “*democracias*” *raciais e étnicas*, onde a “democracia” é garantida somente a uma minoria étnica (p.76); *regimes imperfeitamente totalitários e regimes pré-totalitários*, os primeiros são aqueles que tiveram seu desenvolvimento rumo ao totalitarismo interrompido, mas seus representantes mantiveram um poder significativo, enquanto o segundo são os que estão em uma fase transitória em direção ao pleno estabelecimento de um regime totalitário (p.76); *regimes autoritários pós-totalitários*, são regimes que mantêm algumas especificidades do regime totalitário do qual saiu (p.77).

3.1.1. O governo autoritário em *Ninguém Nasce Herói*.

É digno de nota a ausência de detalhes sobre o funcionamento do governo em *Ninguém Nasce Herói*. No entanto, esta é proveniente de a narrativa ser construída em primeira pessoa, pois só tomamos conhecimento do que o personagem sabe e Chuisco desconhece minúcias de como o Escolhido comanda o país, o que sabe é pela vivência e pelo que as pessoas vão dizendo, nada explicitado. É dessa maneira, a partir do desenrolar dos acontecimentos, que vamos compreendendo um pouco de como os poderes são instituídos nessa sociedade.

Essa carência pode ser suprida também a partir das teorias acima discutidas, pois podemos identificar o governo do Escolhido, segundo a classificação evidenciada por Rosa (2020) como *autoritarismo pré-totalitário*, pois ele tem intenções de promover mudanças na sociedade, mas por esbarrar em pessoas que resistem, ainda não conseguiu e tem que algumas

vezes recuar para que a oposição faça o mesmo. Notamos isso claramente ao observar que os cidadãos possuem certo grau de liberdade para se mobilizar, geralmente sustada antes que ofereça real perigo. O principal elemento que nos permite fazer essa leitura é o “Pacto de convivência”, que busca manter a paz entre apoiadores do governo e aqueles que são contrários a ele. Sobre o “Pacto de Convivência”, o narrador afirma:

Tudo muito bonito no discurso. O símbolo de uma era de paz, do fim da perseguição a minorias e a pessoas com ideais divergentes dos que foram sua base de apoio. Mais uma peça publicitária para ele se fingir de bom moço enquanto manda a polícia nos encurralar e descer o cacete (NOVELLO, 2017, p.11).

Dessa forma, o pacto de convivência demonstra bem o funcionamento do governo encontrado na obra, pois este tenta se mostrar democrático para submeter a população mais facilmente, enquanto usa de violência para oprimir os cidadãos contrários a ele.

Sabemos ao longo da narrativa que o “Escolhido” foi eleito democraticamente e depois de estar no poder foi promovendo transformações autoritárias:

O Brasil começou a se tornar um país fundamentalista muito antes do Escolhido se candidatar a presidente. Quando ele era apenas um deputado bagunçando a Comissão de Direitos Humanos, todo mundo falou: “Uma hora esse cara desaparece”. Quando ele assumiu a presidência da Câmara dos Deputados, todo mundo falou: “Exposto dessa maneira, logo ele é investigado e desaparece”. Quando ele comandou a votação para acabar com os antigos direitos trabalhistas, todo mundo falou: “Nem o partido dele vai apoiar isso, logo ele some, desaparece”. Quando impôs o Estatuto da Família, todo mundo falou: “Isso é só pra aparecer, ele logo desaparece”. E assim, servindo aos propósitos daqueles que o financiavam, ele se tornou presidente (NOVELLO, 2017, p.336).

Nota-se que por muito tempo muitos não levaram a sério a ameaça que o “Escolhido” representava. Além disso, para seus apoiadores, o “Escolhido” é tido como alguém enviado por Deus para governar o país e por isso é colocado em um patamar de divindade, como se tudo que ele decidisse fosse lei divina. Essa realidade tornou sua ascensão mais fácil e a oposição a ele ainda mais difícil. Como dito anteriormente, existe antagonismo ao governo, mas esse é suprimido, isso ocorre por conta do funcionamento de governos autoritários. Stoppino (1998) afirma que em governos autoritários “A autonomia dos outros grupos politicamente relevantes é destruída ou tolerada enquanto não perturba a posição do poder do chefe ou da elite governante” (STOPPINO, 1998, p.100).

Desse modo, o governo controla os cidadãos e instaura o medo necessário a esse controle a partir da polícia específica para a perseguição de pessoas contrárias a quem está no poder. Os Gladiadores, como são chamados, teriam sido criados para manter a paz no país, mas na prática eram colocados em ação para controlar a oposição, principalmente gays, mulheres e

negros. Além desse grupo, há também a “Guarda Branca”, formada por “cidadãos de bem cansados da violência no país” (NOVELLO, 2017, p.42), ou seja, pessoas comuns armadas que também perseguem as mesmas pessoas que os Gladiadores. A diferença entre os dois grupos é que o primeiro age teoricamente dentro da lei pois governos autoritários só podem utilizar instrumentos tradicionais de poder político, enquanto o segundo age abertamente contra a lei, mas dizendo ser por um bem maior. Dessa forma, Chuvisco demonstra, no decorrer dos acontecimentos, que não havia proteção para aqueles que não estavam do lado do “Escolhido”: “A segurança no Brasil existe para proteger o status quo. Se o Escolhido me considerar uma ameaça, estou ferrado. Se a Guarda Branca descobrir meu endereço, vou ter que mudar de casa, mudar de estado, cidade, país” (NOVELLO, 2017, p.117). Esse medo de ser perseguido pela Guarda Branca é algo presente durante toda a narrativa.

Tal sentimento se justifica pelo fato de que muitas pessoas já haviam desaparecido após se posicionar contra o governo.

Gente como nós, que mostra a outra face, apanha. Os próprios evangélicos, tão diversos em opiniões, escolheram o silêncio para não serem expulsos das igrejas. Há quem diga que os mais fervorosos a bradar contra as ideologias do Escolhido resolveram viajar para longe de repente, ninguém sabe quando, ninguém sabe como, sem data para voltar. Simplesmente desapareceram (NOVELLO, 2017, p.158).

Esses desaparecimentos revelam a violência e principalmente o terror instaurado pelo governo, derivados de um medo do desconhecido proveniente de não saber o que aconteceu com as pessoas desaparecidas. Arendt (1989) afirma que o terror é a essência de governos totalitários e que a polícia secreta é parte fundante dele, pois serve para espionar e punir os “inimigos”. Inimigos é colocado aqui entre aspas pois Arendt explica que após o extermínio de inimigos reais, passa-se a perseguir qualquer um que possa ser um potencial inimigo.

É nessa sociedade, impregnada pelas normas e vivendo pelos métodos que antes eram o monopólio da polícia secreta, que funciona a polícia secreta totalitária. Somente nos estágios iniciais, quando a luta pelo poder ainda está sendo travada, as suas vítimas são pessoas suspeitas de oposição. Depois disso, ela mergulha em sua carreira totalitária com a perseguição dos inimigos objetivos, que podem ser os judeus ou os poloneses (como no caso dos nazistas) ou os chamados “contrarrevolucionários” — uma acusação que “na Rússia soviética [...] se faz [...] antes que surja qualquer pergunta quanto [à] conduta [do acusado]” — ou pessoas que, em algum momento da vida, tiveram uma loja ou casa, ou que “tinham pais ou avós que tinham essas coisas” ou que pertenceram a uma das forças de ocupação do Exército Vermelho, ou eram de origem polonesa. Somente nesse último estágio inteiramente totalitário os conceitos de inimigo objetivo e do crime logicamente possível são abandonados; agora as vítimas são escolhidas inteiramente ao acaso e, sem mesmo terem sido acusadas, são declaradas indignas de viver (ARENDDT, 1989, p.483)

Assim, o desaparecimento de pessoas da oposição, segundo Arendt (1989), é estratégico pois “Verifica-se a importância desse completo desaparecimento das vítimas para o mecanismo do domínio total naqueles casos em que, por um motivo ou outro, o regime se defrontou com a memória dos sobreviventes” (ARENDR, 1989, p.485). Desta feita, para o governo, é melhor que as pessoas desapareçam sem deixar rastros, como se nunca tivessem existido, para que as outras, sem um corpo para enterrar, não tenham por quem lutar.

A finalidade de toda essa perseguição em governos totalitários, segundo Arendt (1989) é “produzir uma massa atomizada e amorfa” (ARENDR, 1989, p.368). O governo quer que cada vez mais a maior parte da população seja a favor dele, pois sobrevive a partir das grandes massas, e “Não se pode esperar essa lealdade a não ser de seres humanos completamente isolados que, desprovidos de outros laços sociais – de família, amizade, camaradagem – só adquirem o sentido de terem lugar neste mundo quando participam de um movimento, pertencem ao partido” (ARENDR, 1989, p.373). Por esse motivo, age tentando separar e desunir as pessoas para que ou participem do governo ou pelo menos não tenham forças para reagir. Para isso, atua diminuindo as diferenças entre elas, destruindo grupos identitários e moldando-as de acordo com os interesses dos que estão no poder.

Nesse sentido, é em nome da ordem que a população é controlada e as pessoas que fogem ao padrão são perseguidas. Essa perseguição nos faz perceber o quanto um governo autoritário se relaciona estreitamente às questões relacionadas à identidade, pois necessita de elencar uma identidade a qual pautará o andamento de suas decisões. Em um autoritarismo pré-totalitário, isso se intensifica, pois a intenção de mudança na sociedade faz com que haja uma pressão para adesão dessa identidade pré-estabelecida, para que haja uma unificação, melhor controle e mais facilidade em moldar a sociedade a seu favor. No caso de *Ninguém Nasce Herói* o governo é fundamentalista evangélico, o que faz com que possamos traçar o perfil almejado e conseqüentemente também dos que são perseguidos, pois qualquer pessoa que não se enquadrasse no padrão branco, heterossexual, evangélico não era bem aceito. Segundo lê-se:

[...] a Guarda Branca julgava, condenava e punia de acordo com seus próprios critérios. Geralmente, manipulada pelos que se beneficiavam de suas ações.

De início, os praticantes de religiões afro-brasileiras foram os que mais sofreram. Terreiros invadidos, imagens destruídas pessoas espancadas. Os encapuzados podiam tudo em sua pregação da barbárie. Os jornais, quando muito, dedicavam notas aos casos, sem jamais incentivar a investigação.

Mais tarde, ao se perceberem impunes, eles ampliaram o campo de ação. Mulheres e homens negros, nordestinos, homossexuais, ateus, transexuais, pesquisadores, jornalistas... Dobradores de origamis. **Para os fundamentalistas, o outro era sempre o inimigo. E o inimigo merecia a morte** (NOVELLO, 2017, p.43 grifos nossos)

Como dito anteriormente, a Guarda Branca segue os mesmos interesses do governo, diferenciando-se por agir a partir de violência mais explícita. Desta feita, nota-se que eram perseguidos todos que não estavam dentro dos interesses do governo e essa perseguição culminava em muitas mortes. Como demonstrado na passagem lida, diversos grupos eram oprimidos, mas a narrativa focaliza o grupo LGBT. Isso acontece pelo fato de os amigos de Chuvisco estarem inseridos nesse grupo. Assim, nossa análise seguirá dando ênfase a tais pessoas, para seguir o enfoque dado na obra.

Diante do que foi discutido, nota-se que o governo autoritário tanto se sustenta a partir de um modelo de identidade quanto volta sua perseguição ao que é contrário a isso. Assim, os conflitos identitários se intensificam ao passo que os personagens não aceitam as imposições do Escolhido, criando-se um enfrentamento entre Chuvisco e seus amigos e o governo e seus apoiadores.

3.2. Violência e medo: “como não pensar que tem gente sendo assassinada enquanto a gente brinda?”.

Segundo os conceitos trabalhados sobre identidade, podemos compreender que ao propor um modelo determinado, o governo se ancora em uma concepção essencialista, a partir da qual os sujeitos podem ser unificados, autocentrados e fixos, haveria então o que Hall (2011) denomina “identidade mestra”, pois essa identidade nacional proposta suprime qualquer outra e as abarca em uma só, que não respeita as particularidades daquelas que suprimiu. Esse modelo entra em conflito com o descentramento pelo qual os sujeitos vêm passando na modernidade e por esse motivo interfere diretamente na vida dos personagens, os quais precisam decidir se cedem ao padrão ou o enfrentam, arcando com as consequências dessa decisão.

Ao observarmos governos autoritários como a ditadura militar brasileira, podemos notar que eles tendem a oprimir de forma diferenciada pessoas com gêneros e sexualidades não normativos. Fico (2019) explica que no caso brasileiro os preconceitos em relação a essas pessoas “foram utilizados pelos órgãos de informações para alimentar seus dossiês por meio da combinação entre ‘desvio moral’ e ‘subversão’ e, também, tendo em vista a técnica de inculpação que majoritariamente utilizavam” (FICO, 2019, p.15). Assim, a homossexualidade seria vista como manifestação da subversão e caminho para o comunismo e para *guerra revolucionária* (COWAN, 2019, p.28-29), o que ameaçaria a segurança nacional. Quinalha

(2019) explica que é importante darmos atenção a como essas pessoas eram tratadas na época porque

Além da repressão política que se abateu sobre toda a sociedade, a comunidade LGBT foi um alvo privilegiado das violências: perseguição a travestis expostas ao olhar vigilante da repressão, sobretudo nos pontos de prostituição, onde eram enquadradas nos crimes de vadiagem (por não terem emprego com registro) ou de perturbação da ordem pública; censura à imprensa, ao teatro, às artes e a outras formas de expressão que simbolizavam de forma aberta as sexualidades dissidentes, muitas vezes com o respaldo do sistema de justiça (QUINALHA, 2019, p.248).

Nesses casos a perseguição a homossexuais não é mais de forma velada, através somente de normas sociais ou a partir de violência, e sim questão de morte diretamente, pois fugir ao padrão é fato determinante para ser perseguido, sequestrado e morto. Para tornar ainda pior, não acontecia em *Ninguém Nasce Herói* só a perseguição institucional, mas também a perseguição dos grupos de extermínio formados por civis, a exemplo da Guarda Branca.

É diante dessa situação que, como veremos a partir de agora, há uma tensão entre a identidade que o governo impõe e as identidades dos personagens, pois a primeira busca padronizar as pessoas através da imposição de uma identidade dada, que instaura uma objetividade a qual se opõe à livre constituição das identidades, enquanto a segunda é cerceada e precisa encontrar novos modos de construção que burlem a regra imposta. Desse modo, o conflito é instaurado quando o governo impõe um único modelo de identidade enquanto os personagens vinham de uma construção baseada no que Hall (2011) denomina “pluralização da identidade”, ou seja, na coexistência de várias identidades, as quais não podem ser abarcadas por uma só.

Destarte, o governo pressiona para que haja uma aderência ao modelo imposto. Relacionado a isso está a necessidade, apontada por Bauman (2005) e discutida no capítulo 1, de os sujeitos reforçarem mesmo as identidades pré-estabelecidas. Os sujeitos precisam aderir ao padrão estabelecido pelo governo, seja espontaneamente ou induzidos, para que haja a unificação necessária para que o governo possa controlá-los. Além disso, toda identidade se constrói dentro de certo sistema de normas objetivas. Numa sociedade autoritária, a qual impõe à população modos fixos de identidade, necessariamente se colocará dificuldades para as demais, pois não há possibilidade de todos os modos de subjetivação. Desse modo, ao passo que o governo põe empecilhos à manutenção das identidades não normativas, os personagens precisam encontrar outras formas de construir sua identidade pessoal.

Arendt (1989) afirma que o terror só se instaura totalmente quando os homens se isolam e por isso governos tirânicos teriam como objetivo provocar esse isolamento.

O governo totalitário, como todas as tiranias, certamente não poderia existir sem destruir a esfera da vida pública, isto é, sem destruir, através do isolamento dos homens, as suas capacidades políticas. Mas o domínio totalitário como forma de governo é novo no sentido de que não se contenta com esse isolamento, e destrói também a vida privada. **Baseia-se na solidão, na experiência de não se pertencer ao mundo, que é uma das mais radicais e desesperadas experiências que o homem pode ter** (ARENDR, 1989, p.527. Grifos nossos)

Diante disso, sabendo que precisa desestruturar as bases das identidades contrárias para instituir uma outra de acordo com seus ideais e tendo em mente que o sujeito se constitui no social, o governo ataca a estrutura social que sustenta as identidades dos personagens, numa tentativa de que eles passem, mesmo que à força, a reafirmar o padrão por ele estabelecido. Assim, isolados, os indivíduos são mais facilmente controlados.

Essa desestruturação é baseada na violência, que causa um medo constante e modifica os comportamentos. O medo pode ser percebido desde a primeira cena da narrativa, quando Chuvisco narra a distribuição de livros proibidos pelo governo que ele e os amigos Amanda e Cael faziam. A insegurança do protagonista fica clara conforme ele narra os acontecimentos. Quando os amigos se atrasam por fazer um caminho maior para despistar alguém que pudesse segui-los, o narrador afirma que “Numa época como a nossa, onde qualquer um pode ser um maluco seguidor do governo e potencial dedo-duro, não dá mesmo para arriscar” (NOVELLO, 2017, p.10).

Durante a cena, enquanto narra os sentimentos do personagem, o narrador vai dando dicas sobre o clima de insegurança em que vivem, como quando Chuvisco pensa nos amigos desaparecidos: “Quero falar sobre os amigos que sumiram do mapa. Colegas de turma que um dia estavam lá, estudando, conversando, bebendo conosco, e no outro desapareceram. Vontades que eu calo, simplesmente. Apesar da cautela, me recuso a deixar o medo germinar” (NOVELLO, 2017, p.10-11). Nessa citação, retornamos ao já mencionado desaparecimento completo das vítimas, citado por Arendt (1989), para que não haja memória dos sobreviventes com a qual se defrontar. Isso porque alguns colegas de Chuvisco sumiram sem deixar rastros, o que faz com que não se tenha muito o que falar sobre eles. Se tivessem certeza e provas do que realmente aconteceu, talvez fosse mais fácil se revoltar contra o acontecido, como não as tem, são relegados ao silêncio.

Ainda na citação anterior, o narrador diz se recusar a ser contaminado pelo medo. No entanto, os acontecimentos e sentimentos narrados dizem o contrário, pois Chuvisco está a todo momento pensando que não quer ter o mesmo fim que os colegas desaparecidos e refletindo se o Pacto de Convivência poderia os deixar seguros ou não.

Sabemos do risco de estar ali, testando os limites de nossa liberdade de expressão. E no fundo no fundo, assim como eles, também quero acreditar que vamos ficar bem. Se o Pacto for real, ninguém vai se incomodar com três amigos distribuindo livros de graça em uma praça, certo? (NOVELLO, 2017, p.11).

Além disso, todas as atitudes são estrategicamente pensadas a partir das lentes do medo, tomando todas as precauções em relação a qualquer eventualidade: “Caminhamos até formar um triângulo equilátero. Amanda e Cael, perto de cruzamentos, podem fugir facilmente se for preciso. Eu tenho os fundos da praça e as transversais que levam para a rua Augusta, área que conheço dos happy hours depois da faculdade” (NOVELLO, 2017, p 11-12). Ainda durante a entrega dos livros, os amigos percebem que o cuidado não era infundado, pois são abordados por dois policiais e só não são levados por eles porque uma policial aparentemente não simpatiza com as atitudes do governo e encontra uma desculpa para convencer o parceiro a liberar os jovens. A partir dessa situação é possível perceber que o Pacto de Convivência não era efetivo e na sequência percebemos que na verdade a estratégia era gerar uma falsa sensação de segurança para que pudessem identificar as pessoas desviantes, facilitando o ataque para controlá-las. O termo *pacto* já denota algo ruim, carrega uma conotação de violência, se pensarmos no sentido usual dado para pacto como combinados que causam algum mal a alguém.

Esse sentimento de medo e insegurança é proveniente de um progressivo aumento da violência. O narrador descreve vários episódios violentos, a início os quais Chuvisco fica sabendo, mas não lhe afetam diretamente, depois essas situações ficam mais próximas e o protagonista começa a vivenciá-las, demonstrando o crescimento da violência, bem como uma aproximação do personagem dos grupos de resistência, o tornando um alvo.

Os primeiros episódios, mais distantes de Chuvisco, são narrados quando o jovem lembra deles enquanto vive seu dia-a-dia, ou quando alguém retoma o assunto para lhe dar mais detalhes sobre o que aconteceu. O primeiro deles o narrador conta quando o protagonista está conversando com os amigos e surge o nome do grupo *Santa Muerte*¹³, o qual inspirou grupos de youtubers a protestar. Em um desses protestos, um encontro sobre liberdade de expressão, uma bomba foi explodida:

Organizaram um de seus encontros tradicionais, de lotar auditório, e conseguiram causar barulho. Animados, convocaram mais uma vez os fãs, agora para conversar sobre liberdade de expressão num piquenique no parque. A suspeita é de que a bomba estivesse numa das mochilas. Daquele dia em diante, subir vídeos críticos ao governo passou a ser uma atividade de risco (NOVELLO, 2017, p.27).

¹³ Grupo de mídia independente que publica vídeos na internet denunciando a violência e atos irregulares do governo e seus apoiadores.

O grupo é atacado por tratar de temas contrários à ideologia do governo, mesmo sem necessariamente fazer campanha contra o Escolhido em seus encontros. No entanto, ir contra o que ele prega já é suficiente para serem reprimidos. Os “Caras Limpas”, como se intitulava o grupo, por não se esconderem, como o próprio nome sugere, são atacados e não conseguem manter sua atuação. Isso demonstra os cuidados que precisam ter mesmo em atos de resistência e mostra o porquê de os personagens terem tanto medo de serem identificados como sendo da oposição.

É importante enfatizar que Chuvisco, Amanda e Cael estão entregando livros em uma praça, o que teoricamente seria se identificar contra o governo. Entretanto, nesse momento eles ainda acreditam, por conta do Pacto de Convivência, que isso não seria um grande problema, por não ser uma manifestação em proporções maiores. Entretanto, como pudemos identificar, ainda ficam apreensivos exatamente por não terem certeza de até onde vai a tolerância do governo.

Outra violência da qual Chuvisco toma conhecimento é contra Daniel. Ele é “um artista que faz intervenções pela cidade” (NOVELLO, 2017, p.40). Sua arte consiste principalmente em fazer origamis e espalhar em lugares movimentados para, segundo ele, dar uma cara nova a lugares e situações que muitas vezes nos passam despercebidos.

Sua intervenção mais recente o havia colocado na lista negra dos fundamentalistas. Borboletas, também de origami, amarrados com fios às grades de ventilação do metrô, na avenida Paulista. Dentro delas, mensagens que defendiam a importância de um estado laico na manutenção da democracia. Para lê-las, era preciso libertar uma das borboletas flutuantes de seu fio e desfazer o origami (NOVELLO, 2017, p.40)

Evidencia-se a simbologia intrínseca à manifestação de Daniel, pois envolve a arte, rechaçada pelo governo fundamentalista (inclusive muitos museus, teatros e bibliotecas foram queimados por seus apoiadores), as borboletas, que são simbolicamente relacionadas à leveza e inconstância¹⁴, trazendo um ar amigável à manifestação, mas também remetendo à liberdade. Além disso, podemos considerar o fato de as pessoas terem que libertar as borboletas para poder ler o que nelas contém como uma ênfase à importância da liberdade. Por todos esses motivos, o ato de Daniel não é bem visto pelo governo e ele é agredido pela Guarda Branca.

Conta que estava voltando da casa de amigos. Um golpe forte nas costas, chutes na barriga. O governo não precisou fazer nada além de colocar seu rosto na televisão. Fingir que mostrava uma matéria descompromissada. “Os paulistanos estão curiosos para saber quem está por trás dos origamis...”, dizia a chamada que mostrava uma foto

¹⁴ “Fácilmente consideramos la mariposa como símbolo de ligereza e inconstância” (CHEVALIER, 1986, p.691).

sua ao lado de imagens do seu trabalho. É claro que encerraram a matéria falando das borboletas. A reportagem bastou para colocar os fanáticos no seu pé. Primeiro, o ameaçaram nas redes sociais; depois invadiram seu site; por fim, descobriram seu endereço e o atacaram quando estava chegando em casa (NOVELLO, 2017, p.41).

Ele explica ainda que os agressores só pararam porque os vizinhos começaram a gritar e jogar água das janelas. Tal acontecimento nos faz refletir sobre até que ponto o governo é responsável quando não é ele diretamente que comete os atos. Defendemos que nesse caso, como em outros que ocorrem na narrativa, ele tem grande responsabilidade, não só porque não faz nada para impedir tais atos como também os incentiva, direta ou indiretamente. Além disso, muitas vezes as informações sobre quem eram as pessoas e seus endereços eram passadas pela polícia. Assim, a atuação do governo promove as agressões e não precisa agir ativamente. É importante enfatizar também que esse episódio com Daniel ocorreu depois do Pacto de Convivência, provando que ele não estava sendo cumprido.

Os dois acontecimentos citados, dos quais Chuvisco toma conhecimento ainda no início da narrativa, mostram que os ataques promovidos pelo Escolhido e seus apoiadores acontecem em grande e pequena escala, sejam envolvendo muitas pessoas e várias se machucando, sejam voltados para uma só pessoa. Nos dois casos também podemos perceber que as manifestações não eram específicas contra o governo, por mais que acabassem se relacionando com ele, mas só por defender ideologias opostas às suas, tornaram-se inimigos objetivos. Dessa forma, ao modo citado por Arendt (1989), comentado anteriormente, a intenção é exterminar potenciais inimigos antes que se tornem perigos reais à integridade do governo.

Além desses episódios violentos, que acontecem com pessoas distantes do núcleo principal da narrativa, há também situações com pessoas próximas e com Chuvisco. A primeira delas ocorre quando o protagonista é agredido ao ajudar Junior, um jovem trans que estava apanhando de integrantes do grupo Guarda Branca. Mesmo muito ferido, Chuvisco consegue enfrentar os agressores e salvar o rapaz. Adiante os personagens descobrem que os rapazes estavam agredindo Junior porque para entrar no grupo Guarda Branca passavam por uma espécie de ritual de iniciação no qual precisavam matar alguém da oposição. Ao observarmos o fato de o personagem principal ter que ajudar o jovem sozinho porque ninguém quis intervir na situação, notamos que o medo sentido pelo núcleo principal é algo compartilhado com as demais pessoas, pois como afirma Chuvisco “se formos inimigos do governo, bastaria nos estender a mão para se tornarem cúmplices” (NOVELLO, 2017, p.67) e ninguém queria sofrer as represálias de ser visto como inimigo do Escolhido.

Após se afastarem dos agressores, Chuvisco pôde compreender o porquê de Junior ter sido atacado e mesmo assim não querer ir à polícia: “-Eu sou trans – ele fala, de supetão – Para

prestar queixa preciso dar meu nome de batismo, meu endereço. Eles vão saber onde moro e vão atrás de mim. Vão colocar meu rosto nas redes sociais. Não posso correr o risco” (NOVELLO, 2017, p.67). Essa fala demonstra a descrença na polícia, que quando não agia contra a oposição propiciava a ação, fornecendo dados para os agressores, como o grupo Guarda Branca. É notório que, nesse contexto, LGBTs mesmo agredidos não podiam denunciar, pois quem seria perseguido era a vítima e não o agressor.

Mesmo com essa percepção de que havia um aumento nos atos de violência, por conta da agressão a Chuvisco, os amigos tentam continuar suas vidas como podem e frequentam alguns lugares onde se encontram e podem se sentir mais livres, como a Galileia, festa itinerante frequentada em grande parte por LGBTs, o Vitrine, bar escondido onde eles sempre se encontravam e a ONG “Abrigo para Todos”, que abrigava crianças LGBTs expulsas pelos pais¹⁵. Esses lugares possuem grande importância na manutenção das identidades dos personagens por serem os locais onde se sentem seguros, nos quais as pessoas entendem umas às outras e compartilham as mesmas experiências e angústias em relação ao autoritarismo instaurado no país. É nesses lugares também que nascem muitas ideias sobre como resistir ao governo e onde organizam essa resistência, como por exemplo combinar manifestações contrárias ao Escolhido.

É por conta dessa importância que os três lugares foram destruídos pelos apoiadores do governo. O primeiro ataque foi à Galileia, em um dia que Chuvisco tinha ido com Cael e Pedro.

O barulho que ecoa na clareira é familiar a todos nós, habitantes de um país em guerra civil. O estouro seco de um tiro. Vivi deixa o microfone cair. O barulho da colisão é amplificado pelas caixas de som. Ela leva a mão à barriga, percebendo o sangue e desabando para trás. Cai nos braços de seus amigos. Passado o instante de choque, as pessoas começam a correr. Outros tiros derrubam os que tentam fugir na direção da área de alimentação e do estacionamento. Uma nova rajada funciona como intimidação. Gritos ecoam de dentro do busque, e uma parte numerosa de nós vai sendo encurralada (NOVELLO, 2017, p.250).

O tiro que mata Vivi, a organizadora do evento, é dado por um integrante da Guarda Branca que se infiltrou, junto com outros do grupo, na festa. Esses homens infiltrados demonstram o motivo de os personagens tentarem sempre confiar o menos possível nas pessoas, pois alguém convidado da festa, que fazia parte desse grupo que frequentava o local, acabou falando com alguém sobre a festa e a informação da localização desse encontro chegou até a Guarda Branca. Após matar Vivi, os agressores gritavam palavras de ordem, dizendo que todos deveriam ser obedientes para morrer sem sofrimento. No entanto, os agressores dizem que antes

¹⁵ Não sabemos muitos detalhes sobre a ONG. Somente que abriga crianças expulsas pelos pais por serem LGBTs, que era organizada por Milena e se mantinha através de doações.

de matar a todos dariam o que eles chamam de oportunidade: “Antes de devolver vocês pro inferno de onde escaparam, vamos dar uma chance a quem quiser se converter e confessar os pecados aqui na frente de todo mundo” (NOVELLO, 2017, p.251). No discurso do agressor fica implícito que as pessoas presentes nesse local viriam do inferno por serem LGBTs bem como o discurso religioso de que precisariam se converter para se salvar. Isso demonstra que o ataque não era somente por as pessoas que estavam na festa serem contrárias ao governo, mas por terem identidades contrárias ao que ele pretendia impor. Desse modo, o ataque não foi apenas político, mas também relacionado a um conflito identitário, pois os ataques verbais foram direcionados às identidades das pessoas que estavam na festa e as agressões físicas foram justificadas não por alguma movimentação política e sim pelas identidades que elas possuíam. Antes que os agressores pudessem concluir seu plano, Pedro, que estava armado, interveio, matando um deles e dando oportunidade para que as outras pessoas reagissem contra os demais agressores.

O segundo ataque, ao Vitrine, não é vivenciado pelos personagens. Determinado dia quando chegaram ao local estava tudo destruído:

Gabi é a primeira a notar que há algo errado quando entramos na galeria. A porta branca do bar está arriada. Do lado de dentro, é possível ver a decoração espalhada entre cacos, garrafas quebradas, mesas e cadeiras arremessadas do segundo andar. A placa com os dizeres CUIDADO: MATERIAIS INFLAMÁVEIS está chamuscada, no meio da sujeira. Um papel fincado no tronco da árvore, com um símbolo inconfundível, nos avisa que o Vitrine não existe mais (NOVELLO, 2017, p.285).

Nessa passagem o narrador detalha o espaço com intenção de enfatizar o estrago feito e demonstrar o sentimento de tristeza ao ver um lugar tão importante destruído. Não se sabe em que situação, mas o Vitrine foi atacado pela Guarda Branca, pois o símbolo inconfundível citado provavelmente seja o dela, um olho sobreposto à suástica. Como dito anteriormente, esses lugares são atacados não só por serem importantes para os personagens, mas também porque eram onde eles se organizavam contra o governo. Se, na Galileia, Vivi é morta enquanto falava da manifestação que estavam organizando e da importância da participação de todos, o Vitrine, além de um lugar de encontro e para espairer, era onde se discutia sobre política e sobre as estratégias contra o Escolhido.

Outro lugar significativo destruído é a ONG. No mesmo dia do ataque à ONG, diversos estabelecimentos também foram queimados:

No caminho de metrô para casa, o celular não para de tocar. Denise me conta apavorada sobre os incêndios. Ao que tudo indica, vários pontos da cidade estão sendo atacados pela Guarda Branca. Bares, casas, cinemas, livrarias, centros e até igrejas. Com a proximidade do protesto, não pode ser coincidência (NOVELLO, 2017, p.324).

Os lugares incendiados são representativos porque a maioria está ligada à cultura, como cinemas e livrarias. Esses lugares eram os que ainda restavam, pois já tinham sido destruídos outros espaços de cultura, como museus. Além disso, foram destruídos os bares frequentados pelos opositores, onde, como dito anteriormente, eles se organizavam, casas também de pessoas contrárias ao governo e igrejas provavelmente católicas, já que os preceitos do Escolhido eram evangélicos e outras igrejas católicas já haviam sido atacadas anteriormente. Tais ataques aconteceram em resposta à crescente movimentação contra o governo, com intuito de assustar as pessoas e fazer com que desistissem, pois estava chegando o dia de uma manifestação que estava para ser realizada e provavelmente seria muito grande.

Nesse dia, a ONG é totalmente destruída, sendo salvos apenas os documentos. Sobre a segurança das crianças, Milena afirma que “O que mais dói é saber que a Guarda Branca contava que as crianças estivessem dormindo lá dentro” (NOVELLO, 2017, p.329) e que por sorte ninguém saiu ferido. A partir da fala de Milena, notamos que os ataques tinham intenção não só de destruir lugares, mas que pessoas morressem, com intuito além de exterminar parte da oposição, causar terror. Foi o que aconteceu: muitas pessoas, como Pedro, desapareceram nesse dia e muitas outras foram mortas, como André, que ajudava na ONG e participava do grupo *Santa Muerte*.

A descoberta da morte de André é uma cena marcante pois é Chuvisco que encontra o corpo, ao procurar o rapaz em sua casa após os ataques da Guarda Branca. Na passagem se destaca o modo como a descrição do ambiente demonstra o medo que o jovem está sentindo, pois desde o início descreve os detalhes do ambiente, sugerindo que estava ansioso, prestando atenção a tudo para não ser surpreendido. A rua é descrita como vazia, repleta somente de pombos, onde antes havia barracas de livros usados, agora só tem o vazio. “Hoje, parece mais um spa de pombos. Os canteiros nunca estiveram tão bem cuidados, as pedras portuguesas estão bem fincadas no chão. As plantas só faltam encenar um musical” (NOVELLO, 2017, p.332). Dessa forma, nota-se nesse primeiro momento um contraste do espaço em relação ao personagem, pois enquanto o ambiente está tranquilo e organizado, Chuvisco estava apreensivo e com medo em relação ao paradeiro desconhecido de André¹⁶.

Há também uma relação entre os sentimentos do personagem e a iluminação, quando Chuvisco sobe as escadas e se depara com a oscilação das luzes nela: “As luzes vão acendendo

¹⁶ Chevalier afirma que a pomba é o símbolo do espírito santo, “A pomba branca é ainda símbolo de pureza e, segundo o mesmo texto do Evangelho, de simplicidade” (CHEVALIER, 1986, p.796), é também associada à harmonia e traz presságios favoráveis. Essa simbologia reforça o contraste entre o ambiente e os sentimentos de Chuvisco.

e apagando conforme subo” (NOVELLO, 2017, p.332). Evidencia-se a dicotomia *claro versus escuro*, a qual cria um clima de tensão, combinando com os sentimentos do personagem. Há também, nesse momento, algumas alucinações, as chamadas *catarses criativas*, em relação à percepção de Chuvisco sobre si e sobre o ambiente, a saber, o personagem passa a se ver de armadura e ver a *Santa Muerte* nos corredores.

Quando Chuvisco entra no quarto:

Escorrego em alguma coisa ali. Abaixo com o coração disparado, retumbando como cassetetes contra escudos, e encontro pétalas vermelhas. Centenas delas. Demoro a entender o que são de verdade, e de onde sangra aquela flor. O choro está engasgado na garganta quando aperto o interruptor. [...] Há rosas destroçadas por todos os cantos do quarto. Sobre a cama, dois corpos estão arrumados de barriga para cima (NOVELLO, 2017, p.334).

O sangue é representado pelas pétalas vermelhas e tal metáfora torna passível de narrar a descrição desse espaço aterrorizante. Atrás da cama, na parede, se encontra desenhado o símbolo da Guarda Branca e os dizeres “DEUS VENCERÁ A MORTE” (NOVELLO, 2017, p.335). A morte nessa frase claramente se refere ao grupo *Santa Muerte*, querendo dizer que quem matou André, os apoiadores do presidente, representam Deus e que iriam vencer o outro grupo, uma clara ameaça.

Assim, a percepção do personagem sobre o espaço nessa cena cria um clima de tensão e medo que o faz se sentir ainda mais ameaçado. Dessa forma, essa situação se relaciona estreitamente com o crescente medo que os personagens enfrentam e a morte de André enfatiza a aproximação de conflitos ainda piores. No entanto, essa não é a última morte próxima a Chuvisco e que abala o grupo de amigos. No velório de André, no cemitério, Dudu também é morto.

[...] Antes que possamos reagir, três disparos acertam seu peito. Que coisinha frágil é a realidade. Tudo que assumimos como garantido pode deixar de existir em uma fração de segundo. Dudu cai para trás com o impacto das balas. Borboletas de pétalas vermelhas voam sobre nós. Uma delas colide contra meu rosto, escorrendo quente pela minha testa. Quando o corpo de Dudu cai no chão, o assassino já desapareceu. A correria e o caos tomam conta da capela. Gabi se ajoelha, pressiona um dos ferimentos, tentando impedir as borboletas de escapar do casulo humano (NOVELLO, 2017, p.348).

Nessa passagem, as “borboletas de pétalas vermelhas” são claramente o sangue de Dudu que se espalha sobre os amigos, aumentando o terror de vivenciar essa situação. Anteriormente vimos que eram perseguidos aqueles que demonstravam um possível posicionamento contra o governo. Isso acontecia também, e de forma ainda mais violenta, com os inimigos diretos do dele. É o caso de André e Dudu, o primeiro por fazer parte do *Santa Muerte* e o segundo por

participar de um grupo armado contra o Escolhido. Nos dois casos não houve hesitação, os agressores não deram chance para serem interrompidos, como na situação com Daniel por exemplo. Isso acontece porque André e Dudu representavam perigo maior para o governo, pois já estavam organizados contra ele. Dessa forma, vemos que o agressor de Dudu não hesita, ao saber quem ele era, acerta três tiros em seu peito, os quais não lhe dão chance de sobrevivência.

Chuisco não consegue viver bem sua vida pois o progressivo aumento da violência faz com que ele esteja sempre com medo do que pode acontecer consigo e com os outros. Em uma das vezes que encontra seus amigos no Vitrine ele reflete: “Fico feliz de ver meus amigos se divertirem. Às vezes acho que exagero no inconformismo. Que não é saudável deixar a culpa respingar em cada momento de diversão. Mas como não pensar que tem gente sendo assassinada enquanto a gente brinda?” (NOVELLO, 2017, p.57). Esse sentimento acompanha Chuisco em todos os momentos, pois está sempre esperando que algo ruim aconteça ou culpando-se por estar se divertindo enquanto pessoas eram perseguidas e ele não fazia nada para ajudá-las.

Outro dia, no banho, me veio um medo tão grande de perder meus amigos que quase sufoquei embaixo da água. Posso estar exagerando, mas a sensação foi péssima e precisei desligar a torneira correndo e me jogar na cama para me acalmar. Sentia como se, de repente, eles não existissem mais. Como se alguém fosse capaz de apagar seus nomes, rostos e identidades num estalo de dedos (NOVELLO, 2017, p.36).

Essa sensação de insegurança faz com que o jovem não consiga viver normalmente, pois está sempre apreensivo em relação a toda a violência sofrida por quem é contrário ao Escolhido, bem como sobre o que pode acontecer com ele e seus amigos.

As identidades citadas pelo narrador, as quais ele tem medo que sejam apagadas, podemos entender que são aquelas que não se enquadram no modelo proposto pelo governo, a saber, a transexualidade de Junior, a homossexualidade de Pedro, a bissexualidade de Amanda e Gabi, ou até a assexualidade de Chuisco. É interessante pensarmos também que o sentido de “apagar seus nomes, rostos e identidades” aqui não é somente no sentido de morrer, mas também de perder suas identidades, fazer com que as identidades contrárias ao modelo do Escolhido sejam suprimidas ou escondidas, por medo do que podem sofrer se demonstrá-las. O apagamento das identidades seria ceder à imposição do governo, ao padrão apresentado por ele, deixando de lado suas características particulares.

Nesse sentido, o medo interfere na identidade de Chuisco enquanto amigo porque ele não consegue dar a mesma atenção às pessoas, fica mais pensativo e não consegue se divertir por se sentir culpado, fazendo com que sua relação com os amigos se modifique e as bases

desse tipo de identidade sejam abaladas, precisando que ele as refaça. Dessa forma, a violência propiciada pelo governo do Escolhido causa modificações nas relações interpessoais dos personagens. Essas modificações interferem no seu *estilo de vida*¹⁷ (GIDDENS, 2002), ao passo que, por as amizades serem muito importantes para ele, eram consideradas bases de sustentação de sua *auto-identidade*.

A intenção do governo com os atos de violência aqui analisados é tentar que, por medo ou falta de oportunidade de se encontrarem, os amigos se separem, para ser mais fácil vencê-los. Assim, os personagens começam a entrar em conflitos uns com os outros e consigo, fazendo com que precisem superá-los para poder empreender resistência.

3.3. “Não é fácil ser um pacifista em tempos de repressão”: conflitos consigo e com os outros em relação a como viver e conviver com o autoritarismo.

No tópico anterior entendemos que os personagens em *Ninguém Nasce Herói* vivem em constante clima de medo, por conta das violências vivenciadas, e essa situação faz com que eles precisem modificar seu *estilo de vida* por conta dos conflitos causados por esse contexto. Estes atritos, tanto uns com os outros, como consigo mesmos, ocorrem principalmente em relação a como seria a reação dos personagens aos ataques do governo, se pacíficos ou violentos. Chuvisco se considera um pacifista e na maior parte da obra acredita que reagir com violência não adiantava, enquanto alguns de seus amigos entram para um grupo de resistência armada (como Dudu) ou querem resistir de forma mais agressiva (como Pedro).

Dudu defendia que protestos pacíficos não mais serviam e que a violência era o melhor caminho no estágio de embate em que estavam e entrava em conflito com Chuvisco por este ainda acreditar que métodos pacíficos fossem a melhor opção. Outro embate, o que parece ser o mais doloroso para o tradutor, é com Pedro, ao descobrir que este também estava andando armado (tal descoberta ocorre no incidente na Galileia, citado anteriormente).

– Já pensou em quantas pessoas salvamos naquela noite, Chuvisco? – fala Pedro.

– Não é isso que eu tô discutindo. Eu... – Estou confuso, é o que deveria explicar. Estive próximo da morte como vítima em potencial e como espectador em um intervalo de segundos. Vi alguém que amo se expor para me proteger. Vi alguém que amo apertar o gatilho e estourar o agressor. O estampido persiste no meu ouvido. A imagem da menina que discursava, engasgando com o próprio sangue, se repete sem parar nos meus sonhos.

¹⁷ É importante lembrar que o *estilo de vida* é considerado por Giddens como as práticas do dia-a-dia que dão sustentação à auto-identidade. Isso quer dizer que, se os encontros com os amigos ajudam a formar a identidade de Chuvisco, esses encontros podem ser considerados parte do *estilo de vida* dele.

- Tô de saco cheio, Chuvisco. Não vou mais ser refém de um conto de fadas que saiu do controle.
- Você tinha uma arma por minha causa. Pelo menos divide isso comigo da próxima vez (NOVELLO, 2017, p.277).

Na discussão Chuvisco demonstra não conseguir se acostumar com a situação hostil que vivem, enquanto Pedro defende que precisam se adaptar e reagir da forma necessária, mesmo que violentamente. O que chama atenção é que cada um reage de uma forma aos eventos traumáticos vivenciados e por vezes não conseguem compreender a reação do outro. Além disso, tudo se torna muito difícil para todos, pois essas não são discussões e escolhas que jovens em um cenário normal deveriam ter. Para tentar resolver a situação, prometem ser sinceros e tentar entender uns aos outros, o que acaba não resultando em total sucesso, pois alguns detalhes não tinham coragem de compartilhar.

Nosso pacto de sinceridade, obviamente, renasce falho. Gabi e Amanda continuam sem saber do fanático sobrevivente de Schrödinger. Guardo para mim o encontro vampiresco no teatro e a busca por Santa Muerte. Contar uns com os outros não significa despejar todo o peso de uma vez nas costas de ninguém, é a desculpa que invento (NOVELLO, 2017, p.283).

Mesmo assim, conseguem se resolver: “No fim da lavagem de roupa suja, nos esmigalhamos num abraço coletivo. As ranhuras que ficaram vão se amenizar com o tempo, compensando as rugas. Pedro enfim me pede desculpas” (NOVELLO, 2017, p.284). Depois disso, os conflitos diminuem, pois começam a respeitar as decisões uns dos outros:

A gente escolheu lutar de maneiras diferentes [...] Tempos extremos pedem medidas extremas, diria Dudu, e eu retrucaria. Mas mesmo eu, um sonhador confesso, não posso negar o obscurantismo que nos assombra e cria monstros mais perigosos do que aqueles que se escondiam embaixo da minha cama quando criança. Todos nós nos adaptamos para sobreviver [...] (NOVELLO, 2017, p.322).

Eles entendem que a adaptação citada pelo personagem acontece de forma diversa para cada pessoa e que eles precisavam unir a todos, mesmo nessa diversidade, para conseguir derrotar o Escolhido.

Todo esse confronto entre os amigos ocorre também individualmente, com os personagens buscando compreender o que estava acontecendo e reagir às situações vividas e aos próprios sentimentos. Chuvisco sempre se considerou um pacifista e desde o início da narrativa demonstra que estava cada vez mais difícil ser assim: “Não é fácil ser um pacifista em tempos de repressão. Fazer a diferença sem pegar em armas. Manter o senso sem deixar que o medo cale nossa voz” (NOVELLO, 2017, p.8).

Com a ocorrência de todos os incidentes de violência já citados em nossa análise e ao ficar sabendo que alguns de seus amigos participavam do grupo de resistência armado,

Chuvisco passa a se questionar sobre assuntos que para ele eram claros, como o fato de pegar em armas para se defender e atacar. “Eu nunca pegaria em uma arma, disso eu tenho certeza. Ou pegaria?” (NOVELLO, 2017, p.132), ele se pergunta, e a dúvida é ainda maior quando lembra de tudo que vem acontecendo.

Talvez seja hora de ir além dos livros. De ouvir o corpo que não me deixa esquecer a surra, que não me deixa esquecer o desamparo de Júnior ao dizer que não pode contar com a polícia nem com o governo para defende-lo. Existe outro caminho, outra forma de combate além da violência, eu sei. Ninguém confirmou até hoje que o Santa Muerte é mais do que um grupo de mídia independente. Preciso acreditar nisso. Pelo menos por enquanto (NOVELLO, 2017, p.132-133).

Essa fala ocorre quando Chuvisco está procurando informações sobre o Santa Muerte e quer participar do grupo, pois quer fazer mais contra o Escolhido, mas tem medo de os boatos serem verdade e ter que fazer uso da violência. Mesmo com medo, chega a considerar mudar seu modo de resistência, pois percebe que existe o caminho pacífico mas é mais lento que o violento e nesse meio tempo pode passar por mais situações de risco e pior, perder amigos no caminho.

O pacifismo é algo muito importante para a personalidade de Chuvisco. Por isso esse conflito consigo mesmo é tão intenso, pois para constituir uma identidade pessoal precisa abdicar de características que considerava importantes para si. Chuvisco fica relutante em relação a algumas mudanças, mas algumas delas acontecem sem que ele perceba. Um exemplo é quando sabe que o grupo do qual Pedro faz parte matou os homens que agrediram a ele e Junior. Chuvisco fica chocado com a informação, mas aliviado, um alívio que o choca ainda mais, por se sentir bem com a morte de alguém.

Vivemos uma época de extremos. Insistir nos interstícios, na zona de diálogo, é desgastante. Permanecer nelas exige equilíbrio, ponderação. Sigo duvidando que eu seja capaz de apelar para a violência. Mas será errado sentir alívio? Um alívio que não me impede de ser sensível às mortes (NOVELLO, 2017, p.208-209).

Evidencia-se na reflexão do narrador o conflito por acreditar que não conseguiria agir com violência, mas não tendo certeza disso e por se sentir bem em relação à morte de alguém, mesmo sendo quem ameaçava sua vida. Esse sentimento é incomum para o personagem por isso ele se sente mal. No entanto, a percepção dessa sensação só ocorre aqui, mas já há indícios dele na luta contra os agressores de Junior, quando Chuvisco sente prazer ao escutar os agressores gritando com seus golpes: “Espero que excluam essa parte da minha biografia, mas confesso que os gritos de dor me dão algum prazer” (NOVELLO, 2017, p.64). Desse modo, essa mudança é algo que vem sendo construído paulatinamente na narrativa.

Até onde tomamos conhecimento, a partir do que é narrado, o protagonista não precisa recorrer à violência, a não ser o que já havia feito, no incidente com Junior, no qual se defendeu dos agressores. No entanto, só a dúvida em relação a isso já foi suficiente para influenciar aspectos importantes da personalidade de Chuvisco, pois teve sentimentos e considerou fazer coisas que em outras situações jamais consideraria. Assim, o governo presente na obra faz com que os personagens entrem em conflito não só entre si, conhecendo outros lados uns dos outros, mas também consigo mesmos, tendo uma outra visão até de si.

Diante do que foi discutido no capítulo, pudemos compreender que os autores de distopias se baseiam em tendências do presente para construir mundos piores que o atual, mas que, com intuito de trazer reflexão e mudança, mantém um horizonte utópico. Assim, *Ninguém Nasce Herói* é pautado no crescente autoritarismo em nível mundial e nacional e por isso a narrativa é construída em torno do governo do Escolhido, aqui compreendido como *autoritário pré-totalitário*. A partir desse entendimento, notamos que se destacam, enquanto características totalitárias desse governo, a perseguição a qualquer potencial inimigo e a tentativa de padronização dos indivíduos, com intenção de mantê-los sob controle. Para isso são utilizados os *Gladiadores* e a *Guarda Branca*. Daí nasce a perseguição a identidades não normativas, as quais precisam ser enquadradas dentro do padrão estabelecido (heterossexual, evangélico, branco), dificultando a livre subjetivação, restringindo a uma negação da identidade hegemônica. Desta feita, se instaura uma tensão entre a identidade que o governo impõe e as identidades dos personagens, estas em permanente construção.

Compreendida a tensão entre governo e personagens, no próximo capítulo analisaremos de que forma os personagens reagem às imposições feitas pelo Escolhido, a partir da constituição de uma resistência. Desse modo, buscaremos compreender as estratégias utilizadas para resistir, observando como se relacionam e se são modificadas ao longo da narrativa. Para isso conduzimos a discussão a partir de dois modos de resistência, a saber, não ser alterado e ir contra algo que lhe fere, observando que os dois têm importância na obra e se relacionam, completando-se.

4. “NINGUÉM NASCE HERÓI. MAS ISSO NÃO NOS IMPEDE DE SALVAR O MUNDO DE VEZ EM QUANDO”: *IDENTIDADE DE RESISTÊNCIA EM NINGUÉM NASCE HERÓI.*

Neste capítulo analisamos de que modo os personagens em *Ninguém Nasce Herói* constroem uma resistência ao governo, com intuito de sobreviver bem como encontrar uma nova forma de constituição da identidade, tendo como horizonte um governo autoritário. Analisamos que a início a resistência é realizada de forma pacífica e com intuito de não serem alterados, mas que conforme a violência aumenta precisam aderir a um outro modo de resistência, mais ativa e, em alguns casos, violenta. Os dois modos de resistência possuem estratégias para serem realizados, a saber, frequentar lugares de convívio social, mesmo que escondidos, as subversões de gênero, as *catarses criativas* e o grupo *Santa Muerte*. Desse modo, analisamos como são constituídas essas estratégias e como elas podem ser melhor explicadas a partir dos conceitos de *identidade de resistência* (CASTELLS 2018) e *política-vida* (GIDDENS, 2002).

4.1. “Nosso espaço de liberdade”: comunicação e afeto como modos de resistência em locais de interação social.

Nos capítulos anteriores compreendemos que as distopias possuem uma *textualidade híbrida*, por manterem, em meio à construção de uma sociedade pior, um horizonte utópico. Em *Ninguém Nasce Herói* não é diferente, pois nele encontramos uma narrativa hegemônica e uma contranarrativa de resistência. O fato de Novello ter escolhido escrever uma distopia invés de outro estilo de narrativa se dá pelo fato de ela ter essa possibilidade de refletir sobre uma realidade possível a partir do que temos hoje, imaginando-a pior, mas ao mesmo tempo com uma esperança de mudança a partir da reação das pessoas. Ao escolher o gênero distópico, Novello encaminha o texto para as questões relativas à identidade, pois um governo autoritário necessariamente se ancora em demandas do tipo, bem como abre espaço para discussões sobre resistência, por conta da *textualidade híbrida* que encontramos nesse tipo de narrativa.

Como vimos, a identidade hegemônica imposta pelo governo do Escolhido não abre espaço para diferentes modos de subjetivação, pressionando, a partir do medo causado pela crescente violência, para que os sujeitos incorporem a identidade pretendida. Essa pressão se deve ao fato de, como vimos no primeiro capítulo, o sujeito precisar reiterar e internalizar

determinada identidade para que ela seja validada. No entanto, como analisamos também no primeiro capítulo, quando o sujeito se constitui em relação ao outro, isso pode ser feito a partir da identificação ou da diferença, aproximando-se do que o outro é ou afastando-se. Desse modo, notamos que os personagens em *Ninguém Nasce Herói* escolhem o segundo caminho, buscando formas de vivenciar suas identidades contrárias ao proposto pelo Escolhido e construindo uma subjetividade no confronto com a hegemonia pretendida pelo governo. Isso é feito, como veremos a partir de agora, principalmente através da resistência, nos dois sentidos atribuídos ao termo: manter-se firme e imutável diante de uma pressão exercida sobre si e ir contra algo que o fere.¹⁸

A Comissão da Verdade entende o termo resistência da seguinte forma:

O conceito de resistência aponta para a adoção de formas de defesa e de ação orientada por uma ideia central: um governo ditatorial, para funcionar, depende da colaboração ou pelo menos do consentimento – e da obediência – de boa parte da sociedade. Uma atuação no campo da resistência política tem como objetivo mobilizar a sociedade (ou mobilizar grupos dentro dela), de maneira concertada, em torno de três pontos principais: a defesa e o exercício dos direitos; o enfrentamento da violência e do poder arbitrário; a retirada do consentimento ao governo ditatorial (BRASIL, 2014, p.342).

Desta feita, compreendemos que até não seguir os preceitos do governo já se configura como uma forma de resistência, que mina seu controle total. Ademais, na definição apresentada no documento também encontramos os dois vieses de resistência, a defesa e o enfrentamento. Diante disso, há, principalmente no início da narrativa de *Ninguém Nasce Herói* uma resistência pacífica, pautada na defesa, enquanto mais adiante há um maior enfrentamento, ao perceberem que a violência havia aumentado e que estavam cada vez mais reprimidos.

Castells (2013) afirma que os movimentos sociais no século XXI são construídos em rede, ou seja, a partir do estabelecimento de vínculos e que a tecnologia, especialmente a internet, como discutiremos mais à frente, influencia nesse processo. Segundo o sociólogo espanhol:

Se o poder é exercido programando-se e alternando-se redes, então o contrapoder, a tentativa deliberada de alterar as relações de poder, é desempenhado reprogramando-se as redes em torno de outros interesses e valores, e/ou rompendo as alternâncias predominantes ao mesmo tempo que se alteram as redes de resistência e mudança social (CASTELLS, 2013, p.13).

¹⁸ Resistir v.t.i. 1. Lutar contra (ataque, atacante), ou responder a (acusação ou acusador), defender-se. 2. Não ser alterado, danificado ou destruído (por algo, ou ação de algo). 3. Não seguir, não ser dominado (por impulso, vontade, ideia, influência, etc.); não aceitar (o que atrai). 4. Não se deixar convencer, não aceitar, não concordar (FERREIRA, 2008, p.702).

De acordo com esse pensamento, os personagens em *Ninguém Nasce Herói* negam as redes pautadas numa hegemonia branca, heterossexual e cristã e constroem redes com base em suas identidades fora desse padrão, buscando uma identificação em comum. Assim, os modos de resistência empreendidos por Chuvisco e seus amigos se pautam, em sua maioria, no afeto entre eles: “Conforme a situação do país degradingolava, nos tornamos mais afetuosos, uma forma de equilibrar a balança da cultura de ódio [...] Para resistir, nos abrigamos uns nos outros e tornamos esse afeto nosso escudo” (NOVELLO, 2017, p.227). Manter essa afetuosidade é uma forma de ter esperança de que não estão sozinhos e essa pode ser considerada a primeira forma de resistência, manter o afeto em meio a uma realidade que os faz se afastar uns dos outros. Mesmo em meio à opressão e aos conflitos pelos quais passam (os quais discutimos no capítulo anterior), se mantêm unidos, porque consideram que é isso que os deixam mais fortes.

Segundo Castells (2013), “Os movimentos sociais hoje, e provavelmente aqueles que ocorreram ao longo da história (o que está além do domínio da minha competência), são constituídos de indivíduos” (CASTELLS, 2013, p.17), pois cada indivíduo possui uma motivação e é a união em torno de objetivos em comum que os une e forma uma resistência. Isso porque individualmente os movimentos sociais são emocionais e “o big-bang de um movimento social começa quando a emoção se transforma em ação” (CASTELLS, 2013, p.18). A motivação de Chuvisco, por exemplo, é a preocupação com os amigos, conseguir mantê-los bem e por perto.

Desse modo, quando pensamos na resistência com intuito de não serem alterados, o que é feito a partir do afeto, o primeiro aspecto que se destaca são os espaços de convivência social. Tomando como exemplo a Revolta de Stonewall, série de manifestações violentas em resposta à invasão feita por policiais a um bar de mesmo nome da revolta, Castells (2018) afirma que “para poderem se expressar, os gays sempre se juntaram – nos tempos modernos em bares e lugares social e culturalmente marcados” (CASTELLS, 2018, p.333). Esses lugares eram vistos como “espaços de liberdade”, onde os sujeitos podiam externar suas identidades com menos preocupações. Consequentemente se tornavam lugares de luta, por serem onde essas pessoas se uniam e organizavam. Isso porque é necessário, segundo Castells (2013), que os indivíduos saibam de algo insuportável que aconteceu com alguém conhecido para perder o medo e agir. “Entretanto, para que se forme um movimento social, a ativação emocional dos indivíduos deve conectar-se a outros indivíduos. Isso exige um processo de comunicação de uma experiência individual para outras” (CASTELLS, 2013, p.19). No primeiro momento essa comunicação e partilha de informações acontece nos locais que frequentam, é onde compartilham experiências e por mais que à primeira vista isso pareça banal, estão unindo

forças para se voltar contra o governo. Exemplo disso é quando Chuvisco toma conhecimento, no Vitrine, do ataque a Daniel e isso o faz questionar se o que ele fazia contra o Escolhido era suficiente.

Desta feita, em *Ninguém Nasce Herói* temos três lugares importantes para a resistência: a ONG (ainda que não pudessem ser totalmente livres porque o governo sabia da existência do lugar), o Vitrine e a Galileia. A ONG Abrigo Para Todos “recebe jovens expulsos de casa. Alguns são gays, lésbicas, transexuais. Outros, filhos de pais violentos” (NOVELLO, 2017, p.163). Essas expulsões aumentaram com a ascensão do Escolhido e assim o lugar funciona como um refúgio para esses jovens. Por ser um local onde tantas crianças vivem, precisam de todos os cuidados, escola etc, e não têm como esconder do governo sua existência. “A ONG ocupa uma casa de dois andares, de paredes roxas e janelas gradeadas amarelas. Para eles, ser invisível não é uma opção. O jeito é lidar com as consequências” (NOVELLO, 2017, p.159). O que fazem sobre essa situação é tentar não parecer que são oposição ao governo. É por esse motivo que Milena não aceita HQs que Chuvisco oferece levar e deixa expostas revistas que fazem apologia ao Escolhido.

Mesmo com diversos cuidados, de vez em quando as fiscalizações passam verificando se não há doutrinação e ao menor deslize ocorrem ameaças. Dessa vez foi pintado o símbolo da Guarda Branca na parede:

Por mais que seu Zé passe o rolo encharcado de tinta roxa sobre o símbolo da Guarda Branca, ele vai continuar a existir, escondido, soterrado, germinando. E se você não parar de pintar e retocar, se não fizer a manutenção diária, se não o asfixiar com afinco, um dia a tinta vai descascar e revelar o olho e a suástica que tentamos esconder. Se não **se apegar ao carinho dos amigos**, à certeza de que pequenos gestos fazem a diferença, à esperança de que não tem ninguém te seguindo, um dia a tinta vai descascar e revelar a sede de sangue dos homens que te caçaram numa rua deserta não para roubar sua carteira, mas para te matar. Que te caçaram porque você ousou não ser invisível (NOVELLO, 2017, p.159-160, grifos nossos).

A passagem na qual Chuvisco reflete sobre a pichação parece metaforizar o dia-a-dia dos personagens nessa realidade, sempre tentando esquecer o que estava acontecendo no país, “soterrar” a existência da Guarda Branca e demais grupos violentos, mas sabendo que isso não é suficiente, pois eles sempre estarão perseguindo-os somente por não se enquadrarem no padrão proposto. Isso já antecipa a necessidade de uma mudança no modo de resistência empregado pelos personagens para algo mais ativo, pois só se esconder e fingir que nada acontece acaba sendo cansativo e uma tarefa a ser realizada para sempre.

Mesmo com os ataques, eles continuam mantendo a ONG, acreditando que desanimar e desistir seria pior. Assim, encontram forças no afeto entre amigos para fazer a “manutenção

diária”. Nota-se que o trecho, apesar de fazer alusão ao fato de que talvez um dia isso fosse preciso, não se refere a ir contra ativamente, tentar tirar o Escolhido do poder, enfrentar a Guarda Branca, mas sim de, mesmo em meio a ataques, se manterem unidos, não se desesperarem. Desta feita, conseguem criar uma rede de apoio baseada nas identificações em comum, que permite que sejam quem são, mesmo que às escondidas.

Outro local do qual tomamos conhecimento é o *Vitrine*, um bar frequentado pelo protagonista e seus amigos.

Antes era um teatro de dois andares, de um tamanho que não se vê mais por aí. Após a falência, foi revendido em blocos separados. A face voltada para a rua se tornou uma galeria com brechós, bistrôs e sebos apertados. As laterais se transformaram em uma loja de empadas e uma de chocolates. No miolo, se manteve vivo nosso espaço de liberdade.

A entrada é pela porta branca no fundo do corredor pavimentado com pedras portuguesas e decorado com postes coloniais e bancos de madeira. A placa na qual se lê CUIDADO MATERIAIS INFLAMÁVEIS foi colocada pelo dono, como toque de ironia (NOVELLO, 2017, p.38)

Nota-se que o bar se localiza no miolo do prédio, envolto de várias lojas, o que já demonstra que é um lugar escondido, privado. Os detalhes do espaço remetem ao passado, como brechó e sebo nos quais são vendidas peças usadas, o bistrô, que é um tipo de restaurante que existe desde a segunda guerra mundial, o uso das pedras portuguesas, que remontam ao século XIX, e os postes coloniais. Essa pode ser uma indicação de que o bar também pertence a esse conjunto que remete a algo passado, mais especificamente à liberdade de encontrar os amigos em um lugar à vontade. Destaca-se também a presença do chocolate, que faz alusão ao amor e ao carinho, bem como da placa com os dizeres “CUIDADO MATERIAIS INFLAMÁVEIS”, como se os materiais inflamáveis fossem os frequentadores, precursores da resistência contra o governo.

As referências temporais remetem ao passado próximo, no qual eram mais livres, e o fato de ser um lugar escondido traz uma maior segurança. Moylan (2000) afirma que a memória é importante para a oposição distópica;

Enquanto a ordem hegemônica restringe a memória à nostalgia de uma era ouro fictícia, que incorpora os atributos ideológicos de seu próprio sistema, o protagonista distópico muitas vezes recupera uma memória suprimida e subterrânea que é voltada para o futuro em sua força capacitadora, libertadora em sua desconstrução da história oficial e sua reafirmação de formas alternativas de conhecer e viver no mundo (MOYLAN, 2000, p.149-150).¹⁹

¹⁹ Whereas the hegemonic order restricts memory to nostalgia for a fictive Golden age that embodies the ideological attributes of its own system, the dystopian protagonist often reclaims a suppressed and subterranean memory that is forwardlooking in its enabling force, liberating in its deconstruction of the official story and its reaffirmation of alternative ways of knowing and living in the world (MOYLAN, 2000, p.149-150).

Desse modo, o *horizonte utópico* (MOYLAN, 2000), o qual pode ser considerado como a esperança de melhora em relação à situação descrita na distopia, nesse momento é criado a partir não do que poderia ser, mas do que os personagens já viveram. Escondido e em meio a esses referenciais, o Vitrine passa a ser visto como um lugar de liberdade: “É uma bolha, nosso mundo perfeito. Pessoas diferentes e iguais ao mesmo tempo. Que falam de filmes, música, relacionamentos e da falta deles, de sonhos loucos, política, viagens e profissões” (NOVELLO, 2017, p.48). É um espaço de resistência, de onde tiram forças para não se entregar. “Não canso de pensar que é aqui, nessas doses constantes de afeto, que se encontra a resposta para derrotar o fanatismo alimentado pelo Escolhido” (NOVELLO, 2017, p.45). Além de compartilharem experiências e angústias, no Vitrine também discutiam estratégias de resistência. É nesse local, por exemplo, que Chuvisco começa a se perguntar se somente entregar livros seria suficiente contra o Escolhido ou ele precisava fazer mais, como usar de violência. Assim, por ser um ambiente no qual as pessoas têm interesses e objetivos em comum, conseguem se unir e organizar melhor.

O terceiro lugar que os personagens frequentam é a Galileia.

A Galileia acontecia em uma velha boate nas cercanias da Marginal Tietê, um casarão com três pistas, cobertura e piscina. Foram três atentados, quinze feridos e dois mortos até as donas decidirem que não havia mais condição. Para tentar resistir, adotaram uma programação careta, mas a fama libertina do lugar não atraiu o público desejado. O golpe final foi o aumento de impostos para casas noturnas, uma censura financeira, tática preferida dos políticos que apoiavam o Escolhido. Mas a festa sobreviveu. Meses de silêncio depois, a Galileia voltou à ativa, dessa vez de maneira itinerante. Contava com o boca a boca dos antigos frequentadores para divulgar data e local, que jamais se repetiam. Era uma forma de despistar a Guarda Branca e outros grupos violentos (NOVELLO, 2017, p.224).

A história da Galileia já é de resistência, por após vários ataques ainda se manter. No entanto, nota-se uma tentativa de silenciamento por parte do governo, que de certa forma dá certo, se pensarmos que conseguiu esconder aqueles que frequentavam esse lugar. Da mesma forma que o Vitrine, para não ceder totalmente e perder o pouco que ainda tinham, funciona escondida, com a diferença de ser itinerante. A Galileia também é bem maior que o Vitrine, por acontecer em um local aberto. Além disso, por não acontecer com muita frequência, recebe muito mais pessoas de uma só vez.

Aqui os personagens se encontram quase que exclusivamente para se divertir (fora isso só o momento que a organizadora discursa contra o Escolhido), dançar e esquecer os problemas: “Assim que a adrenalina começa a correr no sangue, me sinto invencível. A necessidade de controle, a insegurança, o medo de falhar comigo e com o outro se transformam em suor,

sublimam” (NOVELLO, 2017, p.229). A busca é pela liberdade que não possuem fora daquele ambiente. “Há quanto tempo não me sinto assim livre? Fodidamente livre. Mais forte que monstros embaixo da cama, que as criaturas atrás das paredes” (NOVELLO, 2017, p.229). É como se os personagens se unissem para repor as energias gastas em se esconder e resistir passivamente, externassem o que mantém em segredo por medo de serem atacados.

A Galileia parece um portal para um universo paralelo, uma cidade itinerante que se conecta com São Paulo a cada ciclo lunar, sem garantias de uma nova visita. A diversidade, os visuais alternativos, o comportamento sem medo da morte, nada disso existe no mundo que nos espera do outro lado da fronteira. Entre vê-la como um último grito de liberdade ou a possibilidade de dias melhores, escolho ser otimista (NOVELLO, 2017, p.244).

A disparidade é tão grande que o narrador se refere à Galileia como um “universo paralelo”, mas um universo que pode acabar a qualquer momento. É por isso que agem na festa com grande liberdade, imaginando que possa ser a última vez que a têm. Assim, encontramos na Galileia pessoas vestidas como querem, gays se beijando em meio a todos, sem se esconder, travestis, drag queens (inclusive um policial performando dessa forma).

Os três lugares analisados, a ONG, o Vitrine e a Galileia são onde os personagens podem vivenciar suas sexualidades e gêneros que não são aceitos pelo governo. Desse modo, ao procurarem locais onde podem ser mais livres, estão tentando manter seu modo de subjetivação, a partir da semelhança com as pessoas que lá encontram. É por essa importância que, como vimos no capítulo anterior, esses lugares são atacados e destruídos. Segundo Castells (2013), “[...] os movimentos sociais muitas vezes são desencadeados por emoções derivadas de algum evento significativo que ajuda os manifestantes a superar o medo e a desafiar os poderes constituídos apesar do perigo inerente a suas ações” (CASTELLS, 2013, p.157-158). Desse modo, o ataque a esses locais de suma importância, bem como a perda de amigos em confronto fazem com que os personagens superem o medo e ajam de forma mais ativa contra o governo.

4.2. Subversão do gênero: “no nosso grupo todo mundo fica com todo mundo”.

Como vimos, as pessoas precisam ter algo em comum para se unir em prol de uma causa. Em *Ninguém Nasce Herói* as identificações as quais os personagens partilham são geralmente relacionadas a gênero e sexualidade. Logo, a resistência poderia se configurar como subversão de gênero, por os sujeitos possuírem gêneros diferentes da norma instituída pelo governo. Segundo Cardoso, Soares, Lima (2017), “o conceito de gênero surge na década de 60 com as problematizações do movimento feminista, o qual, naquele momento, buscava explicar

e reivindicar as desigualdades existentes entre homens e mulheres, que até então eram explicadas unicamente pela biologia” (CARDOSO, SOARES, LIMA, 2017, p.136). Esse conceito pode ser entendido da seguinte forma: “O gênero, assim, diz respeito às relações sociais e culturalmente construídas entre os sujeitos, as quais resultam de identidades que são “doadas” antes mesmo do nascimento.” (CARDOSO, SOARES, LIMA, 2017, p.137). Os autores defendem que pode haver uma subversão do gênero, a partir da qual os sujeitos podem reinventar a realidade opressora.

Para discutir gênero e suas subversões, Butler (2019) parte da concepção de poder presente na obra de Foucault, que entende que o poder está presente em toda a sociedade e configura não só o opressor como também o oprimido. Desse modo, não há como fugir do poder e esse não é somente repressivo, mas também gerativo, ao passo que pode moldar as pessoas. Além disso, segundo Butler (2019), o sujeito não é pré-discursivo, ou seja, ele é constituído através das práticas sociais. Isso implica dizer que o “eu” é posterior à lei, ou seja, que não só aqueles que se encaixam na lei heteronormativa estão dentro dela, mas aqueles que fogem a ela na verdade também estão inseridos nela, mesmo que negando-a.

A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do ‘gênero” (BUTLER, 2019, p.44).

Assim, a equiparação entre sexo e gênero é o que define a aceitação ou não de determinada pessoa. Se em contextos democráticos a necessidade em relação a essa equiparação já faz com que as pessoas que não a seguem sejam oprimidas, no governo autoritário apresentado na obra isso se intensifica. Isso porque é nessa equiparação que o governo em *Ninguém Nasce Herói* se baseia ao instituir um padrão baseado nos preceitos cristãos de que o correto é a heterossexualidade. Desse modo, a perseguição implementada pelo Escolhido é baseada na continuidade entre sexo e gênero.

É importante compreender que para Butler as distinções entre sexo e gênero não são tão claras como se costuma pensar, pois o que se entende como sexo feminino e masculino também é construído socialmente, o que faz com que o entendimento sobre o corpo também não seja natural. Desse modo, para a autora o gênero é performativo, ou seja, construímo-nos “fantasiando” de acordo com as regras construídas, o que nos faz perceber que o gênero é uma constante construção. Esse processo, no entanto, é dito como interno e a tentativa de colocá-lo como tal já se constitui como uma maneira de regular a sexualidade.

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. [...] Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora (BUTLER, 2019, P.235).

O gênero seria então construído por uma “repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2019, p.242). Isso quer dizer que uma estrutura binária nos é imposta antes mesmo do nascimento e nós a repetimos e reiteramos durante a vida, como uma performance. Entretanto, se o gênero é construído pela repetição e de forma performativa, quer dizer que podemos construí-lo de forma diferente e isso pode ser considerado uma subversão.

Se a subversão for possível, será uma subversão a partir de dentro dos termos da lei, por meio das possibilidades que surgem quando ela se vira contra si mesma e gera metamorfoses inesperadas. O corpo culturalmente construído será então libertado, não para seu passado “natural”, nem para seus prazeres originais, mas para um futuro aberto de possibilidades culturais (BUTLER, 2019, p.164).

Dessa forma, a subversão para Butler acontece de dentro da lei e não desfazendo-a. O que é necessário é uma performance diferente da lei, abrindo possibilidades dentro dela. Diante disso, se a subversão de gênero se constitui como uma forma de romper a equação sexo-gênero, no âmbito mais geral da sociedade autoritária encontrada no romance, pode-se dizer que tal se daria como resistência às imposições do governo.

Em *Ninguém Nasce Herói* há a instituição de um padrão de gênero baseado nos preceitos cristãos, mas os personagens do núcleo principal o subvertem, construindo-se a partir da negação desse padrão. Os assuntos relacionados a gênero e sexualidade surgem durante a narrativa de forma espontânea e são tratados com naturalidade pelos personagens. Há uma fluidez que torna a classificação desnecessária e faz com que raras vezes os jovens se denominem com um ou outro gênero ou sexualidade. Isso já é uma quebra da iminente necessidade de rótulos que servem na maioria das vezes para escolher quem excluir ou não.

Chuisco afirma que “no nosso grupo todo mundo fica com todo mundo” (NOVELLO, 2017, p.52), sem distinções entre relações heterossexuais ou homossexuais, o que rompe com a regra de só se relacionar com o sexo oposto e pode ser considerada uma subversão de gênero por, nos preceitos cristãos, mulher ser aquela que se relaciona com homem e do mesmo modo

ao contrário. Em *Ninguém Nasce Herói* logo de início é apresentado Joca, o namorado de Pedro e mais a frente Amanda, Dudu e Gabi têm uma relação: “Quando vi, estávamos os três na cama. Foi bom. Foi ótimo. E não sei se vai acontecer de novo. Pode ter sido alguma combinação mágica do momento, dessas que não se repete nunca. Se for o caso, tudo bem pra mim. Valeu pela catarse” (NOVELLO, 2017, p.150). Gabi se demonstra receosa com a situação, por já ter tido um relacionamento conturbado com Dudu no passado, mas em nenhum momento é levantada a questão de serem três pessoas e nem de duas mulheres se envolverem. A relação parece ter sido passageira, mas demonstra a forma natural como, entre eles, os personagens subvertem o gênero. Evidentemente isso não é exposto além do grupo de amigos, pois além de não acharem necessário, havia o medo de perseguições.

Chuvisco também subverte o gênero, mas por não sentir atração sexual a partir do gênero da pessoa e sim por uma conexão emocional: “Hoje sei que meu gatilho é conexão emocional mais do que qualquer outra coisa e tô bem com isso” (NOVELLO, 2017, p.152). Ele afirma gostar tanto de homens quanto de mulheres, mas não sentir vontade de ter muita intimidade com ninguém. Assim, Chuvisco e seus amigos subvertem o gênero por suas práticas de desejo não decorrerem nem do sexo nem do gênero.

Durante a narrativa Chuvisco se relaciona afetivamente com Junior, relação que inicia na festa da Galileia, após um tempo sem se ver depois do ataque sofrido por Junior, do qual o protagonista o salvou.

Então ele me beija. O corpo, tenso do contato inesperado, vai aos poucos relaxando. A eletricidade que irradia de nosso toque é tamanha que tenho medo de as luzes e os equipamentos ao redor pifarem. Quando começa a se afastar, enfio a mão em seus cabelos e o prendo junto a mim. Com a respiração ofegante, eu o beijo novamente e o deixo escapar (NOVELLO, 2017, p.242).

O relacionamento dos dois não possui muito espaço na narrativa e eles não chegam a se definir como namorados nem nada do tipo, mas o fato de dois homens se relacionarem já é suficiente para romper com a continuidade sexo-desejo e subverter o gênero.

Compreender Junior como homem também já se configura como uma subversão, ao passo que ele é transexual. Assim, a apresentação corporal do jovem não dá continuidade ao sexo biológico. O narrador, assim como faz com os demais personagens, não dá detalhes do visual de Junior, mas logo ao vê-lo relaciona com o masculino, o que nos faz pensar que ele possui características físicas que coadunam com esse gênero, havendo uma descontinuidade em relação ao sexo biológico feminino.

Além disso, Junior tem um relacionamento com um homem, Chuvisco, completando o rompimento entre sexo, gênero e desejo. Se considerarmos o gênero ao qual ele se identifica, o masculino, o personagem rompe com o sexo feminino se identificando como homem e rompe com o desejo esperado para ele enquanto enquadrado no gênero masculino, que seria se relacionar com mulheres. A análise se complexifica ao lembrarmos que dessa forma há uma continuidade entre sexo e desejo (sexo biológico feminino e se relaciona com homem), mas a definição embaça ao considerarmos o rompimento de gênero, que faz com que se torne um homem, nos moldes sociais de aparência os quais definem o gênero, mantendo um relacionamento com outro homem. De qualquer modo Junior subverte o gênero ao romper a dicotomia sexo-gênero, usando-se de referenciais tidos como masculinos e gênero-desejo, por manter um relacionamento com um homem.

Por fim, no episódio da Galileia, temos a figura marcante de um policial *drag queen* descrito como “um homem usando peruca loira, maquiagem pesada e vestido dourado, com pose de autoridade” (NOVELLO, 2017, p.254). Para Butler (2019) podemos entender a performance da drag como um rompimento entre sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero (BUTLER, 2019, p.237). A autora afirma que a drag faz uma paródia do feminino e assim “revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero – assim como sua contingência” (BUTLER, 2017, p.237).

A noção de paródia de gênero aqui defendida não presume a existência de um original que essas identidades parodísticas imitem. Aliás, a paródia que se faz é da própria idéia de um original; assim como a noção psicanalítica da identificação com o gênero é constituída pela fantasia de uma fantasia, pela transfiguração de um Outro que é desde sempre uma “imagem” nesse duplo sentido, a paródia do gênero revela que a identidade original sobre a qual molda-se o gênero é uma imitação sem origem. (BUTLER, 2019, P.238)

A paródia pode ser entendida como uma crítica à noção de original e conseqüentemente aos padrões impostos aos gêneros. O policial Dutra está inserido nessa situação e há um rompimento ainda maior se pensarmos em seu cargo, pois ele quebra com a expectativa de que policiais não seriam subversivos em relação a gênero e se apresenta como mais um recurso para expor como ocorrem as subversões de gênero na narrativa.

A subversão do gênero ainda pode ser considerada uma resistência pacífica, principalmente por a maioria delas ocorrer em âmbito restrito. No entanto, é de suma importância por ser o algo em comum que os personagens precisavam para se unir em uma resistência. Quando as possibilidades de subjetivação são cada vez mais diminuídas e suas identidades de gênero ameaçadas precisam agir mais ativamente e buscam nas subversões de

gênero o elo de união para isso. Diante disso, as subversões de gênero em *Ninguém Nasce Herói* não só caracterizam as identidades dissidentes como também possuem um apelo político, ao passo que as decisões políticas do Escolhido são pautadas em uma heteronormatividade enquanto o gênero e a sexualidade dos personagens subvertem a lógica normativa imposta. Desse modo, subverter o gênero se apresenta como uma resistência ao governo, no sentido tanto de não serem alterados pelo padrão imposto quanto de ir contra ele.

4.3. “Um minuto de barulho”: quebra do silêncio e resistência em *Ninguém Nasce Herói*.

Até aqui compreendemos que os personagens em *Ninguém Nasce Herói* possuem estratégias de resistência pacíficas pautadas no afeto e a partir de alianças formadas através das subversões de gênero e que tanto uma quanto outra adquirem caráter político ao passo que vão contra o que é pregado pelo Escolhido. Se pensarmos especificamente em Chuisco, encontramos também um modo de resistência individual, as *catarses criativas*. Como dito anteriormente, o personagem possui uma condição psicológica que o faz ter as mais diversas alucinações. Ele conta que desde criança teve a imaginação muito rebelde e que isso só se tornou problema quando foi crescendo e nada mudou, foi quando precisou procurar ajuda médica. “De acordo com o psicanalista, adotei uma espécie de fuga reversa. Enquanto a maioria das pessoas usa a fantasia como uma folga dos problemas da realidade, eu fazia o contrário: criava um mundo tenebroso para que a realidade não fosse tão assustadora assim” (NOVELLO, 2017, p.107).

O psicanalista, doutor Charles, conseguiu ajudar Chuisco mostrando que ele não precisava lutar contra as *catarses criativas* (nome dado também pelo médico), mas aceitá-las e aprender a conviver com elas, controlando-as quando necessário. No momento em que os acontecimentos narrados acontecem, Chuisco já havia recebido alta por conseguir controlar de maneira considerável sua imaginação. Entretanto, diz ele: “há alguns meses voltei a sentir ansiedade, falta de ar” (NOVELLO, 2017, p.35), por conta do medo causado pela violência. Desse modo, durante a narrativa ocorrem várias crises de *catarses criativas*, algumas mais tranquilas, como ver borboletas ou tartarugas durante conversas, em outras Chuisco perde o controle como quando se vai defender Junior que vê os inimigos como monstros e ele vestido de armadura.

O que fica claro é que Chuisco possui uma condição psicológica que foi agravada pela situação do país. O medo de situações de violência faz com que seja necessário recorrer à

fantasia, imaginando que aqueles que ele precisa enfrentar são criaturas fantásticas e aterrorizantes. No entanto, não são só os outros que mudam na realidade criada por Chuvisco, ele também muda, ficando mais forte, usando armadura, ou seja, dentro dessa situação aterrorizante que ele cria, dá também para si subsídios para enfrentar seus agressores.

Além disso, a situação do país faz com que o tradutor também tenha dificuldade em controlar as *catarses criativas*. “A energia que poderia usar para domar as catarses criativas acaba direcionada à selvageria maluca em que o país se transformou” (NOVELLO, 2017, p.120). Ao perder o controle, imagina diversas coisas ruins que poderiam acontecer, e isso piora ainda mais a situação. “E, com a imaginação fora de controle, posso matar meus amigos de dezenas de formas diferentes. Imaginar o pior e a partir dele cavar mais e mais o fundo do poço até as unhas sangrarem” (NOVELLO, 2017, p.120). Desse modo, as *catarses criativas* influenciam diretamente na vida do jovem, interferindo principalmente nas suas relações interpessoais e aumentando o sentimento de medo constante, por muitas vezes não conseguir distinguir realidade e imaginação, mas serve também para conseguir resistir à realidade aterrorizante que vem vivendo.

Se de início as catarses têm relação com os conflitos internos de Chuvisco ante o governo então posto, elas adquirem uma dimensão outra, que agrega aos conflitos os atuais, funcionando tanto como maneira de driblar o impossível de narrar, mas também como a única forma possível nele, de encontrar poderes necessários para enfrentar a violência. Segundo Butler (2015), o ato de relatar a si mesmo sempre é uma tarefa incompleta, pois podemos ser refutados por si ou pelos outros. Assim, “Quando o ‘eu’ busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse ‘si mesmo’ já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração” (BUTLER, 2015, p.18). Desta feita, não conseguimos completamente relatar a si mesmos porque sempre há aspectos que não compreendemos e questões sociais que não podemos controlar. Na situação de Chuvisco, unem-se as repressões costumeiramente encontradas em nossa sociedade, baseadas na heterossexualidade compulsória, às de um governo autoritário e é este o impossível de narrar que as catarses vêm suprir a necessidade.

Diante do exposto, compreendemos que há uma dificuldade em narrar o inenarrável. Chuvisco tem que narrar as situações pelas quais passa, incluindo as violências sofridas, mas essa não é uma tarefa fácil, por lhe causar dor e medo. Por mais que essa não seja uma “literatura de testemunho”²⁰, podemos comparar ao seu mecanismo de funcionamento. Benjamin (1989)

²⁰ Aqui não temos a intenção de tratar a obra como literatura de testemunho, mas de fazer alusão ao que, segundo os autores, constituiu o impossível do testemunho.

afirma que as novas técnicas de reprodução que propiciaram a reprodução em massa de vários tipos de arte além de o surgimento do cinema, que acarretou em um aumento no valor de exibição e na percepção distraída, rompendo a tradição aurática, fizeram com que ocorressem muitas modificações nas artes. A invenção do romance pode ser considerada uma dessas modificações. O romance propiciava uma leitura solitária e o tratamento de temas individuais, o que intensificou as mudanças no panorama das artes e foi considerado por Benjamin como a morte da narrativa, que para ele deveria ser relacionada à coletividade.

Benjamin (1989) afirma ainda que as experiências vividas na guerra foram o golpe final para a narrativa, ao passo que as pessoas não conseguiam mais expressar o que haviam sofrido, pois não havia linguagem que servisse para simbolizar a experiência de guerra. Pode-se, aqui, pensar que a literatura de testemunho seria uma maneira de superar a condição então imposta à narrativa, numa tentativa de narrar o inenarrável, preservando as memórias e refletindo sobre o presente a partir delas. Segundo Levi (2004), as pessoas tendem a livrar-se das memórias difíceis, as quais fazem doer toda vez que são trazidas à tona e que isso faz com que narrar as experiências de guerra seja difícil. Além disso, “Com o objetivo de defesa, a realidade pode ser distorcida não só na recordação, mas no ato mesmo em que se verifica” (LEVI, 2004, p.27). Numa tentativa de deixar tudo menos doloroso, as pessoas podem imaginar que as coisas estão acontecendo de maneira diferente.

Essa é uma dificuldade da narrativa contemporânea, que permitiria explicar as *catarses criativas* como recurso do narrador para tornar possível, para si, assimilar e relatar as experiências que o texto comunica. Exemplo claro disso é quando atiram em Dudu: “Dudu cai para trás com o impacto das balas. Borboletas de pétalas vermelhas voam sobre nós. Uma delas colide contra meu rosto, escorrendo quente pela minha testa” (NOVELLO, 2017, p.348) bem como quando Chuvisco encontra o corpo de André: “Há rosas destroçadas por todos os cantos do quarto. Sobre a cama, dois corpos estão arrumados de barriga para cima” (NOVELLO, 2017, p.334), passagens analisadas no capítulo anterior. Nos dois casos, o narrador utiliza a *catarse criativa* para conseguir narrar as cenas que seriam ainda mais dolorosas sem ela.

Dessa forma, compreendemos que as *catarses criativas* são mecanismos importantes de resistência não só por ajudar Chuvisco a suportar a realidade em que vive, mas também por propiciar que ele fale sobre as situações vivenciadas. Moylan (2000) afirma que “Apesar do silêncio inicial, a contra-narrativa muitas vezes se realiza justamente por meio da linguagem” (MOYLAN, 2000, p.149)²¹. Para Moylan (2000), romper o silêncio é uma importante

²¹ “Despite the initial silence, the counter-narrative is often accomplished precisely by way of language” (MOYLAN, 2000, p.149)

ferramenta de resistência e de elo entre os sujeitos, isso porque, por exemplo, é através da reapropriação da linguagem que os personagens reconstituem a “memória fortalecedora”, a qual retoma tempos melhores.

Antes do governo do Escolhido, Chuvisco gravava vídeos falando sobre seu dia-a-dia e como estava lidando com as *catarses criativas*, fazia isso como uma espécie de terapia indicada pelo psiquiatra. Como estava com as *catarses* sob controle, não gravava mais esses vídeos, mas essa época também coincidiu com a ascensão do governo autoritário, o que tornou inviável a continuidade das publicações. Inspirada nesses vídeos, Denise, que mora na ONG “Abrigo Para Todos”, também grava vídeos da mesma forma que Chuvisco, mas não teve coragem de postar para que todos vissem. O ato de Denise, mesmo que exposto somente a um círculo restrito de pessoas, pode ser considerado uma forma de quebrar o silêncio. Além disso, Chuvisco, enquanto narrador, também toma para si a palavra, expondo suas angústias e denunciando o governo autoritário para o narratário. No final da narrativa, como analisaremos mais adiante, Chuvisco também se prepara para discursar em uma manifestação contra o Escolhido, ampliando o alcance de sua voz. Destarte, mesmo que não de forma exposta a todos, os personagens, principalmente o protagonista, toma para si a fala silenciada, dando voz ao movimento de resistência e estabelecendo uma contranarrativa.

É baseado na importância da denúncia que funciona o grupo denominado Santa Muerte, que utiliza a internet para expor as irregularidades e violências do governo. Assim, a internet é usada pelo grupo como mais uma forma de resistência.

Pelo que descobri na internet, Santa Muerte é um grupo de mídia independente. Dizem que começou com um único cara subindo vídeos no Youtube e foi crescendo, ganhando adeptos até se tornar um grande movimento. De início, gravavam o material nas ruas. Incentivavam a população a fazer o mesmo. Conseguiram imagens de violência policial, entrega de propina, negociações com donos de empreiteiras. Mais tarde, passaram a mirar os políticos. Jogaram na rede o vídeo de uma festa regada a drogas e tudo o que ia contra o discurso do Escolhido, que os canais de televisão não tinham coragem de mostrar (NOVELLO, 2017, p.27).

O grupo utiliza o nome de uma santa muito popular principalmente no México e funciona denunciando, através de vídeos, a violência e irregularidades do governo. Segundo Chesnut (2011),

Como seu nome indica, Santa Morte é uma santa popular mexicana que personifica a morte. Seja na forma de uma estátua de gesso, em uma vela votiva, um medalhão de ouro ou um cartão de oração, ela é representada como uma Ceifadora, manejando a mesma foice e usando uma mortalha semelhante à do Ceifador” (CHESNUT, 2011, p.197)

O pesquisador afirma que a santa possui seguidores em todos os estratos sociais, mas “a grande maioria de devotos se encontra entre os motoristas de táxi, prostitutas, vendedores de rua, donas de casa e criminosos” (CHESNUT, 2011, p.207). A Santa Muerte é muito cultuada entre marginalizados e o seu culto é proibido em alguns lugares por conta disso. Por esse motivo, a santa é muitas vezes relacionada à homossexualidade, a qual também é muitas vezes marginalizada. Assim, a relação da santa mexicana com o grupo encontrado na narrativa é muito próxima, pois assim como a santa resiste às perseguições, por ser cultuada por pessoas ditas minorias, os sujeitos que compõe o grupo Santa Muerte também resistem e são perseguidos por aqueles que não querem seus segredos expostos.

Destarte, por disseminar seus vídeos na internet, mas especificamente na Deep Web, espaço na internet onde as pessoas publicam o que não conseguem publicar abertamente e a partir do qual são mais dificilmente rastreados, o Santa Muerte pode denunciar diversos crimes cometidos pelo governo, em tempos e espaços diferentes e espalhar essa denúncia de forma mais fácil e rápida.

Há filmagens em protestos. Massacres na periferia. Uma menina sendo arrastada pelo chão por homens fardados enquanto é xingada de puta e todos os nomes possíveis. Dois garotos enfiados em uma viatura à base de golpes de cassetetes. Outro, chamado “Cinquenta bombas em cinco minutos”, mostra um protesto sendo encurralado entre dois paredões da tropa de elite paulistana. Um sujeito com a máscara de caveira aparece dizendo que aquele foi um dia comum na cidade. Mostra uma entrevista do governador parabenizando a ação e volta para dizer que nenhuma investigação por abuso de poder foi iniciada, apesar de vinte e duas pessoas feridas e três desaparecidas. Os assuntos são variados.

Santa Muerte não tapa os olhos para nada. Pelos títulos, vejo que falam de centros culturais incendiados, livros banidos pelo governo, filmes proibidos pela censura, a nova curadoria dos museus. Um dos vídeos mais acessados aborda a mudança da grade curricular – o ensino obrigatório de cristianismo e criacionismo no lugar de disciplinas como história e biologia (NOVELLO, 2017, p.130).

Desse modo, os vídeos do Santa Muerte servem para informar e alertar a população sobre coisas que a mídia mesmo querendo não conseguiria publicar facilmente, por ser controlada pelo governo. Por isso o uso da internet pelo grupo se torna tão importante.

Sobre a importância da internet na constituição de movimentos sociais no século XXI, Castells (2013) afirma:

Historicamente, os movimentos sociais dependem da existência de mecanismos de comunicação específicos: boatos, sermões, panfletos e manifestos passados de pessoa a pessoa, a partir do púlpito, da imprensa ou por qualquer meio de comunicação disponível. Em nossa época, as redes digitais, multimodais, de comunicação horizontal, são veículos mais rápidos e mais autônomos, interativos, reprogramáveis e amplificadores de toda a história (CASTELLS, 2013, p.19).

Assim, se a início, em *Ninguém Nasce Herói* havia a comunicação em alguns ambientes nos quais conseguiam se encontrar e trocar informações, com a atuação do Santa Muerte há um alcance bem maior das informações e uma rede mais extensa de compartilhamento de indignações cuja importância se deve à construção de um projeto alternativo baseado em resistir enfrentando o Escolhido. Novamente notamos a importância citada por Moylan (2000) sobre a relevância do falar para a construção de uma contranarrativa de resistência. A voz elevada pelo Santa Muerte une os sujeitos em uma resistência ativa, que consegue resultados porque realmente se mobiliza contra o governo.

Além do trabalho com disseminação de informações, Chuisco toma conhecimento de que o Santa Muerte seria um grupo armado: “Hoje, corre a história de que suas câmeras ganharam a companhia de armamentos, e uma parcela de seus integrantes entrou para a guerrilha. Nunca descobri se é verdade ou invenção do governo para enquadrá-los nas leis antiterrorismo” (NOVELLO, 2017, p.28). Essa informação se confirma quando Chuisco toma conhecimento de que Dudu fazia parte de uma ramificação do Santa Muerte a qual havia se armado. Isso faz com que Chuisco fique relutante em relação ao grupo, mas acabe se aproximando mesmo assim por ser a principal via de resistência. No entanto, o fato de alguns estarem armados foi importante para que conseguissem se defender, como por exemplo no momento que Pedro defende a todos na Galileia.

A atuação do Santa Muerte faz com que as pessoas se revoltam cada vez mais contra o governo e comecem a se manifestar em relação a isso. Durante a narrativa, Chuisco participa de duas manifestações desse tipo, uma antes de se aproximar da Santa Muerte e outra depois. Na primeira, Chuisco está em meio à multidão e a sensação de insegurança é grande, principalmente ao verem que a televisão estava cobrindo a passeata

Tomar consciência das câmeras me deixa ansioso. Se ser feliz era de fato uma forma de protesto, se expor – para os policiais, para os repórteres, uns aos outros – é um ato de coragem. Não dá para garantir que não há agentes infiltrados. Ainda assim, é orgulho, e não medo, o que sinto por estar aqui (NOVELLO, 2017, p.196)

Mesmo inseguros, se mantêm protestando, por saberem que era necessário, já que a resistência no sentido de não se alterar estava cada vez mais difícil, sendo preciso agir ativamente contra o governo. Essa manifestação acaba em um conflito entre Guarda Branca e os manifestantes, mas não teve muita gente ferida porque a multidão se dispersou de forma rápida.

A segunda manifestação acontece após Chuisco se aproximar da Santa Muerte e ele não só está presente como participa ativamente dela, discursando no caminhão de som. Ao ver

a quantidade de pessoas, o personagem fica esperançoso, por ver que não está sozinho, que muitas pessoas estão em prol da mesma causa: “Quebrando um velho hábito, me permito ter esperança. É justamente a esperança de que não estamos sós que vai nos levar à vitória. O resultado de nossa coragem é uma mensagem que vai sobreviver ao tempo e ao que existir do outro lado do rio” (NOVELLO, 2017, p.354). Ele demonstra ainda que precisa se manter esperançoso porque essa é a alternativa que têm, não há mais como somente se esconder.

Ninguém quer sentir medo ao andar na rua. Ninguém quer ser escoraçado, agredido. Ninguém quer sair de casa sem a certeza de que vai voltar só porque pensa ou age diferente. Mas, se gigantes de aço descem dos céus dispostos a te esmagar, a única maneira de sobreviver é reagir, empurrá-los de volta. A verdade é que ninguém nasce herói. Mas isso não nos impede de salvar o mundo de vez em quando (NOVELLO, 2017, p.360).

Nota-se o sentimento de que eles não estavam totalmente prontos para o que estavam enfrentando, mas que precisaram se adaptar pois era a única forma de sobreviver. Assim, evidencia-se o que Matangrano (2019) afirma sobre os personagens de *Ninguém Nasce Herói*, os quais fogem ao padrão em relação a outras distopias, pois não começam a narrativa já prontos para enfrentar o governo, mas vão se organizando ao longo da narrativa e se preparando para isso.

Em meio ao protesto evidencia-se novamente a importância da voz para a contranarrativa: “Em vez de um minuto de silêncio, pedem um minuto de barulho. Muito barulho, até que ouçam nossa voz” (NOVELLO, 2017, p.361). Pautado na necessidade de ter voz, Chuisco sobe no carro de som para discursar e o faz usando uma máscara do Santa Muerte. “Quando assume o lugar dele diante do mar de gente que nos observa, desço a máscara sobre o rosto... e o mundo inteiro se transforma” (NOVELLO, 2017, p.362). Pode-se inferir a partir dessa passagem, que a voz de Chuisco e demais companheiros, como Junior, que iriam discursar junto a ele, faz com que o mundo seja transformado. Essa relação fica ainda mais clara porque a narrativa é interrompida nesse momento e volta, no último capítulo, após o Escolhido não estar mais no poder. Nesse sentido, podemos entender que a união dos personagens bem como a utilização da voz faz com que consigam efetivamente resistir e depor o governo.

4.4. Identidade de resistência, política-vida e o estabelecimento do horizonte utópico em *Ninguém Nasce Herói*.

Notamos ao longo de nossa análise que são diversas as estratégias de resistência utilizadas pelos personagens. A início elas são voltadas para não serem alterados pelas

imposições do governo. No entanto, com o tempo percebem que isso não era possível sem que fossem efetivamente contra o Escolhido e precisam intensificar e renovar as estratégias de resistência. A primeira delas identificamos como o afeto, o qual os personagens conseguem manter mesmo sob pressão para separarem-se, analisamos também que esse afeto é alimentado em espaços específicos, nos quais podem se sentir tranquilos e se transformam em espaços de resistência por ser onde encontram motivação, força e organização para lutar. Ademais, também elencamos as subversões de gênero, as quais se configuram como resistência por ir contra a lógica de equiparação entre sexo e gênero cultuada pelo governo. Além disso, observamos que as *cartarses criativas* e o grupo Santa Muerte são utilizados como recursos através dos quais os personagens adquirem voz, estabelecendo-se também como um modo de resistir. Todas essas formas de resistir são baseadas em uma concepção não essencialista de identidade, pois se configuram a partir da coexistência e relação entre várias dela, sendo contrárias à constituição da identidade mestra elencada pelo governo.

Se pensarmos em toda a trajetória percorrida pelos personagens em *Ninguém Nasce Herói*, podemos perceber que há uma necessidade de adaptar seus modos de constituição da identidade pessoal, já que o governo autoritário cerceava a possibilidade de subjetivação a partir de identidades que não se encaixassem no que ele propunha. Essa adaptação perpassa toda a narrativa e culmina em uma organização de resistência com intuito de tirar o presidente do poder, após notar que ele e seus seguidores encontravam cada vez mais formas de oprimi-los. Essa organização em torno de identidades em comum e em benefício da relativa liberdade para a constituição delas é o que podemos denominar *identidade de resistência*.

Castells (2018) identifica três formas e origens de construção de identidades, *identidade legitimadora*, *identidade de resistência* e *identidade de projeto*. A primeira é instituída pelas instituições dominantes com intuito de expandir o domínio, a segunda é criada por aqueles que estão em posição desvalorizada e constroem “trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos” (CASTELLS, 2018, p.56), enquanto a última origem de construção de identidades se baseia na constituição de uma nova identidade que redefina a sua posição na sociedade, transformando a estrutura social.

Sobre a *identidade de resistência*, Castells (2018) afirma que ela leva à formação de comunas, ou comunidades, as quais dão origem a “formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável, em geral com base em identidades que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história, geografia ou biologia, facilitando assim a ‘essencialização’ dos limites da resistência” (CASTELLS, 2018, p.57). Desse modo,

ao entrarem em conflito com o padrão de identidade proposto pelo governo, os personagens precisam adaptar seus modos de construção da identidade pessoal e isso ocorre a partir da *identidade de resistência*, pois as estratégias de resistência anteriormente citadas ocorrem por intermédio dela. Isso porque, em face do governo autoritário percebem que não seria mais suficiente a identidade baseada somente no gênero ou etnia, por exemplo, e que para sobreviverem precisam buscar uma compreensão comum da ameaça que enfrentam. O modo que encontram para isso é a *identidade de resistência*, que os une contra o governo mantendo suas identidades pessoais preservadas.

É com base nas subversões de gênero que os personagens formam comunas, a partir das quais se unem em uma resistência coletiva. No entanto, como vimos, esse processo se dá de forma gradual, passando por tentativas de resistência individuais e baseadas na tentativa de não ser alterados, até a percepção de que essa alteração já estava em curso e que precisavam modificar seu modo de agir para sobreviver e encontrar novos modos de subjetivação. Assim, o percurso dos personagens demonstra o caminho para a construção de *identidade de resistência*, a partir da qual se unem contra o governo. Nesse sentido, as subversões de gênero estão intimamente ligadas à *identidade de resistência*, pois é a partir da primeira que os personagens formam as comunas que dão início à segunda, bem como as subversões só podem continuar a acontecer a partir de uma construção de identidades pautada da *identidade de resistência*.

A partir do momento em que os personagens se unem efetivamente em prol de uma resistência ativa, momento representado por Chuvisco subir no carro para discursar, se efetiva a construção de identidades baseadas na *identidade de resistência*, pois precisam se adaptar para conseguir resistir. Entretanto, quando o tradutor caminha para o local do discurso, poderíamos pensar que se direciona também para uma *identidade de projeto*, pois demonstra que conseguiram se unir em favor de um projeto de transformação da sociedade. No entanto a narrativa é interrompida quando Chuvisco sobe no palanque, pois ao nosso ver a intenção não é demonstrar os caminhos percorridos para fazer o Escolhido renunciar, mas sim como os personagens se unem para construir esse projeto, ou seja, como passam a se constituir a partir da *identidade de resistência*.

Além disso, compreendemos que todo esse movimento de resistência ocorre por meio de uma *política-vida* (GIDDENS, 2002). Como discutido no primeiro capítulo, a *política-vida* é marcada pelas decisões políticas e pela construção da auto-identidade. Segundo esse pensamento, as decisões individuais têm impacto sobre o global. Mas em meio a um governo autoritário poderíamos pensar que uma política baseada nas escolhas individuais não seria

possível. No entanto, as escolhas citadas não fazem com que seja necessária uma liberdade total, mas sim pequenas escolhas pessoais que têm impacto em diversos âmbitos. Assim, quando, em busca de construir uma *auto-identidade* os personagens vão para lugares proibidos se encontrar com amigos, estão fazendo uma escolha que impacta também no social, ao passo que lá começam a constituição de um movimento de resistência. Do mesmo modo quando, baseados em uma *auto-identidade* pautada na subversão do gênero, a qual os une em torno de um objetivo comum, resolvem resistir mais ativamente, pois era o único modo de sobreviver e se auto constituir de forma relativamente livre. Diante disso, o estilo de vida, ou seja, o conjunto de práticas que compõem a *auto-identidade* dos personagens é o que constrói a *política-vida*.

O *horizonte utópico* (MOYLAN, 2000) da distopia *Ninguém Nasce Herói* se constrói com base nisso, em mostrar como a partir da união e do compartilhamento de experiências, os sujeitos conseguem se organizar contra um governo opressor. Além disso, compreendendo que esse *horizonte utópico* tem um teor didático, entendemos que a narrativa também demonstra que os sujeitos não precisam ter algo de extraordinário para ir contra um governo opressor, pois a necessidade de construção reflexiva de seu estilo de vida pode encaminhá-los para isso, a depender as escolhas que forem feitas. Um elemento que sugere essa leitura é o título da obra, retomado na seguinte passagem: “A verdade é que ninguém nasce herói. Mas isso não nos impede de salvar o mundo de vez em quando” (NOVELLO, 2017, p.360). Essa contranarrativa se consolida no último capítulo quando tomamos conhecimento que foi possível depor o presidente, que os trabalhos surtiram efeito, mas que antes precisaram passar por tudo que é mostrado na narrativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões identitárias perpassam diversos âmbitos do nosso dia-a-dia, principalmente se considerarmos uma concepção não essencialista de sujeito, a partir da qual compreendemos que temos a tarefa de construirmo-nos incessantemente durante a vida. Essa temática vem sendo constantemente trabalhada na literatura, a partir de personagens que possuem uma jornada incerta e são permanentemente desenvolvidos no decorrer da narrativa. Encontramos discussões relativas à identidade frequentemente em distopias, as quais são geralmente ambientadas em governos autoritários, através dos quais se cria uma sociedade pior que a atual. No entanto, esse tipo de narrativa não possui uma visão puramente negativa da sociedade, como é comum pensarmos e sim possui uma esperança utópica.

Desse modo, vimos que *Ninguém Nasce Herói* possui uma *textualidade híbrida* (MOYLAN, 2000), através da qual se institui uma narrativa hegemônica, pautada no governo autoritário que defende um ideal de identidade baseado nos preceitos cristãos, e uma contranarrativa de resistência a essa realidade, a qual acompanha Chuvisco e seus amigos na constituição de uma oposição ao governo autoritário. Esse conflito pode ser tido como identitário ao passo que o governo persegue aqueles que não se enquadram no ideal de identidade cunhado para a nação, a saber, branco, heterossexual e cristão. Assim, as pessoas que possuem identidades que não se encaixam no padrão instituído, pautadas em um descentramento, sentem uma intervenção em seu *estilo de vida* (GIDDENS, 2002), dificultando seus modos de construção individual, os quais precisam ser constantemente (re)formulados.

Entretanto, as questões identitárias não se apresentam no romance somente enquanto motivação para a opressão, mas também como incentivo para a construção de uma resistência, pois é a partir do compartilhamento de experiências e identificações em comum que os personagens se unem contra o Escolhido. É por meio do afeto proveniente também do fato de possuírem identidades não normativas em comum que os personagens adquirem forças para empreender uma resistência ativa, formando o que compreendemos como *identidade de resistência* (CASTELLS, 2018). É a partir desse entendimento também que observamos que há o empreendimento de uma *política-vida* (GIDDENS, 2002), através da qual as exigências da vida pessoal tornam-se motor para uma movimentação coletiva.

Destarte, iniciamos nosso trabalho compreendendo o contexto no qual *Ninguém Nasce Herói* está inserido, o qual propiciou ao autor um melhor tratamento de personagens não normativos, ao passo que também criou a necessidade de inseri-los em um contexto autoritário. O primeiro ponto se deve ao fato de as teorias de gênero começarem a surtir efeito na literatura,

fazendo com que se busque cada vez mais a presença de uma maior diversidade. Já o segundo ponto, se deve a um crescente clima autoritário que vinha se instaurando mundialmente e especialmente no Brasil. Além disso, apresentamos um panorama das discussões sobre identidade, com intenção de deixar claro que a concepção de identidade adotada em nosso trabalho surge de uma ótica não essencialista e compreende o sujeito como constantemente em mutação e por isso, permanente construção. Essa parte também é importante para entendermos que o sujeito se constrói em relação com o outro, o que é necessário para compreendermos que, em *Ninguém Nasce Herói*, os personagens precisam, ao longo da narrativa, se construir buscando as identificações com os mais próximos, mas também a diferença em relação ao Escolhido e seus apoiadores.

Na sequência, compreendemos que a narrativa hegemônica da distopia *Ninguém Nasce Herói* é construída a partir de um governo que pode ser entendido como um *autoritarismo pré-totalitário* (ROSA, 2020), pois ainda há uma relativa liberdade dos sujeitos, porque o governo ainda não conseguiu instaurar o totalitarismo, por conta da resistência que vem enfrentando. A partir desse entendimento, analisamos a importância do que Arendt (2013) denomina *polícia secreta*, representada pelos Gladiadores e pela Guarda Branca, os quais são responsáveis por instituir o terror que imobiliza a população. Notamos que a violência perpetrada por essas polícias é uma estratégia para causar desunião entre os personagens, com intuito de que, se não participassem do governo, ao menos não tivessem forças para reagir.

Analisamos também que a instauração do medo é uma tentativa de que, nem que seja à força, os sujeitos façam adesão à identidade pré-estabelecida, pois precisam disso para sustentar uma identidade nacional e conseqüentemente melhor controlá-los. É nesse sentido que o governo autoritário não permite todos os modos de construção pessoal e por isso entra em conflito com os personagens. A insegurança faz com que os sujeitos, na narrativa, fiquem a todo momento apreensivos, prejudicando as relações interpessoais e fazendo com que o *estilo de vida* (GIDDENS, 2002) deles seja prejudicado e precise ser repensado. Os personagens entram em conflito principalmente em relação a como conduzir a resistência, se de forma pacífica ou violenta. Chuvisco, por exemplo, se considera pacifista e se desentende com Pedro por este estar andando armado. Além disso, no decorrer da narrativa, o protagonista entra em conflito até consigo em relação a isso, por achar que o pacifismo não estava mais rendendo resultados. Esses problemas afetam o *estilo de vida*, no sentido de serem bases usadas para a constituição de identidades. Tanto é que, quando Chuvisco se questiona sobre o uso de armas, essa é uma interferência em características fundantes da identidade pessoal dele e ele precisa encontrar outros modos de subjetivação.

Os modos de construção da identidade pessoal encontrados são através da *identidade de resistência* (CASTELLS, 2018), pois os personagens percebem que somente a partir da união em prol de uma resistência contra o Escolhido é que conseguiriam reconstruir seu *estilo de vida*. Esse tipo de construção identitária surge paulatinamente durante a narrativa, a início a partir de uma resistência pacífica e no sentido de não serem alterados, o que é feito a partir principalmente da manutenção do afeto, alimentado em lugares aos quais os personagens iam escondidos para se encontrar, como o Vitrine e a Galileia e onde podiam se sentir livres para ser quem queriam. Esses locais são de suma importância para a construção de comunidades, as quais são a base para a *identidade de resistência*. Essas comunidades, ou comunas, são formadas a partir do compartilhamento de experiências e conexão entre as motivações individuais para formar um só objetivo. Além disso, é nesses lugares que os personagens podem obter informações e traçar estratégias para resistir.

Outros modos de resistência são as *subversões de gênero* (BUTLER, 2019) e as *catarses criativas*. As primeiras ocorrem ao passo que diversos personagens rompem a continuidade sexo-gênero-desejo. Isso porque alguns são bissexuais, Junior é transexual, Chuvisco não possui atração sexual motivada pelo gênero e encontram diversos outros gêneros na Galileia por exemplo, onde se deparam inclusive com um policial drag queen. Já as *catarses criativas* funcionam como resistência conforme são utilizadas por Chuvisco para conseguir suportar a realidade em que vive, imaginando-a mais aterrorizante, mas também se vendo com superpoderes que o auxiliam a ir contra os monstros encontrados. Além disso, as *catarses* também funcionam como forma de dar voz ao personagem, ao passo que o auxiliam a, enquanto narrador, narrar o inenarrável, aquilo que sem elas não conseguiria descrever por ser doloroso demais.

Como vimos, para Moylan (2000), a contra narrativa distópica ocorre muitas vezes por meio da linguagem e as *catarses criativas* auxiliam o narrador a utilizar a linguagem para narrar sua experiência. Como forma de resistência a partir da voz dos oprimidos temos também o grupo Santa Muerte, que publica vídeos comprometedores para o governo. Esse grupo é extremamente importante para a formação de uma *identidade de resistência* (CASTELLS, 2018) ao passo que, a partir da internet, consegue uma rede de comunicação bem maior e se os movimentos sociais funcionam em rede, como afirma Castells (2013), a rede formada pelo Santa Muerte é a partir da revolta criada por meio das denúncias. A voz elevada pelo grupo consolida a construção da resistência ao motivar a saída às ruas para protestos. Em um desses Chuvisco se prepara para discursar quando a narrativa é interrompida. Compreendemos que a voz elevada pelo protagonista demonstra como utilizar-se da voz é essencial para a mudança, o

que é demonstrado pelo corte na narrativa para um momento no futuro no qual tudo deu certo e conseguiram tirar o Escolhido do poder.

É no momento da manifestação, quando Chuvisco se prepara para fazer uso da voz e conseguiram reunir milhares de pessoas contra o governante, que se consolida a *identidade de resistência* (CASTELLS, 2018), pois a partir dali o processo pelo qual constroem um outro modelo de sociedade pretendida, do qual não tomamos conhecimento, já poderia ser considerado uma *identidade de projeto* (CASTELLS, 2018). Por compreender que as estratégias de resistência culminam nela, que os modos de subjetivação passam a ser possíveis a partir dela e a narrativa se encerra em seu ápice, consideramos que é a partir de *identidade de resistência* que a narrativa se constrói, pois é em torno dela que gira a contranarrativa da distopia, a qual é representada pela trajetória de Chuvisco e seus amigos.

Toda a construção da *identidade de resistência* ocorre por meio das escolhas individuais dos personagens, as quais culminam em uma união em prol de um bem comum, isso é o que podemos denominar, como vimos, de *política-vida* (GIDDENS, 2002). É a *política-vida*, juntamente com a construção da *identidade de resistência*, que constrói o *horizonte utópico* na distopia de *Ninguém Nasce Herói*, mostrando que a partir da união de objetivos e experiências em comum é possível ser contrário a um governo autoritário. Assim, ao mesmo tempo que temos na obra uma perspectiva distópica de uma situação pior que a atual, temos também uma esperança utópica que dá motivos para reflexão e mudanças de atitudes.

REFERÊNCIAS:

- ARENDRT, HANNAH. Parte III Totalitarismo. In: *Origens do totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução Carlos Alberto Madeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa e Hermerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v.3)
- BORGES FILHO, Ozíris. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- BRASIL. A resistência da sociedade civil às graves violações de direitos humanos. In: *Comissão Nacional da Verdade. Relatório: textos temáticos*. Brasília: CNV, 2014. P. 341-414 – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 2)
- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. Versão de Kindle.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 17 edição, 2019.
- CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antônio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida Prado, GOMES, Paulo Emílio Salles. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974, 4a edição.
- CARDOSO, Jéssica Matos, SOARES, Alex Sales, LIMA, Carlos Henrique Lucas. A subversão do gênero e o gênero da subversão. *Cadernos de gênero e diversidade*. Bahia: v.3, nº4, 2017, p.133-144.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade: a era da informação*. Tradução Klauss Brandini. 9ª ed. Volume 2. – São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- CHAUÍ, Marilena. *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Org: André Rocha. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013. (Escritos de Marilena Chauí, 2).
- COWAN, BENJAMIN. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: GREEN, JAMES N., QUINALHA, RENAN (organizadores). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2019. P.27-52.
- CHEVALIER, Jean. *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

CHESNUT, R. Andrew. Santa morte, a santa esquelética no México e nos Estados Unidos. In: *História: questões & debates*, tradução de Karina Kosochi Belotti. Curitiba, n.55, jul-dez 2011. p. 196-217.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa* dicionário. 7 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FICO, CARLOS. Prefácio. In: GREEN, JAMES N., QUINALHA, RENAN (organizadores). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2019. P.13-16.

FREUD, S. Uma dificuldade da psicanálise (1917). In: FREUD, S. *História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”); Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*, v 14. São Paulo: Cia das Letras, 2010, versão de kindle.

FRIDMAN, Luis Carlos. Próximos ou separados? Ideias de Giddens e Bauman sobre as motivações para a política. *Lua Nova*, São Paulo, p.241-271, 2014.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011, 11 ed.

HILÁRIO, LEOMIR CARDOSO. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. Florianópolis, *Anu. Lit.*, v.18, n.2, p.201-215, 2013.

LEOPOLDO E SILVA, FRANKLIN. História e utopia. In: NOVAIS, ADAUTO (org). *Mutações: o novo espírito utópico*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016, p.93-113.

LEVI, P. *Os afogados e os sobreviventes*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MENDES, José Manuel Oliveira. *O desafio das identidades*. In: SANTOS, Boaventura de Souza (org). 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2002. p.503-540.

MOYLAN, Tom. *Scraps of the Untainted Sky: Science Fiction, Utopia, Dystopia*. Boulder: Westview Press, 2000.

NOVELLO, Eric. *Dante – Guardião da morte*. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2004.

NOVELLO, Eric. *Histórias da noite carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.

NOVELLO, Eric. *Neon Azul*. São Paulo: Draco, 2010.

NOVELLO, Eric. *A sombra no sol*. São Paulo: Draco, 2012.

NOVELLO, Eric. *Exorcismos, amores e uma dose de blues*. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2014.

NOVELLO, Eric. *Ninguém nasce herói*. São Paulo: Seguinte, 2017.

NOVELLO, Eric. Entrevista com o escritor Eric Novello. [Entrevista concedida a] Bruno Anselmi Matangrano. *Revista Abusões*, Rio de Janeiro, nº7, v.7, p.411-439, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/37871/27394> Último acesso em 19/07/2021 às 16:43.

MATANGRANO, BRUNO ANSELMO. *Fantástico brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasiamos*. Bruno Anselmo Matangrano, Enéias Tavares; ilustrações de Karl Felipe. - Curitiba: Arte & Letra, 2019.

PINTO, Maria Aracy Bonfim Serra, PORTELA, Millena Cristina Silva. Um presente para o futuro: a distopia contemporânea e suas interseções com a experiência pós-moderna. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo*. Rio Grande do Sul: dossiê nº22, 2019, p.121-136.

QUINALHA, RENAN. A questão LGBT no trabalho de memória e justiça após a ditadura brasileira. In: GREEN, JAMES N., QUINALHA, RENAN (organizadores). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2019. P.245-272.

ROSA, VILMA. *Autoritarismo*. São Paulo: Lafonte, 2020.

SANTOS, Luciano dos. As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas. *Revista Rascunhos Culturais*, Coxim/MS, v.2, nº4, p.141-157, jul/dez 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

STOPPINO, Mario. Autoritarismo In: BOBBIO, Norberto (org.). *Dicionário de política*. Tradução de João Ferreira. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p.94-104.